This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google books

https://books.google.com

A 955,613

Digitized by Google

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

DE VITA ET MORIBUS

Composto e impresso na tip. da Livraria Ferin — 70, Rua Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Digitized by Google

OBRAS DE ANTÓNIO SARDINHA

POESIA

Tronco Reverdecido — 1906-1908 (Lisboa, 1910).
A Epopeia da Planície — Poemas da Terra e do Sangue (Coímbra, 1915).
Quando as nascentes despertam... — Poemas da Turbação & da Boa Estrêla (Lisboa, 1921).
Na Côrte da Saüdade — Sonetos de Toledo (Coímbra, 1922).
Chuva da Tarde — Sonetos de Amor (Coímbra, 1923).
Era uma vez um Menino... — Elegias (Lisboa, 1926).
Roubo da Europa — Poema — Com um estudo de Luís de Almeida Braga. (Lisboa, 1931).

A PUBLICAR:

«Pequena Casa Lusitana» — Sonetos.
Procissão de Cinzas & Outros Poemas.

HISTORIA NACIONAL, FILOSOFIA POLÍTICA E CRÍTICA DAS IDEIAS

O Valor da Raça — Introdução a uma Campanha Nacional (Lisboa, 1915).
Ao Princípio era o Verbo — Ensaios & Estudos (Lisboa, 1924).
Ao ritmo da Ampulheta — Crítica & Doutrina (Coímbra, 1925).
Teoria das Côrtes Gerais — Prefácio à *História e Teoria das Côrtes Gerais*, do 2.º Visconde de Santarém (Lisboa, 1925).
Na Feira dos Mitos — Ideias & Factos (Lisboa, 1926).
Durante a Fogueira — Páginas da Guerra (Lisboa, 1927).
A' sombra dos Pórticos — Novos ensaios (Lisboa, 1927).
Da hera nas colunas — Novos estudos (Coímbra, 1929).
Purgatório das Ideias — Ensaios de crítica (Lisboa, 1929).
De Vita et Moribus — Casos & Almas. (Lisboa, 1931).

A PUBLICAR:

Glosário dos Tempos — Escritos, Conferências & Outras Palavras.
A prol do comum — Doutrina & História.
O Processo dum Rei.

ESTUDOS PENINSULARES

A Questão Ibérica — (De colaboração) — O Território e a Raça (Lisboa, 1916).
A Aliança Peninsular — Antecedentes & Possibilidades — Prefácio de D. Gabriel Maura Gamazo, Conde de la Mortera (Pôrto, 1924). 2.ª edição (Pôrto, 1930).
La Alianza Peninsular — Prólogo de Ramiro de Maeztu. Traduction del Marqués de Quintanar, Conde de Santibañez del Rio. (Madrid, 1930).

A PUBLICAR:

A Lareira de Castela.

Digitized by Google

ANTÓNIO SARDINHA

DE VITA ET MORIBUS

CASOS & ALMAS

LISBOA
LIVRARIA FERIN, EDITORA
TORRES & C.TA
70, Rua Nova do Almada, 74
1931

Digitized by Google

AC
75
.S247

Digitized by Google

PG3-036141

1291
g2

I

Digitized by Google

Digitized by Google

ESTA ELVAS...

Com os seus baluartes, as suas tôrres, os seus eirados e o seu aqueduto, Elvas é para o caminheiro que passa, um apêlo súbito às energias mais fundas da nossa sensibilidade. Qualquer dos grandes peregrinos literários de quem herdámos o veneno romântico do amor ao que se foi para nunca mais — Chateaubriand ou Barrés, bem poderiam ter-se sentado à sombra das suas muralhas e ouvir, de coração encostado a elas, a marcha compassada do tempo, marcando o rítmo da eternidade. Em cada pedra borbulha aqui uma nascente heroica — uma estrofe solta de epopeia, a que a benção serena das igrejas comunica a doce tranquilidade da tristeza cristã. Verdadeiro sanatório para almas isoladas e insatisfeitas, Elvas tanto nos fala e prende à hora pérfida do crepúsculo, como levantada em glória entre halalís raivosos de cigarras, por um céu inclemente de julho.

Frequento-lhe às tardes a desesperança melancólica dos muros desertos, e é num círculo avoejante de fantasmas que, sonâmbulo, divago, sempre

Digitized by Google

que me abandono às vozes secretas que crescem dos fóssos, que ascendem da terra, que se exalam, como ais de moribundos, dos fortins ao desmantêlo.

Tem o seu ar de mesa de sacrifício a boa sentinela fronteiriça, erguendo-se, denteada, dum chão argiloso e enrugado,—chão de cem batalhas, campo largo de holocaustos, ainda agora inapagados e gritantes. Mas, como um convento brando de freirinhas, para que em tudo Elvas repouse na dignidade das antigas necrópoles, as oliveiras cercam-na prateadas e reverentes, enchendo-lhe a paisagem adusta — paisagem só para profetas e soldados! — dum inesperado perfume feminino.

Eu não contarei desta Elvas exilada dentro de si própria — dentro do colar cerrado dos seus baluartes, os longos diálogos em que nós ambos — Elvas, a das torres scismadoras e aguerridas, e eu, pobre pequeno Barbey de província, entretemos as demoradas ansiedades do nosso interminável destêrro! Nunca os meus lábios carnais se abrirão para que sejam dos outros as revelações que Elvas me confia, ou amortalhada na nupcialidade enregelante do luar de inverno, ou reverberando as alucinações de fogo canicular.

Mas não me furtarei a denunciar o encanto de certo jardinzinho esquecido, que Elvas traz ao regaço com um carinho cioso, jardinzinho de buxos agonizantes e marmóreas urnas versalhescas, onde Beckford conversou com o abade Correia da Serra, que parece ter conhecido a presença de Lord Byron

Digitized by Google

á sua passagem para Espanha. No sussurro da fonte lastimosa, no trato cortesão das laranjeiras, com montanhas azulinas na distância, na rusticidade dos banquinhos de idílio confidencial, que admirável fundo de leque, em que os meus olhos se deliciam, sonhando com açafatas, leves como asas — sonhando com uma «cabra-cega» dourada, fútil, palaciana! Depressa, porém, a fantasia se esvai — depressa se esvai esse rebanho fluidissimo de Watteau! E na noite que desce — na penumbra que improvisa caprichosos motivos de indecisão e de assombro, Elvas, com a Cruz e a Espada, proclama bem alto a sua genealogia de cidadela infranquiável, que venceu o combate dos séculos e, por sôbre a seara ceifada das gerações, desafia ainda agora a face vítrea da morte.

Abismo-me com a fortaleza na treva que avança. O aqueduto, exausto duma galopada que dura há centenas de anos, aquieta-se no escuro como a carcaça inconcebivel dum monstro das primeiras idades. Só os sinos, riscando a passagem das horas, acordam nos écos suspensos a ressonância dos grandes momentos extintos — rebates de assédio, embaixadas entrando, o senhor bispo do «Hissope» chorando convulso, a Câmara que se ostenta, de vara na mão, atrás de S. Jorge emplumado e encouraçado. Esta Elvas!... Esta Elvas!... Como um cemitério que se agita, cobrindo-se duma população repentina e variada, que infindável maré on-

Digitized by Google

dulante de espectros, que estranha poeira de sortilégio, animando-se dum vigor comunicativo!

Há vultos familiares — vultos que se assinalam à minha pupila estática por um traço de humana afinidade — de espiritual parentesco. Eis João de Lobeira, o rico mercador, alinhando a história enternecida de Amadís, cavaleiro perfeito, que, se não fraquejava em frente de gigantes e dragões, desmaiava de amor ao avistar Oriana, sua senhora. Aquele de murça e lento gesto canónico é o bom Aires Varela, que nos pôs Homero deambulando pelos arvoredos de Elvas e aqui colocou os fabulosos Campos-Elisios das beatitudes da Antiguidade. Depois, buscando hervas e estampando flores, surge Garcia da Orta, amigo de Camões e douto como os que o eram.

Esta Elvas!... Esta Elvas!...

A noite morre, o dia rompe, outra noite vem, outro dia morre — e Elvas, igual à essência eterna da Vida, com os seus baluartes, o seu aqueduto, as suas igrejas e os seus eirados, continua sendo um apêlo súbito às forças que dormitam dentro da nossa sensibilidade. Só os homens não entendem a calada linguagem da fortaleza, saída da mesma forja de que saiu, veemente e nobre, a raça de que nós hoje somos os vís bastardos. Perpétuo exílio — incompreendido destêrro! Sinto-lhe eu toda a dôr sem nome, todo o pêso enigmático e fatídico.

Esta Elvas!... Esta Elvas!... E refugio-me no tal jardinzinho versalhesco e discreto, com

Digitized by Google

serranias azulinas a distância. Aflui-me então do coração à bôca, como uma bebida amarga, uma velha canção francesa. E como um responso rezado a mim próprio, as urnas de mármore e os banquinhos de idílio confidencial soluçam mansamente comigo:

Nous n'irons plus au bois,
Les lauriers sont coupés!

Setembro, 1924.

Digitized by Google

Digitized by Google

A QUINTA DO VÈDÔR

«A este sitio chegou Homero, Principe dos Poetas... e assentou que estes eram os Campos Elysios, em que a gentilidade d'aquelle tempo tinha por certo descançarão as almas dos bem afortunados.»

AYRES VARELLA — *Theatro das antiguidades d'Elvas.*

Eu vivo agora às abas do Forte da Graça, numa quinta verde que nem uma écloga. É a Quinta do Vèdôr, merecedora de todas as honras entre as quintas desta redondeza. Avista-se-lhe de longe o arvoredo espesso, recortando-se num fundo severo de paisagem.

No vale argiloso e sedento é uma mancha permanente de frescura. Nunca se lhe acaba a água na nora e os tanques transbordam-lhe sempre no murmúrio mansissimo das regas. É uma quinta de fama a Quinta do Vèdôr! Tem capela e campanário com S. João em pequenino num painel ingénuo de azulejos. E a estrada nova passa-lhe rente da

Digitized by Google

porta, com casas dum lado e outro, como se fôsse uma rua tranquila de aldeia.

Pois admira que os senhores não conheçam a Quinta do Vèdôr! Camilo prometeu que, se um dia viesse a Elvas, seria só para a visitar. Encontrava-se com ela nos seus serões de peregrino das coisas velhas. E sôbre as páginas encarquilhadas dum códice carregadinho de idade, a pena do romancista concentrou-se um momento para nos contar aquele triste caso do *Corcovado*, morto a tiro a dois passos daqui, reinando em Portugal D. Filipe IV de Castela e sendo bispo de Elvas D. Sebastião de Noronha. É uma história de ódios fidalgos, desenlaçada tràgicamente ao pé do muro da quinta, lá onde se vê uma cruz de granito, quando o ribeiro de hoje era ainda simplesmente uma azinhaga vestida de fetos.

A quinta chamava-se então a horta do Montarroio. Quem lhe deu o nome mais pomposo de quinta, tem o seu nome inscrito nos nobiliários da província. Foi um certo Manuel Rodrigues de Ataíde, vèdôr geral de artilharia no exército do Alentejo, aí pelos meiados do século XVIII. Já se compreende porque eu me admiro que os senhores não conheçam a Quinta do Vèdôr! Das raras vezes que a pena de Camilo viajou pelas planícies do sul, logo descansou à sombra dela. A' sombra dela descansou também um Ataíde, não sei se dos legítimos Ataídes do Reino, com costela iluminada nas linhagens fartas da região. Nasceu para grandes

Digitized by Google

destinos a Quinta do Vèdôr! Anda nomeada nos livros e até aparece nas cantigas do povo. E não falo eu da glória que lhe ha de trazer a minha residência aqui, com Homero, Príncipe dos Poetas, procurando o meu convívio modesto. É essa uma circunstância preciosa que não quero roubar às preocupações eruditas de algum biógrafo que o futuro me reserve!

Mas a prosápia da quinta não se fica apenas em Camilo e no vèdôr geral. Lá em cima, num sòtão, onde amadurecem marmelos, dependura-se um quadro a óleo, com um frade alentado, olhando-nos em ar de hostilidade dentre as prégas do hábito. «*Do serviço da Rainha N. Sr.ª. Ao Rev.mo Fr. José da Consolação, Ex-Vigario geral dos Agostinhos descalços. Boa-Hora.*» Assim o frade nos diz quem seja, no papel que à maneira da época o pintor lhe deixou nas mãos. Passando do vèdôr geral de Artilharia ao vigário geral dos Agostinhos Descalços, em nada descaíu a quinta do luzimento primitivo. A Cruz depois da Espada. Em seguida a um Ataíde encabeçado nas genealogias da província, o prelado duma ordem religiosa, acreditada em virtudes e em letras. E não conheciam os senhores a Quinta do Vèdôr, merecedora de todas as honras entre as quintas desta redondeza!

A quinta herdou mais do frade que do vèdôr geral. Não é uma habitação solarenga com pedra-de-armas à esquina. É antes uma vivenda desafogada para ócios de abastança no trato sadio das

Digitized by Google

sementes e das colheitas. Do vèdôr restá unicamente a lembrança no nome. Do frade há traços constantes que o tempo só apagará, apagando-os com a quinta. A irregularidade da habitação é um contraste com o aprumo da capela. Fr. José da Consolação não se esquecia nos regalos do campo de rezar as horas canónicas. Duas ou três cadeiras vastissimas que escaparam à sanha do bicho e à ruína dos anos, fazem-nos pensar nas sestas pesadas de sua reverência. Eu perco-me dentro delas, se acaso lá procuro ageitar o meu corpo franzino de civilizado. Mas os sentidos arrebatam-se-me num gôzo espiritual de conventinho rústico, se adivinho o dedo do frade nos letreiros latinos e nos sinais piedosos que dão à quinta um valor indefinivel: *Rua de S. João. Rua de S. Jerónimo.* E emquanto S. João, um S. Joãozinho muito doce, venerado nos encantos da sua meninice, se espelha e sorri no azulejo luzente, — «*Sancte Joannes Baptista ora pro nobis*» —, tosco, de barro grosseirissimo, torce-se S. Jerónimo em flagelações ásperas de eremita, entre cedros e avencas, num sítio recondito que — Deus me perdôe! — é mais para a leitura dum idílio de Teócrito que para a meditação duma homilia cristã. Goteja uma fonte aos pés do grande doutor da Igreja. E o grande doutor da Igreja, exasperado no ardor do sacrifício, ocupa o lugar da ninfa, padroeira da fonte, foragida talvez entre a teologia compacta de Fr. José da Consolação.

Digitized by Google

Há nichos desertos nas paredes faiscantes de cal. Sustidas por pilares robustos de alvenaria, as parreiras cobrem a quinta dum docel vergiliano. São latadas e latadas com os cachos loiros, desafiando o nosso apetite neste subir ardente de outubro.

Ouve-se na placidez da tardinha um baque surdo, de quando em quando. É um pomo que simbòlicamente se desprende das laranjeiras, como que a despedida de verão no fruto derradeiro da árvore. Por uma aberta da ramagem apanham-se bocados de horizonte. Por onde quer que se vá, é sempre o Forte que dominadoramente nos acompanha. Mas agora é a cidade velha que a folhagem enquadra, toda de negro nas muralhas fernandinas do seu castelo. Revivem os olhos um trecho de Idade Média com as serranias de Espanha esbatendo-se ao largo. Vem-me à memória o escudeiro Gil Fernandes mais a «canalha das vinhas», soltando na vila de Elvas o grito de revolta pelo Mestre. Crepúsculo com laivos de sangue nas franças mais altas do arvoredo. Nítidos, vibrantes, descem do Forte toques militares. O vento do Outono ensaia já a ladainha das fôlhas sêcas. E a quinta prepara-se para os mistérios da Sombra, confiada em S. Joãozinho que a proteje dentre as tintas discretas do seu azulejo luzente.

Quando ao dia seguinte o sol se esborralha pelo céu acima, eu saio à minha volta costumada. As romãs, coroadas e floridas, levantam em triunfo a

Digitized by Google

nudez já visível da quinta. Demoro-me uns instantes debaixo dos cedros de S. Jerónimo e debico um ou outro bago de uva, ao atravessar a Rua de S. João. Ao longe, nas tremulinas da manhã, chamam sinos à missa. E o vale, sedento e argiloso, apresenta uma gravidade recolhida de templo nas oliveiras que o povoam religiosissimamente. Debruço-me do muro da quinta para o ribeiro que se alimenta com os sobejos da rega. Lá está a cruz do *Corcovado*, lembrando à nossa piedade o trágico fim de Mem Rodrigues de Vasconcelos.

O terreno indireita-se de súbito numa galopada estranha. Aqui morderam o pó os soldados de Castela aos golpes enraivecidos da nossa gente. Corriam aqui as linhas de Elvas, rotas pelas tropas bisonhas dos concelhos do Alentejo naquele janeiro de 1659. As oliveiras do vale são a benção mortuária aos que caíram de espada em punho pela defesa dos lares e dos Altares. Para além da encosta, ergue-se o padrão da vitória, junto a uma igrejinha campestre que só o isolamento e o silêncio tornam imponentes. Se Maurice Barrès, meu professor de sensibilidade, vier a Portugal, hei-de leva-lo a essa colina inspirada. É lá que eu aprendo a filosofia profunda da Terra e dos Mortos. É lá que se poderia entoar um *Miserere* contrito pelo pecado colectivo da Raça.

E, entretanto, na minha volta costumada, acerco-me dum bosquezinho de murtas centenárias. Numa taça de mármore de Extremoz, agoniza o

Digitized by Google

fio dum débil repuxo. Na meia penumbra, atraídas pela frescura do bosquezinho, as abelhas precipitam-se sôfregas para a taça quási sêca. É um bocado perdido da vinha de Horácio para as horas abrasadas do estio. «*Otia tuta*» — inscreveram-lhe por cima, num secreto sibaritismo. Não é lembrança decerto de Fr. José da Consolação. O quadro do sòtão onde amadurecem marmelos não nos indica nada do gôsto do frade pelas citações clássicas. Depois de Fr. José da Consolação, a quinta entrou na posse dum cónego notável em letras profanas e em mesuras eclesiásticas. Foi o último vigário capitular dêste bispado defunto. E pelo seu braço repousaria no refúgio aprazível dos «*Otia tuta*» também o último bispo de Elvas,—uma figura dolorosa de prelado que a Liberdade de 34 nas ruas de Lisboa espancou. Um vèdôr-geral, um vigário-geral, um vigário-capitular e talvez um bispo! É lustrosa e de respeito a dinastia dos possuidores da quinta! Se a tradição não mente, emquanto se alevanta o Forte da Graça, na quinta residiria o general que dirigiu a marcha da obra. Assim o afirma o Joaquim, do Vèdôr, — um com feições de mouro, encorreadas pelo trabalho. Seria Valtére? Seria o próprio conde de Lippe? E as delícias dos «*Otia tuta*» enervam-me, não me deixam ligar ídeias. Vejo o vigário-capitular transformado em pastor da Arcádia. Dançam as Camenas com o cabido da Catedral. E' uma merenda de cónegos, em que Títiro, de barrete e sotaina, puxa da frauta bucólica, e Cori-

Digitized by Google

don, de roquete e capa-de-asperges, interpreta uma passagem tortuosa de Ovídio. S. Joãozinho me acuda, que desvairo de todo, por causa do elogio da Preguiça que o vigário-capitular estampou à entrada do seu bosquezinho de murtas!

*

* *

Já cá não achei êste ano o tio Romão. Levou-o a morte na semana da Páscoa com Jesus resuscitado.

Contava-nos contos o tio Romão,—e que contos lindos o tio Romão nos não contava! Iamos ouvi-lo à noite para o terraço, resurgindo assim um aspecto da antiga vida familiar em comum. O tio Romão sentava-se, — «*Ora com sua licença!*» —, e dava comêço ao conto. Era em agosto com a canícula abafando os corpos e as raizes numa secura de flagelo. Desfazia-se a lua por sôbre as ramadas frondosas na suavidade brandissima dum sacramento. Ás vezes cortava a imobilidade atenta do ar o ai espaçado dum sapo. Brilhavam estrêlas reflectidas por entre o escuro, a distância, nos lampejos fugitivos da água da rega, andando sempre, não parando mais. E a linguagem do velho prendia-nos com os seus pitorescos imprevistos, com a sua candidez primitiva.

Sentindo-se escutado, o tio Romão continuava. Continuava com singelezas medievais de expressão,

Digitized by Google

uma psicologia quási infantil de sentimentos. Havia traços felizes de presépio nas personagens que o tio Romão nos descrevia. Bispos e reis, raínhas e fadas, fidalgos e pastores, não passavam nunca do mesmo tipo rude, reproduzindo-se invariàvelmente. O tio Romão olhava-os como olharia para o feitor nos sábados, ao receber a jorna. Não conhecia outro modêlo mais alto, nem momento mais solene. Não me esquece a mim o conto da peregrina que foi a Roma confessar-se ao Padre Santo: «*Truz! Truz! É aqui que mora o senhor Padre Santo?*» E veio uma criada à escada, como quando o tio Romão ía à cidade, a casa da senhora. Ora o Padre Santo que estava a escrever uma carta no seu escritório, um escritório como aquele em que o tio Romão recebia o dinheiro da féria, — mandou dizer à peregrina que fizesse favor de esperar um pedacinho, — o pedacinho que o tio Romão esperava, emquanto o não mandavam subir e entrar.

Em homenagem à memória do tio Romão, nunca mais se contaram contos no terraço da quinta. Pobre do tio Romão! Levou-o a morte na semana de Festa e já cá lhe desempenha as obrigações uma espécie de gnomo sorridente, que lembra em carne e ôsso o *Borda-de-Agua* das folhinhas baratas. Não encontrei outra diferença no pessoal. São os mesmos os trabalhadores que me falam, de enxada ao alto, semi-curvados para os trabalhos da horta. Por entre rodas de «*vossemecê*» e de «*senhoria*», eu dou todos os dias a minha volta costumada, nas

Digitized by Google

mãos citadinas a cana ligeira da volta do Chiado. Paro-me, informo-me, ao acaso, de qualquer nada. Chove? não chove? E trocam-se meia duzia de palavras, a propósito do tempo e da novidade. Como eu mereço os desdens implacáveis dos Príncipes da Literatura que só gostam da natureza através de vidros de côr!

Consola-me dêsses desdens o segredo espantoso que a minha fortuna me quís confiar. Desde a mais remota antiguidade que os sábios não se entendem — e muitos até endoideceram! — por causa do Jardim das Hespérides. Reunem-se ainda agora academias doutíssimas com os óculos doutíssimos arregalados para doutíssimos cartapácios. E o problema mantem-se fechado, o problema persiste em se manter inexorável. Em que parte da Esfera, — continente ou ilha, é que ficaria o Jardim das Hespérides? E as cabeças venerandas não atinam, as cabeças venerandas encalvecem de tanto scismar! Vêem abaixo livrarias inteiras para se escreverem gordos tratados e com gordos tratados se levantam novas livrarias. Pior que o enigma da Esfinge, o problema nunca mais se resolve. Foram reunir para o manicómio academias em pêso, com os académicos de olhos no vago, interrogando vagamente: — «Em que parte da Terra fica o Jardim das Hespérides?» Quem não se suicida enlouquece, quem não enlouquece, suicida-se. Não conhece outro des-

Digitized by Google

fecho esta questão tenebrosa do Jardim das Hespérides!

Pois o Jardim das Hespérides... — e eu embaraço-me diante da grandiosidade da revelação!

Pois o Jardim das Hespérides... — sejamos simples, como a verdade o é. Afinal, o Jardim das Hespérides, meus senhores, fica ali à entrada da quinta, quando a gente desce, do lado direito!

É um muro caiado de fresco, com uma porta baixinha, defendida por um par de valentes cancelos de ferro. Pode visitar-se, porém, à vontade, porque os cancelos estão sempre abertos, apesar do enorme cadeado que lhes pende das guardas. Compreende-se que não haja motivo para precauções, desde que Hércules violou o preceito do horto encantado.

«*Jardim das Hespérides*» — anuncia um azulejo modesto por cima da portinha de ferro. — O Jardim das Hespérides — e anunciado por azulejo!, exclamei eu na manhã já longínqua em que os deuses me trouxeram pela primeira vez a tão extraordinárias paragens. É mais uma manha do dragão para atraír os incautos! E quedei-me a considerar o recanto de maravilha. Por entre os cancelos escancarados, avistava-se verdura e só verdura. Pouco duraram as minhas considerações. Enfiei direito ao portado por onde o filho de Júpiter entraria mas só de gatas. Não levava clava nem os favores da Imortalidade. Levava comigo um diabinho curioso a escarnicar, cá dentro de mim. O dragão com certeza

Digitized by Google

que não deitava já chamas pela bôca, porque as rosas floriam deliciosas no jardim delicioso. Enxergavam-se bancos de alvenaria, sem dúvida para as Hespérides descansarem. E eu avançava sempre, mais preocupado agora com um ruído inexplicável que subia dentre a espessura do arvoredo. Pensei por momentos no salto do dragão. Mas, ai de mim! quando a minha curiosidade se arriscou um pouco mais, não foi diante do monstro que eu recuei. Recuei mas foi diante do burro da quinta, puxando à nora pachorrentamente.

Não me resignei eu a aceitar em pleno Jardim das Hespérides um burro em vez de um dragão. Vi logo oculto sentido dos deuses nesse encontro inesperado com um animal que não figura entre os animais nobres da Mitologia. Não descortinaria, porém, a verdade do símbolo, se não me valesse a sabedoria de Homero, Príncipe dos Poetas. Eu viera para aqui espairecer as melancolias da minha alma doente. Ia acabando de me mirrar com o caso estupendo. Arrastava-me de olhos no vago, não a preguntar como as Academias, em que parte da Esfera, ficava o Jardim das Hespérides, mas declamando a cada eco em solilóquios lastimosos: — Porque é um burro e não é um dragão? Compadeceram-se os fados da minha triste sorte. E duma bela ocasião, à hora do dia, achei-me na presença dum velho venerando, coroado de louros e de lira enfiada no braço. O velho tinha as pupilas paradas na imobilidade augusta dos cegos e a túnica de li-

Digitized by Google

nho caía-lhe até às sandálias em pregas severas. Não deixou que o interrogassem. Ele mesmo se apresentou:

— Homero, Príncipe dos Poetas.

Inclinei-me perante o ancião, veterano glorioso da República das Letras. O meu mal já era viver com um pé na Fábula e outro na Idade-Moderna. Acabei de transtornar-me. Quís exprimir a Homero a honra que sentia em o conhecer pessoalmente. Faltou-me a inspiração na palavra e com a língua entaramelada gaguejei no tratamento a empregar. Decidi-me pela segunda pessoa das apóstrofes clássicas, tal como Júlio César ao rolar no Senado, debaixo do punhal de seu filho Bruto. E no diálogo discreto que ambos entretivemos, as minhas falas decoraram-se sempre de vocativos sonoros, que nem as tiradas dum aluno furioso do primeiro ano de Artes Dramáticas.

Homero, Príncipe dos Poetas, mostrou-se familiar como ninguém. Ele em tempos viajára por êsse mundo que não era ainda o mundo de Cristo. Viajára à cata dos Campos-Elísios. Veio descobri-los nos arredores de Elvas, — como em secretos autores esquadrinhou depois um varão ilustre da cidade. Dos Campos-Elísios pouco já restava com a ganância crescente dos homens. Os imortais padeciam a sina miserável do esquecimento, desde que as ninfas e os faunos tinham fugido, derrotados pela relha atrevida das charruas. Semeava-se trigo onde outrora floriam as pétalas divinas do lotus. E Homero

Digitized by Google

sentava-se à sombra do parreiral num dos bancos de alvenaria do horto encantado. Abafava o calor. Ofereci-lhe água-fresca e caramelos.

— Serves-te, ó tu, Homero, Príncipe dos Poetas?

E Homero, Príncipe dos Poetas, serviu-se. Já na intimidade dos caramelos e da água-fresca, eu soube então do mistério assombroso da quinta. Na Quinta do Vèdôr, à certa, com medidas exactas e demarcações rigorosas, é que Homero descobrira os Campos-Elísios. Pedi imediatamente perdão na minha consciência ao vigário-capitular. Não fôra êle quem mandára inscrever à entrada do bosquezinho de murtas o elogio da Preguiça. Lá é que ficavam os Campos-Elísios. Era ali o Retiro dos Bem-Aventurados.

Abismei-me. Mas com a mão no meu ombro, Homero acrescentava, solícito: — Quanto ao «Jardim das Hespérides», não há motivo nenhum para estranhezas! O burro, é na verdade, o dragão. Não aparecem os burros a tirar o lugar aos homens nos povos bêbedos de democracia? Conta-o Platão, nosso chorado confrade, numa alegoria que é preciso andar bem lembrada. É que nós, na antiguidade, sofremos o coice do burro alegórico de Platão. O burro foi, efectivamente, o dragão do nosso tempo. Não do meu, porque no meu ainda havia gente que mandava e gente que obedecia. Mais tarde é que as coisas levaram volta. Que o diga o pobre Sócrates mais a sua taça de cicuta!

Digitized by Google

— A minha tortura subsiste, e subsiste dolorosa! — lamuriei desconsolado. Como é que, sendo o dragão um burro, o burro me sai um dragão?

— Nada mais claro! — volveu Homero com indulgência. As vítimas já eram tantas, que, usando das licenças poéticas, entendemos disfarçar por dignidade delas e nossa, a realidade ridícula do burro com a grandeza dum símbolo terrífico.

— Mas Hércules? Ó Homero, Príncipe dos Poetas, o que me dizes tu de Hércules? — precipitei-me eu sôfregamente, como quem procura um caminho salvador.

— Hércules? Vejo que também o dragão te aflige, meu acabrunhado amigo! Se assim é, recorda-te dos conselhos de Ulisses, o mais prudente de todos os gregos: «Haja só um a governar e que êsse seja Rei!» — observava êle aos heróis acampados diante dos muros de Tróia. Quando vires um só a governar e vires que o tratam de rei, tu compreenderás melhor o mito de Hércules e do dragão.

Suspendi-me a reflectir em sentença tamanha. Entretanto Homero, alegando a altura do sol e a distância a percorrer, despedia-se com amizade. Aludiu de leve aos Futuristas e preguntou-me se eu me empregava na profissão de esteta. Com estalinhos na bôca, prometeu-me voltar à água-fresca e aos caramelos. E enquanto lhe agradecia a estima com que me distinguira e me confessava seu admi-

Digitized by Google

rador muito grato, o Príncipe dos Poetas sumiu-se, sem eu saber por onde.

*

* *

Aqui têem os senhores como eu, vivendo às abas do Forte da Graça, vivo sempre com um pé na Fábula e outro na Idade-Moderna. Quando me demoro na Idade-Moderna, demoro-me com o frade lá de cima do sótão, com a história trágica do *Corcovado* e com o Padre-Santo dos contos do tio Romão a mandar a criada à escada e a escrever uma carta no seu escritório. Se pairo pelas regiões serenas da Fábula, faço de imortal nas delícias do *Otia tuta* e filosofo de perto com o dragão do Jardim das Hespérides, sem perder a esperança de que se cumpra o conselho de Ulisses e eu compreenda então a verdade do mito. Aguardo a visita prometida de Homero para desvanecer ainda uma preocupação. É que não percebo por que secretos desígnios, os Campos-Elísios e o Jardim das Hespérides se tornaram pelo giro do tempo e da Fortuna, numa quinta murada e hortada com biografia no Registo-Predial. Confio em que o Príncipe dos Poetas me esclarecerá com a sua proverbial bondade. O que eu posso desde já afiançar é que, para matéria de Hespérides, as laranjas da quinta

Digitized by Google

são admiráveis e que, para retiro dos bemaventurados, o bosquezinho de murtas incomparável.

A linha férrea do Leste passa perto da quinta, do outro lado do Forte. Pensem agora os senhores num apeadeiro para os Campos-Elísios com carreirra directa pelo Jardim das Hespérides!

Outubro, 1916.

Digitized by Google

Digitized by Google

A GUERRA DO «HISSOPE»

Fui-me hoje sentar no jardim do Senhor Bispo sôbre os bancos tôscos de alvenaria, meio embebido na pastoral desmaiada da tarde. Porque é natural que Vossas Mercês tenham conhecimento de que eu vivo numa quinta de gloriosas tradições episcopais com suas altas e copadas árvores, com seu dôce e regalado sossêgo. Por aqui andaram doidejando, ladinas, as musas de António Dinís da Cruz e Silva. E talvez que, no mesmo assento tôsco em que esta tarde me repousei deleitadamente, ouvindo a queixa saudosista das régas, se sentasse também algum dia, chorando a dor do seu orgulho ofendido, aquele D. Lourenço de Alencastre — o prelado famoso da guerra do *Hissope*.

No crepúsculo que subia, uma cigarra teimava em nos repetir a sua troça implacável. E se a tranquilidade das coisas me trazia à alma um perfume manso de écloga cristã, não podia, comtudo, expulsar-me do espírito a lembrança irreverente dessa grande briga eclesiástica, de que nos ficou memória duradoira.

Decididamente, o génio feroz das Bagatelas tomára conta de mim! E eu abandonava-me, encan-

Digitized by Google

tado, às sugestões do duelo tremendo que, junto da igreja de Elvas, travaram entre si, e bem duramente, a *Excelência* e a *Senhoria*. Hesitante, sem me resolver por nenhum dos dois partidos, poderia lá, em todo o caso esquecer-me, de que ali no mesmo banco tôsco de alvenaria, me antecedera talvez, em pleno morgadio de tão verdes sombras e de tão claras águas, a apoplética vítima das gargalhadas do meu defunto colega, o dr. António Dinís!

«Eu canto o Bispo e a espantosa guerra
Que o Hissope excitou na igreja de Elvas...»

E o Senhor Bispo passava agora diante dos meus olhos, rodeado duma côrte de cónegos mesureiros, enquanto mais longe, chupando no dedo, num detalhe indescritivel de comédia, se recortava a linha ossuda do Deão, entregue às conspirações da sua vaidade em rebeldia.

Assim ganhavam corpo, com o crepúsculo subindo, as sátiras desbotadas de certo Elpino Nonacriense, morcego da Arcádia, que, mais tarde, já desembargador, de fivela no sapato e hábito de Cristo ao peito, pagou com língua de palmo o seu tributo ao Génio das Bagatelas, roendo negramente no Rio de Janeiro os insuportáveis despeitos da *Senhoria* contra a arrogância despótica da *Excelência*.

É essa uma história que eu queria por em letra redonda, se me sentisse com coragem para desa-

Digitized by Google

gravar o senhor Bispo, eu que lhe aproveito o remanso da horta e a quietitude idílica dos seus laranjais. Mas hoje, — feio e horrendo pecado! — apoderou-se de mim uma secreta recreação em repetir, em reviver, uma a uma, as scenas da «espantosa guerra». Intriga-me duma maneira incrível o diabo da cigarra que não se calou ainda e que eu receio não seja o disfarce pastoril de alguma das musas de António Dinís...

*

* *

«Reinava a doce paz na Santa Igreja.
O Bispo e o Deão, ambos conformes,
Em dar e receber o santo hissope,
A vida em ócio santo consumiam.»

Mas, «ídolo de pelões e de casquilhos», a *Senhoria* tramava com raiva surda, profundas maquinações tenebrosas. Houve tempestades nos copos de água, desmaios nos açafates de costura, quando a sua ira explodiu, flamejante. Os céus e a terra cobriram-se de sinais fatídicos. Sôbre os fortes armários holandeses apareceram rachadas as peças mais ricas da baixela da Mitra. Um besoiro atreveu-se a espinotear de encontro às gorduras venerandas da *Excelência*. E ao subir para a sua liteira com aquela lentidão prelatícia, só própria dum Alencastro, os pardais zombeteando, estercaram em cima do senhor Bispo.

Digitized by Google

Foi então que, espantosa, a guerra se declarou. A guerra do Hissope, mais dura, mais encarniçada que a do Alecrim e a da Mangerona! Para ressuscitar o teatro de toda essa porfiada campanha, não preciso senão de alargar um pouco a minha vista preguiçosa. Enramalhetada pelas altas frondes, a Catedral perfila-se ao fundo, — a Catedral, pobrezinha dela! — que nunca teve carrilhão nem «vintesinos». Por detrás do aqueduto, assoma ligeiramente o Conventinho dos Capuchos, onde o «farfante deão» travou relações, jubiloso, com *Monsieur Pariz* e *Madama Pena Lopes*. Bem perto de mim, quási a tocar-lhe com a mão, recata-se no seu docel de glicínias, a nora — a dramática nora daquela desgraça que nós sabemos...

«...andando de passeio pela quinta,
Com passo lento a êle se achegava
Da nora o velho burro e alçando o rabo
Dois coices lhe pregava no vazio.»

Entretanto, o crepúsculo avança, cresce, envolve já, nivelado e indiferente, os arvoredos geométricos da quinta. Era aqui, entre parreirais bucólicos e linfas cristalinas, que o senhor Bispo costumava vir pela tardinha,

«A frescura a gosar do seu Versalhes».

Pois é aqui, entre parreirais bucólicos e linfas cristalinas, que eu recapitulo agora, como num

Digitized by Google

curso do Estado-Maior, as rijas e bravas batalhas da «espantosa guerra» do Hissope.

No crepúsculo já dominado, o senhor Bispo continua rodeado por cónegos redondinhos e mesureiros. Por detrás do aqueduto, sumiu-se de todo o Conventinho dos Capuchos e ninguém enxerga já para além das altas frondes, a Catedral que nunca teve nem carrilhão nem «vinte sinos». A nora, reclinada no seu docel de glicínias, tornou-se mais enigmática, mais impenetrável.

Só, entre a terra e o céu, chupando eternamente no dedo, nas raivas mal contidas da *Senhoria*, o Deão se destaca, esgalgado e ossudo, a comandar as primeiras investidas da noite.

Olvidei-me de mim no banco tôsco de alvenaria. Já as estrêlas picam o firmamento fundo de Setembro. E parece até que da água arrastada da rega sobe uma voz de ironia misteriosa, dizendo sempre, dizendo sem nunca se cansar:

«Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra
Que o Hissope excitou na Igreja de Elvas!»

Digitized by Google

Digitized by Google

MONSENHOR

A António Mendes de Andrade

Repartido entre as obrigações canónicas do côro e a arte complicada de praticar as boas maneiras, Monsenhor guardava consigo qualquer coisa de abade gentil, com punhos de renda e sorrisos de mel, a quem coubesse entre as misérias do mundo, o encargo doirado de confessar culpas de amor e ser indulgente para com elas. Chegava a imaginar-se às vezes em fundos preciosos de leque, com bandos airosos de açafatas, dando-se os braços airosamente, sôbre as paisagens miúdas de Watteau. Monsenhor sofria então o exílio duma saudade sem fim, quando, passando o anel de pedra roxa nos dedos afilados e magros, se considerava fora de si, nas suas sedas pomposas de prelado doméstico da capela do Papa. Dado às letras antigas e ao enlêvo íntimo de música, Monsenhor toçava órgão e tinha uma voz educada, — uma voz das muitas que há na província. Pois o órgão lhe recebia as queixas da alma dolorida, no recato frio da sua fria sala de celibatário. Inclinado para a palidez das teclas, pelos serões arrastados de inverno, Monsenhor con-

Digitized by Google

fiava ao desabafo dum trecho predilecto o segrêdo do seu sonho de sempre, do seu sonho duma vida inteira consagrada ao serviço de Deus. E o pecado do orgulho ganhava-o lentamente, ganhava-o de mansinho, como uma nuvem de incenso ascendendo devagar. E eram períodos soltos de pastoral, passagens eloqùentes de prelados em exercício do seu ministério. «*Amadas ovelhas em Nosso Senhor Jesus-Cristo...*» «*Indigno da cadeira a que subi...*» E Monsenhor, a escutar-se, suspendia-se um pouco, como que encantado eco brando da sua palavra branda.

Pequenino, muito alçado nos tacões alçados, Monsenhor vivia no enlêvo calmo da sua figura, afagando-se com a expressão beatífica de quem nascera para destinos mais altos e mais gloriosos. Surpreendia-se de mitra na cabeça e báculo erguido, presidindo à igreja de Elvas, a cuja sombra crescera, debaixo da graça compassiva de Deus. E Monsenhor recordava, meditativo, a sua viagem a Roma, donde voltara prelado doméstico da capela do Papa.

No Vaticano reùnia-se um concílio de que ficaria lembrança na história. Confiou o cabido a Monsenhor a representação da diocese sem bispo. E Monsenhor partiu, — partiu para a Cidade-Eterna, ensaiando mesuras diante de todos os espelhos, com os tacões mais alçados e nas chinelas decotadas umas fivelas maiores. Viajou com prelados, viajou com cardiais. Em Roma o Santo-Padre recebeu-o

Digitized by Google

em audiência particular. Monsenhor, desvanecido, beijou o pé ao Papa e discursou-lhe em latim.

No regresso Monsenhor teve na sua residência discreta a cidade toda a cumprimentá-lo.

Monsenhor chegou de manhãzinha, mais alçado nos tacões alçados, com fivelas preciosas nas chinelas mais decotadas. Acompanhava-o um fâmulo, em modos de séquito de bispo, porque Monsenhor voltava de Roma quási bispo, depois de ter discursado em latim ao Papa. Houve reverências de missa-cantada na estação, ao apear-se.

Monsenhor, muito cortês, protestou para a assistência, como que sumido numa visão a distância: — Ora para que se incomodaram! Demais a mais tão cedo!

E muito lento, sem se deter, Monsenhor instalou-se na sege, seguido do fâmulo.

Soaram foguetes. Os sinos da catedral romperam em repiques de alegria, mal Monsenhor se desceu à porta de casa.

Ia começar a recepção. Não tardaram a encontrar-se na sala os amigos de Monsenhor — a câmara, o comandante da praça — eu sei lá!, numa compressão de batinas negras e de fardas vistosas. Monsenhor apareceu. Apareceu com o ar de quem tinha ido a Roma e falara em latim ao Papa, tornando de lá quási bispo. Alguns, mais velhos, com as lágrimas assomando, recordavam-se de Monsenhor rapazinho no tempo em que andava na aula. «Dera logo sinais do que viria a ser!» — comenta-

Digitized by Google

vam, passando o lenço pelos olhos. E entretanto Monsenhor avançava como que processionalmente. Assim processionalmente, Monsenhor atravessou por entre a assistência, inclinando de leve a cabeça num rigorismo meticuloso de grande cerimonial, sumindo-se ao fundo da sala, por detrás dos reposteiros.

Num movimento de estranheza, o governador da praça puxou dos bigodes, tossindo forte, com uma mirada de cólera passeada em redor. Iam decerto rebentar murmurações incontidas, num escândalo de retiradas bruscas, quando, correndo-se o reposteiro por onde Monsenhor se sumira, se viu na sala imediata armado um altar, com tudo disposto para o sacrifício da Missa. Como prelado doméstico do Papa, Monsenhor gozava o privilégio de oratório privativo. Paramentado, com a assistência caindo de pasmo em pasmo, Monsenhor subiu para o altar, nos preceitos do rito.

Rezou-se a missa numa observância miuda de liturgia, como quem viera de Roma e a ouvira talvez rezar ao Papa. Já o lance angustiosissimo da Consagração se passara. Passara-se a súplica emocionante do *nobis quoque*.

«*Ite missa est!*» — anunciou Monsenhor dos degraus do altar, num ranger de damasco rico. E a curiosidade aumentava, mal reprimida na interrogação perplexa da fisionomia. Mas já desparamentado, muito correcto na sua batina debruada a vivos vermelhos, eis que Monsenhor desponta de novo,

Digitized by Google

sorrindo, de braços estendidos para todos: — Ora desculpem-me! Primeiro, já se vê, era a dignidade que entrava! Agora é o amigo muito reconhecido, que não sabe como agradecer tantas e tantas atenções. Compreendera-se, enfim!, a assistência saíu encantada com Monsenhor. Tratava-se dum homem que voltava de Roma e que aprendera naturalmente aquilo com o Papa!

*

* *

Quando eu atravessei as campinas da formosa Itália... — e Monsenhor, depois do regresso de Roma, não dizia outra coisa nos seus sermões, não dizia outra coisa nas suas cartas, até nas frases curtas dos seus cumprimentos. Pequenino, mas cada vez mais alçado nos tacões alçados, Monsenhor ia e vinha de casa para a Sé e da Sé para casa, — «*Quando eu atravessei as campinas da formosa Itália!*» —, em cortesias para a direita e para a esquerda, vestido de prelado, de anel de pedra roxa, brincando-lhe entre os dedos magros e afilados. Elvas em massa alpendurava-se das janelas para o vêr passar, seguido sempre, a distância, pelo rapazio em bando silencioso. E um dia veio, — oh, a glória do dia inolvidável! —, em que Monsenhor se decidiu a subir os degraus da catedral, de mitra branca na cabeça, todo resplandecente de sedas episcopais. Faltava-lhe o báculo e a cruz,

Digitized by Google

porque Monsenhor não tinha rebanho, — para ser bispo completo, faltava-lhe a sagração e a diocese. E o sonho de Monsenhor alevantava-se mais forte dentro dêle, com o sorriso fino envolvendo numa carícia secreta, a velha catedral manuelina.

Em Elvas não se esqueceram ainda do alvorôço que houve na cidade ao correr a notícia que Monsenhor cantava de pontifical. Até a catedral pareceu renascer para a memória das suas grandes horas passadas. Com o incenso espiralando em ondas grossas e lentas, Monsenhor oficiava no altar flamejante de oiros sacerdotais, debruçado num pecado contente de orgulho para o seu sonho de sempre, para o seu sonho duma vida inteira consagrada ao serviço de Deus.

Lá de cima, do côro, o órgão, majestoso, desprendia a revoada dos seus sons majestosos. Brilhando em lumes de festa, ao alto das três naves rumorosas, o altar quási não chegava para as voltas solenes do cerimonial que Monsenhor quisera minucioso e de aparato. Cada vez mais debruçado para o seu sonho de sempre, êle ia e vinha, nos vagares arrastados do rito, com a ametista scintilando na sua mão ossuda e cuidada de prelado doméstico de capela do Papa. E, no júbilo em que a alma exultando se lhe dilatava, êle revia-se por instantes na sua infância humilde, com os pais oferecendo-o a Deus, de sotaina vermelha, como menino do côro.

Nascido à sombra da catedral, à sombra da cate-

Digitized by Google

dral Monsenhor crescera e subira. E sôbre o missal ressuscitava o momento longínquo da sua ordenação, com a parentela extasiada para aquele mesmo altar, onde agora ia e vinha, celebrando de pontifical, entre nuvens de incenso espiralando grossas e lentas e o órgão, majestoso, desprendendo lá de cima os acordes majestosos.

Mais debruçado para o enlêvo da sua ambição de padre, Monsenhor sofria, como nunca, a viuvez da catedral, sem bispo que lhe velasse a dignidade decaída. Bem cêdo, de muito novo, ao florir da adolescência, a vocação o chamara para os trabalhos difíceis da vinha do Senhor. Oh, como êle a amava, — a essa catedral, morena do sol, mordida do tempo e do musgo nos rudes lavores das suas pedras tisnadas! Amava-a com um amor receloso e ardente, cheio de desejo febril de ainda a desposar, de báculo erguido e cruz ao peito, elevado por obediência aos encargos espinhosos do episcopado. A cadeira vaga da igreja de Elvas abria-lhe os braços de longe, acenando por êle em segrêdo. E Monsenhor oficiava, enleando-se nas revoadas do órgão, que já embalara o prelado do *Hissope* na grande amargura da sua soberba ofendida. Monsenhor oficiava como bispo, bispo quási que era, bispo que mais tarde seria, quando a diocese lhe aceitasse da mão ossuda e cuidada o cajado indulgente de pastor.

Com o bispado vago, desde que na data calamitosa de Evora-Monte o seu prelado fôra cuspido

Digitized by Google

nas ruas de Lisboa sacrilegamente, a cidade, não se continha agora nas três naves do templo, resurgindo as grandes horas passadas da catedral no cerimonial solenissimo em que Monsenhor crescia, crescia, até ao cimo da abóboda manuelina, muito alçado nos tacões alçados. Lançada a benção, beijou-se o anel de Monsenhor, — o seu anel de pedra roxa. Monsenhor sentia-se bispo, debruçado num pecado contente de orgulho para o seu sonho de sempre, cada vez mais forte, cada vez mais dominador. E ao retirar-se para a casa do Cabido a tomar refrescos e a descansar um pouco, apressou-se logo alguém, senhor do valimento da terra e com importância nos ministérios, a brindar de ânimo firme em Monsenhor o bispo por que a cidade há tantos anos aguardava, já doída do descuro do govêrno em lhe respeitar a hierarquia. «*Quando eu atravessei as campinas da formosa Itália...*» — começou Monsenhor agradecendo. E tais palavras lhe caíram dos lábios, tão cheias de profundeza religiosa e de elevação para Deus, que todos saíram de ali convencidos de que Monsenhor era deveras o bispo por que há tantos anos a cidade inteira aguardava.

*

* *

Mais forte, mais dominador, o sonho de Monsenhor tomava na sua existência calma de celibatário

Digitized by Google

a persistência dum delírio sereno. Subia ao eirado à hora mansa do crepúsculo, com o breviário aberto na lição do Salmista e já com a catedral levada em triunfo pelos fulgores do sol que morria. Muito apertada no colar cinzento dos muros, a cidade imprimia na sombra crescente o cunho nobilissimo do seu perfil militar. Além, as serranias de Espanha pouco mais lembravam, com a noite descendo, de que uma vaga nuvem poisada na linha extrema do horizonte. Por entre a massa confusa do casario, as torres e os baluartes avultavam agora soberanamente na indecisão de contornos com a lua já assomando numa claridade lívida de sortilégio. Assim, mais perto de Deus, com as estrelas marcando pontinhos trémulos na cauda distante dos ceus, Monsenhor sonhava, sonhava o seu sonho de sempre, erguendo a cabeça para o alto, como se a mitra lhe não bastasse já, como se na longa hierarquia da igreja houvesse ainda muitos outros degraus a contar.

E o pecado de Monsenhor tornava-se ao crepúsculo, mais doce, mais enleante.

As rezas canónicas jaziam esquecidas. Só o seu sonho enchia a imensidade da noite fechada, com os clarins em baixo, nas dobras do escuro, tocando ao recolher, enquanto adormeciam os últimos rumores da boa fortaleza fronteiriça. Apenas o silêncio ficava, mais denso, enigmático, constelando-se todo do sonho de Monsenhor, em que a sua figura

Digitized by Google

de abade gentil passava devagar, muito alçada nos tacões alçados.

E a catedral, entretanto, continuava viúva.

*

* *

Ora uma manhã tristonha de inverno a cidade acordou sobressaltada com um alarido de sinos dobrando a defuntos. Tinham chegado letras de Roma extinguindo o bispado. Monsenhor, chorando como uma criança sôbre o leito da mãe moribunda, só em lágrimas ensopou três lenços finos de cambraia, com os besantes dos Almeidas em escudo oval, bordados a branco numa ponta. Hora de luto pesado, hora pesada de agonia! Monsenhor que se julgava já de mitra e báculo, viu a sua esperança cortada, de repente, para castigo do grande orgulho que lhe queimara a alma. Debalde dormira sôbre cortiça, debalde fôra, de bordão e esclavina, calcando a pé as estradas poeirentas, em romaria ao túmulo de Sant'Iago. Monsenhor confessava a sua culpa, ensopando os seus lenços de cambraia fina. Onde supusera humildade, descobrira agora a serpe astuciosa do orgulho, corroendo-o pèrfidamente.

Mas a expiação seria aínda maior ao ver o momento em que Monsenhor, como cónego vigário, tivesse de entregar, sôbre os inventários da Fazenda, os bens da igreja, o despôjo opulento da sua catedral decapitada.

Digitized by Google

O momento veio, — o doloroso momento!

Percorrendo com o dedo esguio os arrolamentos do Cabido, Monsenhor entregava tudo, — Monsenhor entregava, num soluço reprimido, paramentos e alfaias, títulos de dívida pública e cadeiras austeras de alto espaldar lavrado. As mãos de Monsenhor desdobravam em último adeus as dalmáticas bordadas a oiro em bruto por agulhas preciosas de princesa. Faíscavam as pedrarias caras das mitras num relâmpago derradeiro, num relâmpago melancólico. Seguiam-se os véus de ombros, as custódias magníficas, os frontais reluzentes, o dossel da cadeira episcopal. E Monsenhor reprimia os soluços, de dedo esguio apontando os inventários, com cinza chovendo no deserto enorme do seu coração.

Nunca mais! Nunca mais! Desfeita a igreja de Elvas, não era mais agora de que uma paróquia obscura, irmã daquelas que não tinham nascimento. Acabavam-se as tardes rumorosas do Crisma. O sino grande já não anunciaria aos ventos da cidade a entrada solene do bispo. Emmudecia no órgão o «*Ecce Sacerdos Magnus!*» Nem às horas canónicas os cónegos subiriam os degraus do côro, entoando o latim sagrado dos ofícios. Nunca mais! Nunca mais! E Monsenhor reprimia os soluços sôbre os seus lenços de cambraia fina, com os besantes dos Almeidas em escura oval, bordados a branco numa ponta.

Digitized by Google

*

* *

Com o bispado perdido, chegou também a Monsenhor o dever de partir. Fazendo e recebendo cumprimentos, Monsenhor já não dizia, mirando-se na pedra roxa do anel: «—*Quando eu atravesse as campinas da formosa Itália*». Alguns fiéis correram ainda à estação, às despedidas finais. O combóio arrancou, pachorrento. Arrancou por entre o olivedo. O perfil militar da cidade destacou-se muito direito, muito aprumado, no colar cinzento dos muros. No céu desmaiado do anoitecer ficou pairando por instantes a linha sinuosa do aqueduto. Depois... Depois, não houve mais nada senão o infinito da noite no infinito dos campos.

De fâmulo, de vestes epicospais, solidéu e capela em casa, Monsenhor conheceu depressa em bispado alheio, os ciúmes dum prelado cioso dos seus privilégios. Foi em silêncio, num silêncio cheio de recolhida dignidade, que Monsenhor sofreu esquecimentos voluntários, omissões propositadas. Sofreu, calado e altivo, refugiado nas ruínas do seu sonho, contemplando às vezes os lenços de cambraia fina que êle ensopara em lágrimas de sangue, quando a má-nova caíra sôbre Elvas aturdida. Dedicou-se então a curiosidades sábias, para se iludir no seu isolamento. Já não se curvava para o órgão, confiando a um trecho predilecto o enlêvo

Digitized by Google

íntimo de toda uma vida inteira dedicada ao serviço de Deus.

Muito alçado, nos tacões alçados, Monsenhor, obrigando os olhos de miópe, gastava as suas noites de estudioso por detrás duma lente astronómica a espreitar a marcha dos astros nas campinas misteriosas do céu. Oh, a eterna vertígem do Alto, a ânsia nunca satisfeita de subir! E as constelações marcavam a jornada do tempo, — Saturno entalado no anel gigantesco, Júpiter com a côrte fulva dos seus satélites, a Lua com a sua face de cadáver, enrugada de rios exânimes e de crateras senís.

Mas, no fundo do seu coração, Monsenhor não esquecia nunca a flôr mirrada da sua esperança. Como que para o reverdecer, passeava diante do espêlho na sua sala discreta de celibatário as vestes pomposas de prelado doméstico, de mitra na cabeça e ametista na mão cuidada esboçando bênçãos. No delírio manso que o tomava todo, Monsenhor julgava-se bispo, e punha-se a escutar a si mesmo, com frases sôltas de pastoral na bôca enlevada. Nessa mentira serena serenamente a morte o recolheu, vinda pé ante pé, como uma ama doce para o adormecer em sossêgo. E em sossêgo Monsenhor adormeceu, lá indo para a cova de prelado doméstico, com a mitra na cabeça e na mão descorada a ametista das festas solenes.

Não cuidem, porém, que morreu com Monsenhor o seu sonho de sempre, o sonho da sua vida inteira, iluminando de grandezas extintas uma am-

Digitized by Google

bição recatada de padre. Carinhosamente sou eu quem sonha hoje o sonho de Monsenhor, contemplando-o de regresso à catedral ressuscitada, num dia amplo de sol, com o sol entornando esplendores de aleluia por sôbre a cidade em festa. Condoída a Madre-Igreja dos balidos de tantas ovelhas órfãs, novas letras apostólicas tinham restaurado o bispado defunto. Fiel ao seu sonho, mais à sua Sé, Monsenhor voltava, — voltava a receber os bens do Cabido, voltava a tomar posse da diocese ressurgida. No alto da tôrre, o sino já tocava como que anunciando a liteira episcopal. Não tardariam as tardes rumorosas do Crisma, mais as manhãs comoventes da ordenação. No órgão acordaria o *Ecce sacerdos magnus!* E depressa os cónegos haviam de subir os degraus do côro para os ofícios divinos. E Monsenhor voltava, — voltava quási bispo, bispo que iria ser, de cruz ao peito e báculo erguido.

Pequenino, muito alçado nos tacões alçados, atravessava já a praça, debaixo do pálio, com a câmara saída a cortejá-lo e a guarnição prestando honras ao bispado que regressava. Choviam flôres das janelas, atapetavam-se as ruas de esperdane e junco. Monsenhor pensava nos lenços de cambraia que iria ensopar, mas em lágrimas de verdadeira alegria. Senhor meu Deus! Além já era a catedral, morena do sol, mordida dos anos e do musgo nos lavores da sua cantaria tisnada. O postigo escancarava-se de par em par, deixando adivinhar lá para

Digitized by Google

dentro, sôbre o ondear das cabeças, um ondear permanente de círios. Lento, Monsenhor pisava o escadario da sua igreja. O incenso entrava a crescer dos turíbulos em nuvens presas e calmas. De cima, o órgão ia-se despenhar na catadupa dos seus sons represados...

«*In exitu Israel*... Quando Israel tornou do Egito...». — E rezando baixinho a letra admirável do salmo, Monsenhor entrou na catedral, como se os anjos todos o fôssem levando em glória para o céu...

Digitized by Google

Digitized by Google

A LIÇÃO DO AQUEDUTO

Toda a minha paisagem é agora, à maneira latina, regida pela linha geométrica e nobre dum aqueduto. A vinha estende-se, poeirenta e farta, até ao esbater do muro, enquanto que para lá, sôbre uma mancha enrugada de restolhos e algumas oliveiras cristianíssimas, o aqueduto galopa a sua caminhada infatigável, colocado impassìvelmente entre a Terra e o Céu. Através da sua arcaria sobreposta, o olhar mergulha como que no Infinito, vendo só o azul, — um azul imenso, o azul puríssimo dos quadros dos Primitivos. Parece que o mundo se suspende ali — e, no entanto, gravado à tarde na chapa esbrazeada do poente, ou espectralizado à noite pela claridade defunta do luar, o aqueduto, soberano e mudo, dir-se-ia que conhece o segrêdo das Estações, que comanda a marcha do tempo, que conversa de perto com a Eternidade.

No renovar incessante das fôrças naturais, a paisagem floresce ou desbota, agoniza ou esplende vitoriosa. É como uma sensibilidade sem regra, divagando às cegas nos jardins da emoção, que fôram para Maurice Barrès, professor de lirismo, o horto de Berenice. Pois, sentado em frente do aqueduto,

Digitized by Google

eu creio que Barrès repetiria o diálogo da Ermida com a Campina na sua *Colline inspirée:* «O que é o sentimento, se o amor da disciplina o não coordena e fortifica? O que é a disciplina, se a fonte permanente dum sentimento a não fecunda e rejuvenesce?» Nem o Classicismo nem o Romantismo! Mas o abraço equilibrado das duas formas profundas da vida, que são a Inteligência e o Coração.

Não é outra a filosofia do aqueduto, colocado impassivelmente à orla da existência, para lá da vinha, uma vinha de écloga que se estende, poeirenta e farta, de encontro ao esbater imperceptível do muro. Se a noite reina, detrás do aqueduto se abismam as constelações, no turbilhonar misterioso dessa poeira de universos que se esfarelam sôbre a nossa cabeça.

Se o dia enorme — o dia canicular, empasta as coisas num deboche sangrento de luz, é ainda o aqueduto que marca o limite do céu e da terra, do visível e do invisível, como que medindo a paisagem, como que traduzindo a sua consciência.

Obra dos homens, êle é a continuidade viva, ligando as gerações com os séculos até à consumação final de quanto palpita e avança para a guela insaciável da morte. Por isso eu o amo — ao velho aqueduto, que é todo o meu horizonte — horizonte restrito, sim, mas cheio de incontáveis sugestões dum pensamento que se conhece, que se possui, que tem uma finalidade e um ritmo.

Digitized by Google

Na instabilidade dolorosa de tudo o que é quotidiano e instintivo, o aqueduto ensina-me a mim a beleza incomparável de *construír*. Não sejamos nós como aquele povo estranho do fabulista que apenas articulava por linguagem única, o terrível monossílabo: «*Não!*» *Construír é afirmar*. E quem *afirma*, sobrevive-se, quási que atinge os limiares da verdadeira Imortalidade, triunfando da aniquilação caduca do sêr.

Recorde-se como na Bíblia são louvados os Fundadores, — os que praticavam a arte difícil de edificar as cidades. Detestemos o nómada, que tanto é o que habita nas tendas, como o que mal se adapta à servidão nobilíssima duma ideia. Entre a terra e o céu, o aqueduto é o primeiro a lançar-lhe a sua excomunhão venerável. Durar! Resistir! E enquanto a Paisagem desbota e desfalece, o aqueduto é como que a confirmação da sua permanência — limite erguido entre o visível e o invisível, à orla da vida, à margem do Tempo. Ou espectralize-o a claridade defunta do luar, ou seja um traço fundo sôbre a chapa esbraseada do poente, obra dos homens, é dos homens que o aqueduto nos fala, pelo menos, dos homens que passavam na vida, praticando a arte difícil de construír, como êsses grandes fundadores de cidades, de que a Bíblia a cada página entôa o louvor.

Digitized by Google

*
* *

Entardece. Para lá da vinha, — a minha vinha vergiliana e quieta, o aqueduto arranca duma restolhada angustiosa, onde algumas oliveiras cristianíssimas põem uma nota branda de caridade. O poente é agora uma labareda crepitando ao largo, nesta agonia de agosto calcinado e sem água. E o aqueduto transfigura-se, como que animado por uma subida anunciação do fogo criador e primitivo. Já não o vejo entre a terra e o céu, — vejo-o como se fosse o átrio do próprio Infinito rasgado de par em par, com um Arcanjo alongando por toda a rosa do firmamento a sua espada ígnea e terrível. E porque dentro de mim — eu que sou da linhagem moral dos que nasceram para afirmar e construír, — não se apaga nunca o desejo de sobreviver a mim mesmo, eu traço, lento sôbre a minha fronte, o sinal da Cruz, como se avistasse, para alêm, muito para alêm, onde já não há aqueduto, nem Paisagem, nem Princípio, nem Fim, aquela beatitude eterna em que o exército inumerável dos Santos confessa o nome tremendíssimo do Senhor!

Digitized by Google

CARTA PARA PERTO

Meu prezado amigo:

Algumas palavras minhas? Mas que poderão elas dizer, senão o louvor da sua bem-amada Estremoz, nobre vila de pedras claras, que é também para a minha emoção de poeta, um alto e sugestivo trecho do grande poema aínda por escrever, da província em que ambos nascemos para Deus e para os homens?

Airosa e ameiada, na sua dupla feição de écloga e de epopeia, Estremoz, desdobrando a casaria calva ao longo do seu morro enérgico, recorda-me sempre uma dessas virgens alegóricas, vestidas de couraça, mas com uma roca na mão, em que o simbolismo dos Antigos exprimia rigorosamente a necessária aliança da prudência com a diligência. É assim, pelo menos, que eu gosto de personalizá-la nas minhas meditações de isolado que pensa e contempla, procurando inalteràvelmete no sinal das coisas visíveis o resplendor, embora distante, das coisas invisíveis, — as únicas profundas, as únicas verdadeiras.

Não tema, porém, o meu prezado amigo que eu

Digitized by Google

vá romper aqui numa homilia! O que não devo, por breve que seja — e sê-lo-ei? —, é deixar de lhe agradecer a gentileza com que quís o meu nome ligado ao seu, no pequeno hino que Estremoz lhe arrancou ao entusiasmo, bem para aplaudir, de filho devoto e encantado. O esmorecimento do «patriotismo local» é, fora de dúvida, uma das causas do eclipse tão doloroso, como prolongado, do outro patriotismo, — do *patriotismo nacional*. Quem não ama, quem não estima, como uma querida visão doméstica, o burgo em que abriu os olhos ao mundo, — as tôrres caiadas da sua paróquia, o cemitério em que repousam as raízes do seu sangue e da sua alma, a fonte das bucólicas mansas do entardecer, as ruínas de um convento com ninhos de cegonha no musgoso mirante, não pode, através das imagens que a infância nos deposita inapagàvelmente na sensibilidade, elevar-se à compreensão superior da nação a que pertence, — da raça em que se entronca. Se a família é a célula fundamental da sociedade, o município é a segurança firme da pátria. Não há sociedade sem famílias, como não há nacionalidade sem municipios. Ora o que são hoje os nossos sonâmbulos concelhos, extinto o espírito que os animava, vacilante, senão morto, o velho «patriotismo local»?

Entendo eu que só o sentimento consciente da sua tradição os ressuscitará como unidades colectivas. Qual o caminho? Porque não se ensina, por exemplo, a história de Portugal às criancinhas das

Digitized by Google

primeiras letras, partindo da história da sua própria terra?

Em Portugal não existe recanto, por sumido e anónimo, que não possua, ou um foral delido nos seus selos pendentes, ou uma atalaia com figueiras bravas abraçando-a, ou uma fonte bojuda, de nicho e inscrição ao meio do arco-real, um *detalhe*, enfim, que sirva de ponto de apoio para uma evocação inteligente do passado, para uma lição humana daquilo que lá vai, mas que é a essência permanente do nosso sêr.

A história, praticada sôbre o *real*, sôbre o *imediato*, daria à curiosidade infantil a ideia fácil — tão fácil como salutar! — de que habita, mais que nos livros, dentro de nós. E que curso admirável de história Estremoz não nos suscitaria!

Não só de história militar, com as suas muralhas pardas de assédio, com a sua fisionomia denteada de praça-de-armas, — com o campo do Ameixial repetindo aos ecos adormecidos, os adormecidos clamores da batalha de Seiscentos. Não só da história social com os seus procuradores em côrtes, manifestando na inteireza da dignidade cristã, o desassombro de uma liberdade que a liberdade das maiúsculas retóricas desconhece. Mas igualmente de história íntima; da história «interior» — expressemo-nos assim — da que pinta os caracteres e dramatiza as paixões, com a morte da Raínha-Santa, assistida na agonia por uma «Dama Branca» de vitral, ou com os derradeiros paroxismos daquele

Digitized by Google

gago e folião que foi D. Pedro I, o «Rey-Bailador», raro elemento de tragédia que por ter escapado a Shakspeare, não é menos shakspeareano, por isso!

Mas não carecíamos de recorrer a tanto, — ao apinhado tão severo, como grácil da sua Estremoz, para que a evidência eterna de Portugal tomasse linhas de carne, perante nossos olhos.

Mais familiarmente, — sobretudo, agora que reina Agosto — bastava-nos conversar um pouco com os seus «pucarinhos» — com os «púcaros» de barro que encheram de glória Estremoz. Não cultivo o paradoxo, meu caro Honório Cardoso, — você sabe-o melhor do que eu, — se lhe asseverar que contar a vida e feitos dos púcaros de Estremoz, é resumir um período — e dos mais brilhantes! — da civilização peninsular. Concordemos que, desde um pucarinho empedrado ao saial franciscano da Raínha-Santa, o *humilde* pode ser na obra da criação o que mais rescenda aos aromas do Espírito, o que mais perto ande dos sorrisos inefáveis de Deus!

Pois se falassem, o que não diriam os púcaros das feiras do nosso Alentejo, pondo a sua nota sangüínea na quermesse ruídosa das gentes que vão e vêem, entre pó e moscas, por um sol de abrasar Caím?

A ilustre D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com a sua festejada autoridade, conferiu-lhes carta de nobreza nos domínios da erudição. Púcaros como os de Estremoz nenhuns outros em elegância e nas

Digitized by Google

virtudes secretas de prantar a água fresquinha! Só por uma coisa — e na própria Estremoz! — êles se consideram vencidos. Já o bisbilhoteava no século XVI certo fâmulo do Arcebispo de Lisboa, voltando de acompanhar o seu senhor numa missão a Castela: — «*Nesta vila ha muitas moças fermosas e em boa cantidade; porque se os graes e pucaros são fermosos, mais merecem as mulheres*».

Transitemos adiante, com discreto assentimento... E sempre em elogio do «púcaro», rememore-se o espanto polido do italiano Venturini, secretário do Cardeal Alexandrino, ao acentuar as vezes que el-rei D. Sebastião, num banquete em palácio, desprezando vinhos preciosos e preciosas ânforas, bebeu apenas água e por um púcaro «feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam barro d'Estremoz.» Tornaram-se europeus os púcaros da sua boa e honrada vila, meu prezado amigo!

Eles figuravam nas távolas dos reis, nas credências dos bispos, nos enxovais das princesas, nos pincéis dos mestres mais afamados.

A côrte de Madrid difundira-lhes procura por toda a Europa. Velasquez depôs num púcaro o centro do seu célebre quadro das «Meninas»! Já antes Filipe II mandava a Estremoz por bilhas e púcaros, com o fito de presentear, como se dum mimo suavíssimo se tratasse, as infantinhas suas filhas. No inventário da mãe de D. Sebastião aparecem os púcaros de Estremoz como peças de apreço.

Estiveram em Alcácer-Quibir com as violas e as

Digitized by Google

esperanças em flôr duma juventude fremente. E tão companheiro o púcaro é de lides e labutas caseiras, que um autor de antanho, perdido de saudades pelos costumes dalgum dia, melancòlicamente monologava, pensando talvez no púcaro de Estremoz, que é o púcaro por excelência: «—*Idade de ouro e tempo santo quando a Raynha Dona Caterina assi era contínua no trabalhar que da secura que lhe causava o fiar, tinha sempre apar de si hum pucaro com agua em que molhava os dedos*—».

Mas eu não me encontro ordenando uma monografia àcêrca dos púcaros de Estremoz, — da sua linda Estremoz! Alarguei-me, reconheço. Alarguei-me, porém, para afugentar qualquer sorriso scéptico, esboçado porventura sôbre a minha afirmação de que contar a vida e feitos dos pucarinhos de Estremoz seria traçar um capítulo, — e que brilhante capítulo! — da civilização peninsular. Não o ignora você, docemente inclinado para as aparições que povoam a hora das toadas, o silêncio heróico em que Estremoz se amortalha. Que a sua sementeira frutifique, — e que, nas pisadas de Estremoz, cada pequenina pátria local do nosso mal-afortunado país tenha uma lâmpada acesa que a desperte e levante no que é a fôrça invencível da sua alma, ao amor da sua história! Como uma abelha preparando afanosamente o seu favo, quem, sem ruídos nem desânimos, proceder como você procede, meu caro Honório Cardoso, cabe-lhe em completa justiça um lugar entre os verdadeiros conservadores da energia

Digitized by Google

nacional. Para a frente, — e com a galhardia dum moço em que se reproduz o aprumo da incomparável tôrre que lhe guarda os horizontes natais! Lembra-se daquele fidalgo da côrte de D. João II, a quem, se lhe caíu o púcaro da mão, não lhe caíu nunca a espada? Pode também a você, meu estimável amigo, caír-lhe o púcaro da mão. Mas que não lhe caia nunca a pena que a tão simpáticos combates se dedica!

Tais são os votos do seu agradecido e atento.

S. C. Elvas, Quinta do Bispo,
Dia de S. Luís, 1924.

Digitized by Google

Digitized by Google

O BOI DE S. MARCOS

Não sei se comporei uma memória grave de erudito, se um poema bárbaro e misterioso... Na igreja humilde, apinhada de gente suspensa entre a curiosidade e o receio, a irmandade desfila vagarosa com o celebrante à frente, toda ela de opa garrida e uma varinha chibante, a modo de insígnia, na mão direita de cada um dos mordomos. Junto da porta da ermida detém-se um momento, vincando aínda mais as alas em que se distribui. Fora, há o rumor da feira e um como que alvoroto que se aproxima.

Estralejam foguetes e a música ataca, furiosa, as notas de qualquer destempêro sinfónico. Na assistência a espectação aumenta, num ondular mais vivo de cabeças e trajes vistosos. Já no pequeno campanário o sino repica açodado. De estola e capa solene, o padre avança para os primeiros degraus do adro, erguendo o hissope numa aspersão santificadora.

«*Entra, Marcos! Entra, Marcos!*» E em louvor do Senhor S. Marcos o novilho é conduzido processionalmente ao altar pelas varinhas chibantes

Digitized by Google

da mordomia, cantando-se-lhe depois o Evangelho nos cornos, num gargantear de latim sonoro.

*

* *

«*Entra, Marcos! Entra, Marcos! Seja em louvor do Senhor S. Marcos!*» E eu não sei se comporei um rimado bárbaro da saga, se uma reflectida memória de erudito. É que o S. Marcos de Alter, com um novilho participando litùrgicamente da festa do Evangelista, acorda não só o interêsse da minha inteligência, mas levanta também na minha sensibilidade uma maré larga de evocações e reminescências atávicas. Nada mais estranho, na verdade, de que essa sobrevivência dum culto extinto ali, numa prega esquecida da antiga Lusitânia, às abas dum castro que durou, fortificado e habitado, até à hora de hoje!

Não erro, seguramente, se o ligar à religião ibérica do Touro, agonizando o seu último mistério nas arenas scintilantes de Espanha, por entre a vozeria espantosa da turba sedenta de espectáculos violentos. Porque, para àlém do *Miura* ou do *Veragua,* imolado ao sadismo artístico da multidão, palpita uma teoria mitrada de sacerdotes, com aras e ritos fumegantes, onde perpassa todo o esplendor da civilização do Bronze, cheia dos terrores do Minotauro e das perturbações do Mar Egeu, —

Digitized by Google

aínda a História não tinha amanhecido para a meditação dos homens na adolescência.

E a minha hesitação persiste: não sei se hei-de compor uma memória paciente à Topsius, se um hino inédito às genealogias míticas da Raça! Mas um cortejo de imagens ancestrais ganha-me por completo as artérias, e no novilho que os de Alter conduzem processionalmente ao altar, — «*Entra, Marcos! Entra Marcos!*» —, transpondo os limites da realidade, eu quási contemplo o touro fabuloso que arrebatou às aias, folgando na praia, aquela princezinha doutrora, chamada Europa, — nossa mãe hierática e veneranda. É a viagem de Europa, menina e moça, através dos Oceanos e Continentes que a minha imaginação acompanha agora, seguindo-lhe o alto facho redentor, erguido sempre por sôbre as tempestades e com uma escolta de estrêlas assinalando-lhes a passagem.

Já os primeiros ritmos do poema se modulam dentro de mim numa invocação fremente às Idades que passavam, — à Pedra e ao Fogo, aos Animais — Domesticados, à conquista da água e à aurora dos Metais, — tal como numa novela contemporânea de Rosy Ainé. É a Epopeia das Origens que me confia a sua estrofe enigmática e avassaladora, com os seus símbolos moventes e avassaladores, com a sua Mitologia belicosa e sorridente. Assisto à Revolta dos Titans e à catástofre da Atlântida. Á chegada do Tebano, rasga-se o Estreito, num tremendo drama geológico. E a advinhação genial de Verda-

Digitized by Google

guer descobre-me novas rotas, novos mananciais de emoção e de poesia, para lá dos horizontes quotidianos da vida.

Tão longe me projecta no tempo e no espaço o novilho que os de Alter oferecem incruentamente a S. Marcos, rememorando nesse rito que a igreja, não podendo debelar, santificou com enternecida simplicidade — a visita do Sol, do grande Deva, à constelação sobranceira do Taurus! E são as campinas fundas do céu que eu me encontro a percorrer, cavalgando a fita luminosa do Zodíaco.

Assisto à génese dos Mundos e debruço-me das margens do cáos que não tem ribas do outro lado, como o rio amargurado da Morte e do Olvido. A concepção clássica do Universo toco-a com o dedo irreverente, saboreando, como filho do século, as doutrinas arrojadas de mestre Einstein. Mas logo a harmonia sagrada das Esferas me penetra na alma, um sopro magnífico atravessa os páramos marulhantes do Infinito, — e eu vejo-me com os padres de Alter, rezando o *Credo*, já depois de entoado o Evangelho do dia nas hastes enlaçarodadas do novilho.

*

* *

O que resta dos cultos naturalistas dos antigos hispânicos, célebres na lenda pelas vacadas apetitosas de Gerião — o das três cabeças, que Hércules,

Digitized by Google

alçando a clava, lhe roubou com a vida, foi-se decerto refugiar dentro duma capelinha rústica, numa vila caiada e torrada do meu Alentejo — do Alentejo dos sobreirais melancólicos e dos castelos pensativos.

Em Alter, o novilho, substituíndo na liturgia do santo Evangelista, o leão simbólico de Veneza, recebe do Cristianismo aquela santificação que a Igreja nas ladaínhas da Primavera atira, dadivosa e vigilante, por sôbre toda a natureza, desde as sementeiras aos frutos, desde as searas aos pomares. E o novilho de S. Marcos, avançando pelo templo entre as varinhas chibantes dos belos moços da confraria, é o irmão já purificado do cornúpeto impetuoso de *Veragua* ou de *Miura*, que, tocado no coração pela lâmina do *diestro* agoniza, por essas tardes congestionadas de verão, de norte ao sul de Espanha, num deboche de sangue e de côr, — num halali indescritível de hecatombe.

Ora, era aqui que o doutor Topsius podia intervir — e intervinha, catedràticamente — aparentando a cerimónia singela de Alter com a morte do touro em qualquer anfiteatro andaluz. Mas a tentação envolvente de abril, com a minha janela escancarada para o terraço, onde há perfumes errantes, não me permite que eu alinhe a gravidade sêca dum monografista, de grandes óculos de tartaruga e rabona arqueológica. O poema que cantava, no tumulto das minhas artérias, não se calou aínda. E eu contemplo de novo, seguindo o curso interior do

Digitized by Google

meu sonho, o touro sagrado arrebatando Europa, menina e moça, às aias desoladíssimas, — tal como nos velhos jardins nos contam os velhos medalhões de azulejo.

Deslumbrada, a princesa enrama de loiro vitorioso os cornos do animal, que vai cortando as ondas, indiferente às tempestades e aos monstros marinhos. Rasga-se o advento das Idades-Heróicas do homem, — a História nasce do anonimato espesso das primeiras gerações. E um cântico de Esperança torna, toma a minha energia de Descendente, para que se celebre o Fogo e a Água, a Pedra e o Cobre, debaixo do céu imenso, olhando a Terra ansiosa e virgem...

*

* *

«*Entra, Marcos! Entra, Marcos! Seja em louvor do Senhor S. Marcos!*» — repetem os moços de Alter, de varinhas chibantes e opas vistosas, ladeando o novilho. E o novilho quási que ajoelha nos degraus do altar, rendido à imposição pacífica do missal. Ajoelho também, para que participem da graça de Cristo aqueles dos meus antepassados, que, através da mentira do Touro, já buscavam a verdade de Deus. Ajoelho-me e persino-me, como que chefiando a procissão longuíssima dos da minha raça. Arde o incenso nos túribulos pendentes.

Digitized by Google

E por entre o fumo que se evola em espiras caprichosas, a visão da Europa menina e moça, perpassa diante de mim, mas agora açodada pelo vento trágico que sopra lá da Scítia, da Scítia enigmática e profunda, onde se ouve tropelar a cavalgada bíblica de Gog e Magog...

Maio, 1922.

Digitized by Google

Digitized by Google

CÁCERES

Há-de sempre cantar dentro de mim essa visão serena de palácios e igrejas ameiadas! As horas pareciam suspensas à beira da eternidade, e o sol era um líquido tesouro, envolvendo numa glória inverosímil, o perfil nobilíssimo de tanta tôrre pardacenta. No céu, imóvel, como uma enorme safira esmerilhada, as cegonhas levantaram o vôo compassado e enigmático. Subia da terra com o mistério perturbante de Abril, um como que eco de apagadas grandezas. Dir-se-ia que a austeridade da paisagem se sensibilizava, ao contacto brando da primavera, enrugando-se das seduções vagabundas do vento novo. E entre o azul e a planura, recostada no seu morro melancólico, Cáceres reinava, desde o fundo dos séculos, com a Cruz e a Espada, — tal como um sítio inspirado, onde não se cala nunca a bôca profética do espírito.

Eu chegara de longe, com o meu bordão de peregrino, os rins cingidos para uma larga jornada, como o caminheiro apostólico. Sentei-me um momento para descansar, de pupilas abertas para essa visão inesperada. Bebi da água de todas as fontes e em nome das minhas profundas raízes de lusitano,

Digitized by Google

pronunciei, como numa cerimónia augustíssima, a invocação sagrada da Raça.

Mais que Toledo, debruçada sôbre o Tejo, com o seu império de sombras sem fim, em que é monarca perpétuo, até à consumação dos tempos, El-Rei D. Sancho II, o desterrado—Cáceres foi-me na carne viva das suas pedras morenas, a expressão tangível da *Saudade*. Sanatório do silêncio, o sol passa-lhe de alto, como para a contemplar melhor. Para a contemplar melhor, eu abandonei o bulício das ruas movimentadas na alegria das voltas matutinas, perdendo-me no novelo pensativo dos seus palácios e das suas igrejas. Como se houvesse tocado com os lábios o fundo duma taça interdita, saboreio aínda a amargura que me afluíu aos lábios e perturbou o coração. Sempre compassadas, sempre enigmáticas, as cegonhas riscavam com o vôo pensativo, as campinas infindas do céu. Nem um rumor crescia das vielas íngremes, amparadas pelos paredões da muralha romana, com lírios roxos florindo em longos tapetes.

E Cáceres reinava, com a Cruz e a Espada, indiferente ao capricho das idades, posta ali na sua colina áspera, como um castelo inexpugnável e místico da Alma. Cidade admirável para nos embebedarmos de desilusão,—como exclamaria mestre Maurice Barrés — eu não sei, depois do horto viçoso do Eclesiastes, de retiro mais repousado para os solilóquios intranqüilos da Emoção e da Inteligência. Dentro da linha devida a tudo quanto seja sincero

Digitized by Google

e humano, pratiquemos nós, como fecunda regra moral, o romantismo caluniado das Ruínas! Não das Ruínas, — como uma bela coisa defunta, como um lindo sonho embalsamado. Mas das ruínas que, por cima do que é transitório e passa, mais leve que a poeira na asa do vento, nos ensina as consolações supremas do diálogo da Vida com a Morte.

Foi o diálogo da Vida com a Morte que eu escutei, inclinado para a superfície revôlta dos meus lagos interiores, naquelas horas tão breves, em que, de rins cingidos e viático pendente, me sentei à sombra de Cáceres, — senhora de igrejas e palácios, por toda a religiosa monotonia duma paisagem só própria de Videntes e Soldados.

Dos torreões tatuados de cicatrizes gloriosas, pendiam trepadeiras em festim largo de abraços. E o ritmo misterioso que me falava nas veias, revestia-se por vezes do acento patético duma tragédia, declamada a uma assembleia indescritível de fantasmas. Passeando-te, ó Cáceres, diante do vulto espectralizado das tuas casas, armadas para a guerra e acolhedoras para a paz, eu descobri o segrêdo das alucinações de Quixote, como êle, — como o pobre cavaleiro manchego, irmão na Triste-Figura de quantos depõem o olhar nostálgico nas estrêlas, — a realidade imediata dissolvia-se para mim na projecção espantosa dêsse Outro-Mundo que me excedia os sentidos e acudia em tropel às nascentes caudalosas em que o meu sêr se confunde com o humus de todos os sêres.

Digitized by Google

Pedaços de sonhos idos boiavam com desalento nas minhas meditações de Cáceres — a da Cruz e da Espada.

E era de pèssimismo, mas de pèssimismo cristão, o meu monólogo de peregrino e de solitário. «*Aprés avoir beaucoup attendu de la vie... on voit bien qu'il faudra mourir sans avoir rien possédé que la suite des chants qu'elle suscite dans nos cœurs*» — escreve algures o preceptor sentimental de «*La colline inspirée*». Pois êsse travo agri-dôce — essa «saudade» do que se foi e não volta, eis a enervante beberagem que Cáceres me espalhou pelo sangue, tocando-me dum bruxedo inenarrável. Filósofo e crente, da Morte ouvia a lição que nos manda estar sempre de sandálias ligadas, prestes a largar... Mas o perfume da vida, insinuando-se com o bafo moço de abril por entre o labirinto das igrejas e dos palácios, não me deixava desprender da fascinação do minuto pendente que, ai de mim!, eu sabia não tardar a sumir-se na areia fina da clepsidra...

E, entretanto, chegou o momento de partir. O tempo não acordava aínda do seu namôro sonâmbulo por sôbre Cáceres, — a hamlética, a que faltava só a capa da bruma, para que o mistério em que ela reina, se tornasse mais torturante e denso. Mas, firme e grave no seu pedestal de rocha bíblica, se o dia não ensombrava a velha cidade agoirenta, era a velha cidade agoirenta que ensombrava o dia, com o cortejo ameiado das suas tôrres e dos seus

Digitized by Google

conventos. Logar destinado para colóquios íntimos com a Divindade, Cáceres possui a rijeza estranha daquelas urbes antigas que só caíam ao som fatídico das trombetas...

Lancei-lhe, o meu adeus, ao vê-la engolfar-se na vastidão perplexa dos horizontes.

Continuavam as cegonhas a voar, compassadas e enigmáticas. E, preparando-se para a Paixão do Senhor, toda a terra estremenha se vestia de roxo e oiro, de rosmaninho e giesta, numa sentida intuição litúrgica. Novamente me aguou o coração a amargura do que se vai para nunca mais. Oh!, o romantismo da alma dolorida, suspensa entre a vida e a morte, sem conseguir separá-las uma da outra! Aspirem-se, ao menos, os perfumes errantes do caminho. E já que não podemos enganar-nos com o seu encanto efémero, façamos da desilusão um prazer, plantando por toda a parte as árvores sem fruto do Jardim do Eclesiastes!

Digitized by Google

Digitized by Google

O CASAMENTO DE MEUS AVÓS

O Físico-Mór tinha chegado a cavalo, logo de manhã, seguido da sua ordenança, de baú à garupa e grandes alforges pendentes. O pai da noiva saíra a recebê-lo fora de portas, na companhia de alguns amigos e convidados. Apenas se avistaram, no rossio da vila, Lourenço Félix apeou-se com facilidade e estendeu a mão desembaraçadamente ao sogro que havia de ser, de seu filho. Eram ainda parentes por afinidade e o Físico-Mór, propenso um pouco a recordações saudosas, não se esquecera nunca de D. Guiomar Vicência, sua prima-irmã, e dos jogos inocentes da meninice, saltando ambos alegremente à sombra dos anchos parreirais do quintal.

Decerto que a guerra-civil dividira irreconciliámente os dois ramos da família. Mas, na volta dos tempos, de D. Guiomar Vicência nascera aquela a quem o Físico-Mór não tardaria a beijar como esposa de seu filho. Quem o pudera adivinhar nas horas amargas em que só o ódio mandava, e nem a hospitalidade se concedia à mesa farta de tantos do seu sangue? Por detrás dos óculos severos, uma ligeira humidade assomou nas pupilas de Lourenço

Digitized by Google

Félix; tudo correra, porém, na ligeireza dum instante. Já os cavalos estrepitavam forte pelas calçadas da vila, atraíndo a curiosidade alvoroçada do mulherio, debruçado em cachos garridos por varandas e janelas. O sol de Maio esborralhava-se ao alto, levantando em glória as tôrres e as mulheres de Arronches. O Físico-Mór, puxando da tabaqueira e do lenço de Alcobaça, preguntou para José da Silva: — «Serve-se, compadre?» E foi assim, sôbre uma caixa de rapé, que o «miguelista» e o «constitucional» se encontraram, um ao lado do outro, depois, santo Deus!, daquilo que lá ia passado, num torvelinho confuso de tragédia.

*

* *

A caminho de casa, o retraímento instintivo de José da Silva sumira-se, quási sem êle dar por isso. Respondia prontamente à curiosidade discreta de Lourenço Félix, não se recordando já que, ao encará-lo às portas da vila, uma onda de mal reprimida violência se espalhára pelo coração. Compreendia-se. José da Silva servira D. Miguel como capitão de Voluntários Realistas, e, partida em Évora-Monte a sua espada leal, correra a enterrar nos seus cuidados da lavoura, as suas iras sagradas de vencido. Mas um dia, passados anos, aparecera na vila um cirurgião novo, usando grau, como os antigos médicos por Coímbra. Rapaz atento e galhofeiro, correu

Digitized by Google

logo em Arronches que pertencia à família de D. Guiomar Vicência. Num domingo que viera à vila, o antigo sargento-mór de Ordenanças informou-se devidamente, visitando o cirurgião, por bem parecer. Começou êle, entre rodas de «dr.» e de «primo», a preguntar-lhe o caso. Vestia rabona e chapéu fino, com a cabeleira longa, aberta ao lado. José da Silva, a princípio, conseguiu dominar-se com custo, porque a presença do moço na salinha de tremó doirado e tamboretes lisos, entre o chalrar da pequena, levantava-lhe na ideia a lembrança do pai, constitucional empedernido, agora gozando em Elvas dos frutos da vitória, com o seu belo sôldo de Físico-Mór de brigada, fora o pulso livre que lhe rendia um fortunão.

As coisas levaram, porém, tal rumo que uma das meninas se deixou prender pela graça bonacheirona do primo médico. José da Silva, num ímpeto, aínda resmungou qualquer oposição. Mas Ana Isabel pôde sem dificuldade dissolver a resistência paterna, por aquela doçura que a fazia o encanto da casa. Figura pensativa de rapariga, amava, como poucas, as flores e, se lhe caía na mão algum livro de empréstimo, devorava-o com febre no eirado branquinho, ficando-se depois a scismar, já noite caída, de olhos alheados no longe. Enquanto as irmãs se afadigavam na labuta doméstica, Ana Isabel distinguia-se sempre pelo recolhimento um tanto melancólico dos seus gostos e das suas inclinações. Aos parentes velhos ouvia-os com concentrado en-

Digitized by Google

lêvo e só ela se entretinha a escutá-los pelas seroadas lentas, no desfiar do mesmo e interminável conto: — o conto dito e redito das gerações donde vinham.

José da Silva pouco se importava com êsses assômos de empergaminhada preocupação. Mas Ana Isabel sabia de cor as côres do brasão que o senhor D. João V concedera a um irmão de seu quarto avô, — brasão em que floriam os cinco lises dos Lobões e o campo de oiro dos Teles Silvas. E no isolamento perturbador da sua ingénua vida de província, ou na herdade, diante da paz imensa do montado, ou na vila, contemplando os torreões morenos do castelo — quantas vezes na sua imaginação não passavam, em mesuras de côrte, fantasmas que ela não tinha conhecido, mas que lhe enchiam a existência dum perfume nunca aspirado! Nuns, de garnacha e vara solene, cuidava adivinhar certo tio que fôra corregedor em Avis; noutro, de loba austera e hábito de Cristo, aquele desembargador que deixara na família demorado eco de si. Sorriam-se as irmãs não lhe entendendo os devaneios. E Ana Isabel, tocada de simpatia persuasiva, continuava enleada na espiral indefinida do seu sonho. As tartardes gastava-as, regando as roseiras.

Revia-se José da Silva no encanto da menina. Mas, o cirurgião novo chegou — e na existência plácida de Ana Isabel houve depressa um estremecimento mais humano. Eram primos — como nos romances. E como nos romances, na salinha de

Digitized by Google

tremó doirado e tamboretes lisos, o antigo sargento-mór de Ordenanças concedeu, por fim, a mão da filha ao primo médico, que de rabona e chapéu fino, como em tarde de procissão, lha viera pedir, acompanhado dum dos senhores de mais respeito na vila.

*

* *

Ajustado o casamento, o noivo quís para padrinho, seu pai—o Físico-Mór. José da Silva escumejou dentro de si, porque desejava bem não se encontrar cara a cara com o «pedreiro-livre». Herdára o capitão de Voluntários Realistas de seus cunhados — os irmãos de D. Guiomar Vicência — uma ponta de rancor a Lourenço Félix. Olharam-no sempre como um excomungado — como um réprobo. Muito rapaz, não se acomodando à faina grossa do campo, fugira aos seus com destino incerto. Souberam depois que se tinha alistado no exército e andava aprendendo cirurgia em Elvas com os frades de S. João de Deus. Não se empertigavam os Sardinha com escusadas pompas heráldicas, embora o seu apelido andasse por campos e nobiliários da província. Gente agarrada à terra, contentava-se em viver à lei da nobreza, tratando-se com criados e cavalos, e em não desmerecerem do conceito que os reputava de sangue limpo e boa cristandade. A fuga de Lourenço Félix não os desconcertou. Achavam-no estranho e arredio á curiosidade das sementeiras e

Digitized by Google

sempre metido com alfarrábios, que trazia de Portalegre, da livraria duns parentes, cónegos na Sé. Era natural que não dessem nada por êle, que não o estimassem. Se com indiferença acolheram a notícia da sua fuga, já não se mantiveram tão serenos ao informarem-se do seu paradeiro, sarjando cadáveres com os frades «seringas». Fôra para isso que um dêles — o Domingos, justificára a linhagem, ao assentar praça de cadete em cavalaria. Lá se andaria roçando em Elvas, como o outro, de avental e mangas arregaçadas, como qualquer «obrigado» do açougue.

O mal entendido cresceu, quando em 1820, Lourenço Félix se mostrou aberto às novidades importadas de França. Na oscilação dos partidos, a sorte adversa atirou-o para a prisão, e só dela saíu — do Castelo de S. Jorge, naquele 24 de Julho em que o Conde de Vila Flor desembarcou em Lisboa. No Assumar, assistindo a *Te-Deum* e estralejando vivas, o resto da família aclamava a D. Miguel — e a medalha da realeza distinguia com o seu lacinho vermelho a fidelidade de todos êles. Sobreveio Évora-Monte. José da Silva participára do epílogo dramático da capitulação, e os cunhados, dispersos e fugidos, estorciam-se de raiva nos seus esconderijos de acaso. Em liberdade, Lourenço Félix subira de cargos e situações. Assistira em Queluz ào Imperador moribundo e, de passagem por postos de destaque, terminára por ser colocado em Elvas, como Físico-Mór de brigada.

Digitized by Google

Eis o que em relance se atropelava, com outras reminiscências, no pensamento de José da Silva, a caminho de casa. Lourenço Félix, possuído dos melindres de ocasião, esforçava-se com polidez, para lhe corrigir as arestas. Na salinha de tremó doirado e tamboretes lisos, conheceu a Ana Isabel. Trocaram-se palavras breves — as palavras indispensáveis. A um canto, José da Silva acomodara-se mais à aceitação do «pedreiro-livre», — ali debaixo dos seus tectos. A noite alongou-se, no entanto, — uma noite de Maio, abafadiça e funda, toucando de mistério o casario abaluartado da vila. Na cozinha mexia-se a azáfama de véspera de casamento, — galinhas mortas, mulheres batendo bolos, — uma barafunda de festa grande. «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo» — exclamou, de pé, José da Silva, ao velho uso. E, despedidos, cada um procurou o descanso que o sono lhe oferecia, nas altas camas, de cortinados diáfanos e engomadinhos de fresco.

*

* *

O cortêjo espalhou-se pelas naves da igreja, cheia de povoléu, cochichando, curioso. Nos altares tremeluziam as alâmpadas e respirava-se no templo, espaçoso e severo, um perfume esquecido de sábado de Aleluia. Trocaram-se os anéis, e o Prior, solene nos seus paramentos doirados, leu aos noivos as exortações de S. Paulo. Ana Isabel, pálida, deixava

Digitized by Google

caír em fio lágrimas grossas, como pérolas. Ladeava-a o Físico-Mór, todo aprumado nos seus galões e nas suas medalhas. José da Silva, êsse, nostálgico da sua farda e da sua espada, encostava-se a uma coluna, com a sua natureza de impulsivo, sucumbindo à comoção. O Prior lançou a bênção, seguida logo de refolhudos parabens. José da Silva nunca soube explicar como é que se encontrou de repente abraçado ao compadre — ao Físico-Mór — ao «pedreiro-livre»!

Já as amêndoas esparrinhavam no adro pelo rapazio pulando, sôfrego. O padre passou à sacristia com os noivos e o acompanhamento. Puxando dos óculos e com a pena de pato suspensa, principiou a ler, nasal e atabalhoado: — «*No dia dezanove de maio de mil oitocentos quarenta e cinco anos, eu, o Padre abaixo assinado, à vista do mandado do Il.*^mo^ *e Ex.*^mo^ *Senhor Vigário dêste Bispado de Portalegre e por licença do Mt.*^o^ *Rev.*^mo^ *Vigário desta matriz da V.*^a^ *d'Arronches em a mesma assisti ao Sacramento do Matrimónio que «in face Ecclesiæ...» celebraram entre si com palavras de presente António Maria da Trindade Sardinha, solteiro, filho legítimo de Lourenço Félix Sardinha e de D. Guiomar Hipólita da Trindade, natural de Portalegre, e D. Anna Izabel da Silva Lobão, filha legítima solteira de José da Silva Lobão Telo e de D. Guiomar Vicência Sardinha, natural desta V.*^a^ *d'Arronches. Foram dispensados em terceiro grau de consaguinidade pela*

Digitized by Google

St.ª Sé Apostólica». Suspendeu-se a leitura e o celebrante convidou os padrinhos a assinarem. Um dêles — o senhor Joaquim Felizardo da Cunha Osório (Gervásio Lobato pô-lo-ia depois em scena no *D. Trajano,* numa das suas diabruras), interrogou, malicioso e importuno: — «Mas, afinal, ó José da Silva, qual dos dois tem razão — o senhor ou o seu compadre?» O capitão de Voluntários Realistas endireitou-se, como que galvanizado. Nas pupilas líquidas passou-lhe um corisco de batalha. Mas amansou-o depressa a vista da filha, de véu e grinalda, já pelo braço do marido, repousando o chapéu de castor sôbre a pantalona côr de alegrete. «Qual dos dois tem razão, ou eu por D. Miguel, ou aqui o meu compadre pelo «papel» dos «malhados» — pregunta Vossa Senhoria? Pois o tempo lhe responderá!» E batendo com energia no ombro do Físico-Mór, embaraçado: — «A resposta virá, mas só virá provàvelmente quando estivermos ambos debaixo da terra. Hão-de dá-la por nós, asseguro, os que nascerem dêste casamento!»

*

* *

Tardou um pouco a resposta, mas chegou por fim na pessoa dum bisneto dos dois. Na verdade, quem tinha razão era meu bisavô, José da Silva Lobão Telo, capitão de Voluntários Realistas e convencionado de Évora-Monte.

Digitized by Google

Digitized by Google

II

Digitized by Google

Digitized by Google

DANTE

«*Onorate l'altissimo poeta!*—E seja agora para saudar a Dante que êste verso imortal do seu imortal poema se converta em língua de fogo dentro dos nossos espíritos. Mais cem anos passaram sôbre o dia taciturno em que, à sombra das igrejas bisantinas de Ravena, escondendo a face no longo capuz avermelhado, abriu os seus olhos para a visão assombrosa da Eternidade, aquele a quem a Itália chamaria por bôca de Alfieri «*il gran padre Alighieri*».

Verdadeiro fundador da unidade italiana pelo nacionalismo da sua língua, da sua literatura e da sua política, ninguém foi, em todo o caso, mais humano e mais universal do que Dante. «*Ce poète d'une cité a toujours soin de se marquer des abris et des réfuges æcuméniques*,—escreve algures Charles Maurras; *mais le souvenir de ses temples de sereine contemplation ne se sauve jamais des réveils de patriotisme pieux ou de civisme involuntaire*».

Por êsse duplo aspecto Dante será de sempre, porque sempre estará com todas as justas indignações sociais e patrióticas, ao mesmo tempo que nos eleva a compreensão, para àlém dos limites dos sentidos,—à estância inacessível, onde o amor faz

Digitized by Google

mover «*il sole e l'altre stelle.*» Pelo seu ardente patriotismo localista diante de Florença dilacerada pelas discórdias intestinas, e pelo seu Catolicismo militante, adivinhando naquilo que é tangível e imediato, os próprios átrios da Cidade-de-Deus, Dante é palpàvelmente, para nós, o poeta máximo da Igreja e da Monarquia.

Declarado ortodoxo pela Cadeira de Roma, na sua diáfana inspiração teológica há uma resposta permanente para quantas angústias nos atormentam a consciência. Mas hoje, mais do que nunca, Dante se enche duma espantosa significação, se olharmos à encruzilhada em que se surpreende, hesitante, a sociedade moderna. Ele escutou as vozes sagradas do nosso mundo anterior sempre tão olvidado, mas sempre tão presente no seu imenso mistério. E o coração enternecido da *Vita Nuova*, comungando brandamente nas harmonias de *il dulce stil nuovo*, tanto é do tratadista sereno do «*De Monarchia*», como do panfletário veemente do *Inferno* e do *Purgatório*. Na unidade admirável da sua obra, Dante realiza a unidade admirável de sua vida. Ele é o modêlo perfeito do humanista cristão, do humanista por excelência, sem mais adjectivações, que, rico da boa sabedoria antiga e dos tesoiros inesgotáveis da Fé, a Renascença mudaria depois numa caricatura desprezível com os seus literatos pedantescos, apenas enamorados do falso prestígio da antigüidade greco-romana.

Pois é o *humanismo* imorredoiro de Dante que

Digitized by Google

o torna, aínda agora, de pé nas clareiras da História, o grande, o único mestre a seguir-se. Com êle aprendemos que toda a Arte é vida e que como a vida visível não é senão o sinal precário de vida invisível, a verdadeira Arte não pode deixar de ser simbolista. Não do simbolismo decorativo e convencional que foi o sêlo de certa tendência literária caída na esterilidade e no limbo das coisas vãs. Mas daquele simbolismo que mergulha as raízes nas nossas próprias raízes e que é a linguagem dos combates secretos em que o nosso *eu* se divide, suscitado poderosamente ou para a dissolução de si mesmo, ou para a sua maior plenitude pelas fôrças secretas que disputam sem cessar o nosso pobre destino de homens nascidos livres.

Tal é o sentido não só actual, mas eternamente moço da poesia de Dante. Bebeu-a êle nos infinitos recursos do misticismo católico. Por isso êle ficou o maior poeta dos séculos cristãos, no seu duplo aspecto nacionalista e universal.

Daí lhe vem a sua concepção da unidade de vida, onde tudo que existe se corresponde solidàriamente. As asas que elevaram Dante, desde as cisternas geladas em que Satanás agoniza o seu tormento sem fim às cumiadas supremas da Bemaventurança, fôram as asas que faltavam a Gœthe no *Fausto* e a Flaubert nas *Tentações de Santo António*, os dois mais belos poemas da Centúria que findou, conquanto o segundo passe vulgarmente por uma novela em prosa correntia.

Digitized by Google

Pois é a Dante que temos que regressar, — ao veio límpido e sempre vivo da sua inspiração. «O papel da arte, — anota Paul Claudel, — é tanto mais importante quanto é certo ser o mal de que nós sofremos há bastantes séculos, menos o resultado duma separação entre a fé e a razão, do que entre a fé e a imaginação, incapacitada esta de estabelecer um acôrdo entre as duas partes do universo visível e invisível.» Em Dante nós achamos o guia seguro que, tal como na «*selva oscura*» o «gentilíssimo espírito do Mantuano» nos conduzirá às avenidas da beleza que não séca e que é constantemente dentro de nós uma fonte cristalina gorgolejando.

*

* *

Na passagem do centenário de Dante não é, porém, sòmente, o poeta dos poetas, — «*onorate l'altissimo poeta!*» — que deve absorver o incenso de nossa rendida admiração. É, sobretudo, a sua alta *humanidade*, — o seu equilibrado *humanismo*, que o levava a monologar tercetos marmóreos contra aqueles que vivem como mortos por viverem sem usar da inteligência, que é para êle o dom inapreciável de Deus. No seu respeito pela personalidade humana que êle queria sempre activa, laborando ininterruptamente, a renúncia, a deserção, a covardia dos que pensam só em si, estranhos a

Digitized by Google

toda a glória, e a infâmia é para Dante o peor dos pecados, — o pecado da *viltá,* indigno mesmo das chamas de «*lo profondo inferno*».

E se Dante nos ensina «*come l'hom s'eterna,*» — como a individualidade se mantém pelo poder natural da Inteligência, não nos esqueçamos também que a Inteligência não é o bastante para que possamos sobreviver a nós próprios.

Assim, se em Bruneto Latino, seu mestre, Dante venera uma «querida e boa imagem paternal», não se evita, contudo, de o condenar às penas do Inferno, pondo-o a correr interminàvelmente na lande ignominiosa em que desagua com um fétido infame o sangue dos suicidas, talvez para significar que apenas pela Inteligência o homem não é completo nem realiza a sua unidade, à semelhança da unidade intangível de Deus. Mais alto, pois, que o entendimento, o Amor se levanta, — o Amor que faz mover o Sol e as Estrêlas e pelo qual o nosso destino terrestre consegue sair triunfante dos combates terríveis da Alma e do Mundo.

*

* *

Leiamos a Dante, leiamos a Dante. Mas leiamo-lo com um recolhimento de claustro, como quem se prepara para comparecer diante do Senhor. Os seus tercetos, talhados em granito trágico, acharão den-

Digitized by Google

tro de nós uma ressonância inolvidável. E ao descermos com êle ao derradeiro poço do Inferno, onde o fogo se apagou e só o gêlo reina, veremos então que, no último lugar da maldição, Judas e Brutus participam do tormento indescritível de Satanás. Judas por vender a Cristo, Brutus por matar a César. Unindo-os na mesma pena, Dante unifica o deicídio com o regicídio no mesmo atentado supremo contra Deus. É que, se Cristo, Redentor nosso, vem ao mundo para salvar os homens, o Poder foi dado aos homens para que a sociedade se não perdesse perante Deus. Eis porque não atenta menos contra Deus quem atenta contra a expressão legítima do Estado.

Não é outra a lição que nos ensina aquele poeta, — «*onorate l'altissimo poeta!*» — que, sentando-se à sombra das igrejas bisantinas de Ravena, escondeu a face no longo capuz avermelhado, para morrer há seiscentos anos sôbre a terra melancólica do exílio.

Outubro, 1921.

Digitized by Google

A IMPERATRIZ EUGÉNIA

I

Os restos mortais da Imperatriz Eugénia acabam de atravessar as ruas de Madrid, por um entardecer atormentante de Julho. E lá vão agora caminho de Inglaterra aguardar a ressurreição da Carne, ao lado de outros despojos queridos, no panteon familiar de Fornborhoug-Hill. É, na verdade, comoventíssima a vida dessa mulher extraordinária que só pelos direitos do coração conheceu todas as glórias e experimentou todas as agonias! Pertenciam ao *D. Quixote* as últimas páginas em que a sua vista fatigada se repousou. Se o velho fidalgo manchego é o símbolo moral de quantos neste vale de lágrimas excedem pela cavalaria ardente do espírito as linhas opressoras do vulgar e do medíocre, a criação de Cervantes seria para Eugénia de Guzman alguma coisa como que o reflexo das suas memórias, como que o seu breviário de consolação interior...

— «Eu já não vivo — eu sobrevivo-me!» — costumava exclamar a Imperatriz freqüentes vezes, debruçada sôbre si mesma como uma estátua fune-

Digitized by Google

rária. E deslocando-se constantemente na instabilidade angustiosa de um fantasma sem remissão, deu-lhe Deus por fim a graça de lhe receber o suspiro derradeiro, debaixo do céu impassível que lhe havia presenceado o nascimento, noventa e quatro anos antes. Conheceu todas as glórias, experimentou todas as agonias — repito. E se Bossuet ressurgisse da sepultura podia edificar-nos de novo, àcêrca de inanidade das pompas do mundo, erguendo a sua palavra assombrosa, diante de mais um catafalco real.

Porque o romantismo conduz as nossas almas inquietas, cheias aínda de pecado mortal de sensibilidade, nunca nos deixará indiferentes a figura inexpremível de Maria Eugénia de Teba y Montijo, que o pincel delicado de Wniterhalter soube fixar preciosamente no esplendor incomparável de uma juventude já desfeita no longe, como um perfume de ânfora partida. Era uma novela para contar com demora, — uma novela de paixão e de amargura, a novela bem sentida e bem sofrida daquela que foi a espôsa de *Napoléon-Le-Petit*. Não lhe faltaria para nós nem o interêsse de uma alta lição política, porque se os rogos de *L'Espagnole*, como injuriosamente lhe chamaram os *avançados* do seu tempo, tivessem sido escutados nas Tulherias, talvez que a unificação da Alemanha se não tornasse possível e muito menos o flagelo da guerra europeia.

Sinceramente católica, Eugénia de Guzman, pelo mais imprevisto dos paradoxos, conservara-se ina-

Digitized by Google

balàvelmente legitimista, — ao que corria por toda a parte, chegando a assegurar-se que a Imperatriz se dispunha a continuar os trabalhos já iniciados pelos Bourbons, a fim de se obter de Roma a beatificação de Luís XVI e de Maria Antonieta. Fôsse como fôsse, o que é certo é que o esquerdismo francês não perdoou mais à falecida Imperatriz a sua intervenção constante junto de Napoleão III, para que se mantivesse a integridade dos estados pontifícios. Obrigado pelos seus compromissos de antigo carbonário e ideològicamente subalternizado à política romântica do princípio das nacionalidades, Napoleão III acabou, porém, por ceder, não só às solicitações dos garibaldinos, mas sobretudo, ao que êle considerava como constituíndo uma responsabilidade ligada ao património do seu nome e da sua casa. Guiada apenas pelo seu profundo instinto tradicionalista, já a Imperatriz possuía uma outra noção mais pronta e mais imediata das realidades. A sua *política branca*, — como alguém sensatamente a qualificou — desde que se seguisse em relação ao ponto de vista francês, serviria melhor o futuro e a hegemonia da França, impedindo a consolidação da Itália como potência mediterrânea, e, quanto à ordem internacional, defendendo o poder temporal dos Papas, facilitaria, cêdo ou tarde, na anarquia crescente da Europa, a formação da desejada «Sociedade das Nações» de que só o Catolicismo é a expressão organizada e viável.

Não quís Deus que a Imperatriz triunfasse. E,

Digitized by Google

em homenagem às suas intenções admiráveis, vale a pena recordar aqui o que Jacques Bainville nos revela algures, no seu curiosíssimo livro — *Bismarck et la France*. «É inegável que, se a Imperatriz teve, como se afirma, uma política pessoal — escreve Bainville, — essa política era a verdadeira política tradicional da França. Unicamente foi iniciada tarde, quando as maiores faltas, as faltas irreparáveis, se haviam já cometido, quando Sadowa já era um facto consumado. Se a Imperatriz disse e fez tudo de que é acusada, é que ela viu claro...» E Bainville acrescenta: «Prouvesse a Deus que ela vencesse completamente e mais cedo, e que a sua influência tivesse sido bastante forte para evitar as faltas que ela via cometer e que revoltavam o seu sentimento conservador.

Quando o Imperador, e com êle toda a opinião liberal, se engodavam tolamente com a ideia da Itália-una, a «Espanhola» via melhor que todos os Ollivier e que todos os Guéroult.»

E porquê? «Porque, — elucida sempre Bainville — o Catolicismo foi para ela, em tal conjuntura, um bom inspirador.» Acusando-a de desviar Napoleão III daquilo em que consistia a directriz fundamental de ditador revolucionário, Henry Genevois, a quem se dirigem as reflexões de Bainville, censura Maria Eugénia de Montijo em termos que são, perante a posteridade — agora que a Imperatriz se some nas trevas inferiores do túmulo, — a sua mais bela justificação. «A mulher de Napoleão III queria

Digitized by Google

recomeçar a obra dos Bourbons.» Recomeçar a obra dos Bourbons contra as quimeras que desfaziam a França, nada mais era do que restituír a pátria de Joana d'Arc ao rumo natural da sua esquecida vocação histórica.

II

Mas «*l'Espagnole*», apesar de tudo, não se encontrou isolada na sua campanha pelo Papa e pela França. Para que o paradoxo se sublinhe com maior vigor ainda e se desenvolva em detalhes inesperados, — a voz dum homem rude, sagitário duro dos combates do sindicalismo nascente, daria um sentido positivo do que na Imperatriz não passava dum protesto, um pouco hesitante e confuso, do seu coração de mulher. Aludo a Proudhon — «*ce rustre de génie*» — que hoje enfileira francamente a par de De Bonald e de Balzac, embora pese a Mr. Bouglé, no quadro vastíssimo dos mestres da Contra-Revolução.

Á frente do livro *Bismarck et la France*, Bainville enlaça-lhe a memória um tanto áspera, com a memória gloriosa dos zuavos pontifícios que cairam em Roma e Potoy, defendendo a causa da França contra a unificação da Itália e contra a unidade da Alemanha.

E tudo porque Proudhon — conforme o mesmo Bainville — soubera achar em plena liberdade de

Digitized by Google

espírito, a política dos antigos monarcas franceses. Desde que, realmente, assim sucedia, não nos enche de surpresa a coincidência da sua pena agreste de polemista com a atitude tão incriminada de *l'Espagnole*, que sôbre o trono do Império se empenhava em trazer outra vez para a vida, o esfôrço patriótico, interrompido com a partida violenta de Carlos X. Singular condição essa, — concordemos! — da espôsa de Napoleão III, tentando ressuscitar o pensamento político duma dinastia, a cujo direito seu marido sobrepusera revolucionàriamente uma simples situação de facto!

Já com Josefina acontecera outro tanto. Permanecera sempre realista no seu íntimo a dôce e apaixonada criatura que em seguida a Quiberon, salvou o Delfim do fusilamento inevitável, — se Luís XVII, evadido do Templo, em lugar do misterioso Naundorff que Jules Favre defendeu e que motivou o conto tão conhecido de Viliers de l'Isle-Adam, foi antes êsse enigmático Augusto César de Vasconcelos, falecido em Elvas, octogenário, ao pêso de uma existência que é, só por si, singelamente, o mais comovedor de todos os romances. Não me cabe aqui desfiar-lhe os capítulos emocionantíssimos. Basta que o nome de Josefina se ligue ao nome de Maria Eugénia de Guzman no mesmo sentimento respeitoso da realeza, que, se levava a primeira a sofrer o repúdio e o abandono de Malmaison, talvez por haver arrancado à morte o herdeiro do sceptro de S. Luís, levava a segunda, na sua conformação ca-

Digitized by Google

tólica e monárquica, a não olvidar, um só instante, aqueles deveres que o nascimento lhe ditara e que depois lhe ofereceriam ancoradoiro seguro nas horas amargas da incerteza e da desgraça. Claramente o demonstrou a Imperatriz no acolhimento dispensado ao destêrro de Isabel II, de quem, por direito próprio, seria dama, se um verdadeiro acaso de história de fadas, a que nem faltou a previsão de uma cigana andaluza, lhe não tivesse aberto de par em par, pela mão vitoriosa dum César, as portas doiradas das Tulherias.

A Revolução expulsara de Espanha a filha de Fernando VII, — a raínha de *los tristes destinos*. Pois Eugénia de Guzman, guardando a fidelidade jurada ao sangue e à hierarquia, não hesita em receber como sua soberana a régia exilada, neutralizando, quanto possível, junto de Napoleão III, — *mio sobrino el conde consorte de Teba*, como enfàticamente lhe chamava o tio Frasquito da novela célebre do padre Coloma — as influências ocultas que tamanha acção desempenharam na queda passageira da Monarquia espanhola.

Infelizmente, o trono vago da Espanha constituïria a causa próxima da guerra terrível de 70, sabido que Bismarck, pretendendo estender à Península a preponderância germânica, apresentava como candidato à corôa de S. Fernando, o príncipe Leopoldo de Sigmaringen, espôso da infanta D. Antónia de Bragança.

Já então a Prússia se consolidara e fortalecera,

Digitized by Google

mercê do princípio das nacionalidades, tão nefasto para a vitalidade da França e agora mais uma vez posto à prova na balcanização total da Europa, por obra e graça da fracassada paz de Versailles.

Não o percebeu Napoleão III, conquanto nas suas *Memórias* o general Marbot houvesse já observado que o êrro capital de Bonaparte consistia em não ter mantido para os Estados de Além-Reno, a política secularmente experimentada dos velhos Reis da França.

A ela se dirigia, por intuição, o legitimismo estrutural da Imperatriz Eugénia. Mas, se o primeiro império caíra, principalmente por um desvio de visão política, idêntico caminho reservava Deus ao segundo. A questão insensata da Itália-Una abriu-lhe a carreira para o abismo. É onde a figura da Imperatriz se destaca para a perspectiva justiceira do futuro.

Cavour morrera e Imbert de Saint-Amand informa-nos que no decurso do conselho de ministros efectuado em Fontainebleau, o ministro Thouvenel submetera à apreciação de Napoleão III um extenso relatório que concluía pela necessidade de se reconhecer o novo Reino de Itália.

A Imperatriz que assistia, não pôde reprimir as lágrimas e levantou-se bruscamente. Reagindo como católica, reagia como francesa, — comenta Bainville, — «porque as suas lágrimas todo o francês clarividente as devia verter, ao reconhecer-se o

Digitized by Google

Reino de Itália». E o autor do *Bismarck et la France*, continua: — «Não era o próprio Proudhon, tão pouco suspeito de clericalismo, que nos anunciava as desgraças que nos acarretaria a unidade italiana, quem nos ameaçava com a ingratidão próxima da nova Nacionalidade? Tanto como a Imperatriz, Proudhon opunha-se ao reconhecimento do reino de Vítor Manuel... Proudhon, para exprimir o seu pensamento, dispunha da sua dialéctica e do seu espírito.

A Imperatriz não dispunha senão de lágrimas, de nervos, de intrigas de mulher. Venceu a «camarilha semi-bonarpatista e semi-jacobina», como tão bem a definia Proudhon... Mas eram o filósofo independente e a Imperatriz espanhola, com o que ao país restasse de patriotas inteligentes e de puros tradicionalistas, quem descernia o verdadeiro interêsse da França e quem o sabia defender.»

Tal é o retrato político da defunta Imperatriz, traçado por um escritor que está bem longe de se submeter ao transitório prestígio dos dois Napoleões.

Palavras medidas dum positivista, sòlidamente documentado na sua alta capacidade de crítico e de observador, as palavras de Jacques Bainville restituem às intenções de Maria Eugénia de Guzman a sinceridade que obstinadamente se lhes negou.

Digitized by Google

E eis no que consiste a lição profunda que a Imperatriz nos lega, — bem mais impressionante, sem dúvida, do que a novela sentimental da sua juventude. Dotada dum temperamento inquieto e decidido, contem-se toda ela na resposta curta com que significou a Luís Napoleão, ao pretendê-la, que, se era pouco para Imperatriz, era demais para amante dum Imperador. Mas a velha bruxa de Albaycias não lhe prometera debalde um trono. Quando um dia o ocupou, a condessa de Teba não teve que se defender das perturbações do arrivismo, porque possuía uma grande alma cristã e fidalga.

Discípula de Fustel de Coulanges, Eugénia de Montijo não só encantou pela sua formosura, como encantou também pela sua inteligência. Entre os seus amigos dedicados, apontavam-se Merimel e Lesseps. A Imperatriz presidia à inauguração do canal do Suez. E é Lesseps, depois, auxiliado por um modesto dentista norte-americano, quem lhe protege a fuga, quando, caído o Império, a população rodeia as Tulherias, uivando insultos contra *l'Espagnole*.

Ora *l'Espagnole*, sobrevivendo-se, — como a Imperatriz freqüentemente dizia — não se despediu das coisas dêste mundo, sem que pudesse ainda prestar um verdadeiro serviço à França. Possuía Eugénia de Guzman um autógrafo preciosíssimo de Guilherme I, em que o vencedor de Versailles expontâneamente declarava pertencerem à terra de

Digitized by Google

S. Luís, as duas províncias extorquidas pela sorte das armas — a Alsácia e a Lorena.

A Imperatriz dirigira-se-lhe, já do exílio, suplicando-lhe uma paz benigna — uma paz cheia de misericórdia. Cheio de respeito pela dôr admirável da admirável senhora, o fundador da grandeza da Alemanha, ao responder-lhe, justificava a desmembração do território francês por fundamentados motivos de defesa natural e militar para o seu país — embora não titubeasse em confessar a prioridade dos direitos da França às províncias conquistadas. Anos rodaram, — mais de quarenta longos anos. A morte parecia esquecer-se de Maria Eugénia de Guzman, para que sentisse na derrota da Alemanha a recompensa de tantas lágrimas choradas em silêncio. Aproxima-se, por fim, o ajuste de contas, — e Wilson, o pitoresco Wilson, vacila em acompanhar a França na sua reivindicação da Alsácia e da Lorena. Como jurista, — oh!, a meticulosidade dos juristas! — pede um texto, um documento, uma prova. Clemenceau, alarmado, procura debalde nos arquivos, e, nada encontrando, recorre à intervenção daquela, cujo nome presumìvelmente ajudara a enegrecer. E *l'Espagnole*, com a mais nobre singeleza, volta a servir o interêsse da França, facilitando ao exame do presidente dos Estados Unidos a carta de Guilherme I.

Nao é outro o sulco, já agora anapagável, que fica assinalando a passagem pela vida de Maria Eugénia de Teba y Montijo. Amêmo-la na perfu-

Digitized by Google

mada auréola da sua grande beleza romântica, — amêmo-la no seu assombroso coração de espôsa e mãe dolorida. Mas não deixemos também de venerá-la como a inspiradora duma política, que, se houvesse prevalecido, talvez a Europa a esta hora não fôsse um monte de ruínas e a civilização um sorriso caminhando para o seu fatal declínio.

Madrid, 15-XII-920.

Digitized by Google

A INFANTA REGENTE

O manifesto de Sua Alteza Real, a Senhora Infanta Regente, veio recordar-nos toda a admirável hereditariedade feminina da dinastia de Bragança. É essa uma página inédita da nossa história que, a escrever-se, representaria uma curiosa demonstração de quanto pode a fôrça do sentimento ao serviço da razão do Estado.

O traço característico da instituição monárquica, a sua virtude suprema, está em aproveitar para o interêsse geral o que constitui muitas vezes o património discreto duma família. Ninguém melhor o confirma no momento presente do que as palavras enérgicas duma Princesa de Portugal, lembrando maternalmente aos portugueses qual seja o verdadeiro caminho da concórdia e da paz.

Filha del-rei D. Miguel I, a Senhora Infanta Regente, num século de contradições violentas, possui com a maior serenidade, uma fé inquebrantável naqueles princípios que fôram a sua mais bela e única herança. Princípios que encerram dentro de si, — na sua renovação incessante, a mocidade das coisas eternas desde que a tragédia de Évora-Monte atirou para o destêrro o mais querido e o mais popular dos nossos Monarcas, ninguém em Portugal os voltou a ouvir pronunciados por uma bôca régia com

Digitized by Google

tanta e tão soleníssima firmeza. Decerto a nacionalidade os guardará consigo, no melhor lugar do seu coração. E o que haja de adormecido no atavismo superior da nossa raça, não creio que fique indiferente ao apêlo da neta de Santa Isabel — Raínha que no seu sangue reune também o sangue de Dona Luísa de Gusmão, a obreira infatigável da nossa independência.

Na crise que Portugal atravessa, a restauração, a intentar-se, não é uma restrita restauração política — é sobretudo uma restauração nacional. Não tenhamos da Pátria apenas um mesquinho conceito geográfico. A Pátria é, principalmente, uma *alma* — um *génio,* — uma *realidade espiritual,* permanecendo no espaço e no tempo. É a alma da Pátria encarcerada pelos seus próprios parentes, — tal como a Silvaninha simbólica do romance, — que é nossa obrigação imperiosa restaurar.

Não se restaura, porém, ressuscitando os mesmos êrros que nos levaram quási à carreira despenhadora do abismo. Com uma singeleza nobilíssima, eis o que a Senhora Infanta Regente reconhece, ao declarar que o seu programa é singelameate a História de Portugal.

Indo pedir à História de Portugal o facto vivo, a regra que não provém de nenhuma predilecção doutrinária, mas da natureza social em si, a Senhora Infanta Regente claramente assevera a índole contra-revolucionária do movimento nacionalista que chefia. Num instante de dolorosas interrogações, só

Digitized by Google

a ela pertence, por mercê do pensamento que a inspira, olhar o futuro com tranqüila segurança.

A bandeira que levanta, viu nascer a nacionalidade. Porque não lhe caberá o triunfo indizível de assistir a uma segunda fundação de Portugal? Levantam-na mãos de mulher? Que importa? Se olharmos para trás, as mãos de uma mulher enchem por todo o lado de sinais luminosos a existência acidentada dos povos.

Sem saír da Península, lembremo-nos em Espanha de D. Maria de Molina, de Isabel-a-Católica. E, se entrarmos mais de perto na linhagem a que a Senhora Infanta Regente acrescenta um novo título de glória, desde a duquesa D. Catarina, — a adversária temível de Felipe II, que a pretendeu para espôsa, até D. Maria Bárbara de Bragança — a amorável companheira de Fernando VII, tão desconhecida entre nós, que tripla tradição de govêrno, de inteligência e de sensibilidade, se não revela e afirma nas princesas da estirpe brigantina!

Não fizeram essas flôres supremas da nossa terra senão continuar um passado que, dando Santas para os altares e seiva para as dinastias, se confunde quási com a aparição de Portugal no scenário da política europeia. Começa o desfile com a condessa Mahaud, filha de D. Afonso Henriques, e na sua ambição revôlta, verdadeira precursora da Bélgica moderna. Logo lhe seguem, numa teoria calma de rostos calmos, D. Beringela, que foi raínha da Dinamarca e Santa Teresa de Portugal, de

Digitized by Google

quem ficou memória duradoira pela conferência célebre de Valência de D. Juan. E a procissão dos fantasmas coroados aumenta e cresce com a «fermosissima Maria» das estâncias sonoras de Camões, com D. Isabel, duquesa de Borgonha, mãe do *Temerário* e filha do Mestre de Avís, que levou a todas as casas reais da Europa, pela sua descendência, a ancestralidade superiormente dotada dos «altos infantes».

Não se resignaram apenas a partilhar do tálamo régio, as princesas que saíram do torrão lusitano. A tantas, acrescentemos por justiça o nome da imperatriz Isabel, colaboradora de Carlos V numa hora alta para os destinos da civilização, e da qual Ticiano nos fixou a beleza pensativa e branda. Mas outras adiantam, no decorrer do tempo, — e são já agora, depois de Catarina de Bragança, que pela sua virtude se impôs à côrte dissoluta de Carlos II de Inglaterra, as filhas de D. João VI — tias da Senhora Infanta Regente, — D. Maria Teresa, D. Maria Francisca e D. Maria Isabel.

D. Maria Isabel casou com seu tio Fernando VII e contribuiu poderosamente para a fundação do Museu do Prado. D. Maria Francisca, unida ao pretendente Carlos Maria Izidro, é a alma viril que o encaminha e o atira para a conquista dum trôno, só por uma fatalidade inexorável perdido. De D. Maria Francisca de Bragança há em Madrid, na *Academia de S. Fernando*, alguns quadros apreciáveis, revelando-nos com a capacidade governativa das

Digitized by Google

princesas de Bragança e tão evidenciada, sobretudo na raínha de Espanha, D. Maria Bárbara — as suas íntimas inclinações artísticas.

Quanto a D. Maria Teresa, recordarei apenas que é a incansável *princesa das Beiras* das lutas carlistas.

Na senhora D. Maria das Neves, irmã da Senhora Infanta Regente, ressurgiu êsse tipo admirável e novelesco de guerrilheira vendeana. Casada com o Infante D. Afonso de Bourbon y Éste, a sua acção na segunda guerra carlista encontrou ainda eco no romance de Pierre Benoit — *Pour Don Carlos*, que lhe chama «*miracle de pureté et de grâce blonde*». Da Senhora Infanta Regente não falarei. Falam por Sua Alteza Real as sombras tutelares que a antecederam no cuidado de servir e de amparar a Portugal. É o cuidado de servir e de amparar a Portugal que arranca do seu exílio à Senhora Duquesa de Guimarães palavras de reconciliação e de fé, em que a ideia da Pátria estremecida se torna duma humanidade mais tocante e mais dolorosa.

Meditemo-las todos nós, — os que desejamos a grandeza de Portugal. Não está perdido o nosso sacrifício, porque há quem o recolha e quem o abençôe.

A filha del-Rei D. Miguel I falou aos portugueses. Que os portugueses lhe respondam, eliminando, duma vez para sempre, o abominável parêntesis, aberto há quási cem anos, sôbre a colina trágica de Évora-Monte!

Digitized by Google

Digitized by Google

AS FLÔRES DA REALEZA

Graças a Deus, qué há um Rei na Europa! E êsse Rei, vindo do trono augustíssimo dos Habsburgos, traz nas suas veias sangue de Bragança, sangue bem nosso, bem português. Obscurecidas e aviltadas, as flôres da Realeza despertaram de novo no regaço da casa de Áustria, coluna da Igreja, escudo venerável da Fé e do Império. Num século em que o perfume das coisas eternas parece perder-se para as sementeiras largas da Esperança, Carlos da Hungria não foge nem abdica. Proclama bem alto o seu direito. E perante uma Europa burguesa e maçónica, que julgava ter remetido os sceptros para as *vitrines* dos museus, eis que um monarca desponta, liberto das ficções constitucionalistas e de toda a mais mitologia do seu tempo, para ensinar bravamente às gerações do resgate, o caminho direito do futuro.

Que nos importa a nós a derrota política do Imperador, a traição de que foi vítima? Bem outra e bem mais gloriosa, se nos apresenta a sua vitória. Dantes, a Realeza era um fantasma que se tolerava, a simples título de decoração teatral. Restituiu-lhe

Digitized by Google

Carlos V de Áustria a admirável beleza da sua fôrça secular, que não envelhece nunca. E, como Napoleão há um século, tomam conta dêle os seus inimigos, para o entregarem à guarda do Oceano, no isolamento duma ilha afastada. E porquê? Porque Carlos de Áustria representa um princípio, que se reputava morto, mas que surge inesperadamente, dos cortejos da história, trazido à scena do dia pelo clamor da inteligência moderna.

Na verdade, como as ideias mudaram e como se transformou o rumo dos espíritos! A Napoleão mandaram-no para Santa Helena os próprios reis, apavorados com o espectro crescente da revolução e já sem crença nenhuma na missão providencial para que Deus os enviara à terra. São agora os caixeiros viajantes da obra política de Napoleão,— pobres arengadores de sobrecasaca e ganforina à sôlta, que, trémulos de espanto diante de um Rei que redime os reis do seu pecado antigo, se declaram carcereiros de quem já os venceu imorredoiramente, porque levantou nas suas mãos, vigorosas e jóvens, o estandarte abatido da Realeza!

Alegremo-nos, meus irmãos! Desde que na Europa existe um Rei sequestrado, porque *quís* ser Rei, é que a Monarquia retoma no curso dos acontecimentos a acção que lhe pertence. Qual o crime de Carlos de Áustria? O de acreditar nas obrigações da sua estirpe, provando bem ao mundo inteiro, a um mundo reles de plutocratas e de tribunos da plebe, que a realeza é ainda na vida dos povos

Digitized by Google

o «oitavo sacramento» de que, num livro sério, nos falava Renan.

Pois com Carlos de Áustria, prisioneiro e expoliado, não é a Monarquia *que se vai*, — é a Monarquia *que regressa*. Lembram-se do romance de Lemaître, *Les Rois?* Cristiano de Alfânia, o velho monarca paralítico, anuncia o crepúsculo da realeza porque os Reis já não acreditam em si, já não acreditam no seu *princípio*. Realmente, foi êsse o golpe mais seguro da Revolução. Influenciados pela filosofia do século XVIII, os Reis começaram a duvidar da legitimidade da sua causa. «*Depuis que le philosophisme les avait pétris* — escreve Maurras — *ce n'étaient plus eux que régnaient; ce qui régnait sur eux, c'etait la littérature du siècle*». Por isso, não nos surpreende que, à menor dificuldade, quando deviam montar a cavalo como Henrique IV, Luís XVI partisse de berlinda para Varennes, Luís XVIII de coche para Gand e Luís Felipe tomasse num *fiacre* o caminho do destêrro.

Em Cristiano de Alfânia personalizou seguramente Lamaître o imperador Francisco José com a tragédia e a intriga a minarem-lhe o trono. Ora é exactamente o sucessor de Francisco José que monta a cavalo, desprezando a lição ignóbil dos filósofos, e diz à Europa, sobresaltada: — «Aqui está um Rei! Os Reis são assim!» Nunca mais será possível a ironia de Daudet, com o seu Bourbon exilado, de chapéu de côco e bengala, correndo em Paris atrás dum *omnibus*, donde lhe gritam indi-

Digitized by Google

ferentemente: «*au complet!*» Carlos de Áustria devolveu à Monarquia todo o prestígio da sua alta dignidade humana. Não é o monarca dos *discursos da corôa* e da consulta constitucional aos *leaders* dos partidos. É o Rei — é o chefe nato, que entra de repente numa floresta de mitos ignaros e arranca de lá para a luz pleníssima do sol, as flores entorpecidas da Realeza. E prenderam-no? Depuseram-no? Sequestraram-no? Ele é moço ainda e moços como êle são os que na Europa preparam, por toda a parte, como enxames rumorosos e anónimos, o despertar já inevitável das virtudes olvidadas da Tradição.

Decerto, o triunfo lhe sorrirá um dia, se é que não lhe sorriu já com a glória única de fazer tremer os Lloyd Georges e os Briands diante desta realidade inesperada: há na Europa um Rei!

Êsse Rei, do tronco augustíssimo dos Habsburgos, traz no seu sangue, sangue português, sangue de Bragança. Casado com uma neta del-rei D. Miguel I, quere uma circunstância impressionantíssima que descenda por si também, — triste herança agora redimida! — daquele que entre nós se chamou Pedro IV. Com as flôres de realeza dir-se-ia que despertam as flôres da raça. Há um Rei na Europa e é de sangue português. Viva Deus, que não morremos ainda de todo!

Digitized by Google

D. ANTÓNIO BARROSO

Também nós nos queremos inclinar diante da grande figura de bispo que tranqüilamente acaba de adormecer no Senhor. D. António Barroso liga-se, pela sua chama ardente de missionário, a essa extraordinária linhagem moral dos nossos antigos prelados.

Lavraram êles a terra das almas, lançando a unidade espiritual da pátria que nascia. Nasceu Portugal debaixo do sinal da Cruz. E as aldeias surgiram, surgiram os vilares envoltos na benção sagrada daqueles que, empunhando o báculo pacífico de pastores, sabiam ao mesmo tempo voltejar a espada com que os direitos da nacionalidade adolescente se talhavam e mantinham.

Em face do seu cadáver mitrado, eu sinto bem que D. António Barroso possuía o mesmo sôpro de energia apostólica. O tempo heroico passara, passara o perfume épico das nossas gestas de conquistadores. Mas, através dos continentes duros e de populações inóspitas, afirmando o primado de Cristo, não afirmara igualmente D. António Barroso as condições eternas da nossa soberania? Ninguém melhor do que Camões exprimiu o consórcio

Digitized by Google

das duas únicas fôrças civilizadoras — a Cruz e o Sceptro, quando traçou a linha audaz dos nossos navegadores dilatando a Fé e o Império, por entre as terras moças e oceanos virgens. A Fé e o Império são, realmente, na sua raiz mais profunda, as duas metades do mundo, como ao Sacerdócio e à Realeza chamou um dos maiores pontífices medievais.

Não os separemos nunca, se porventura pretendemos conformar a nossa obra com as indicações seculares de Deus. Quando os Hebreus pediram um chefe que fizesse a guerra com êles e marchasse à sua frente, Samuel não se apresentou a sí mesmo, mas apresentou e ungiu Saúl. A unção divina, caíndo sôbre a cabeça dos reis, armou-os condestáveis da herança de Jesus. Podem um momento afastar-se do caminho exacto. Mas, ao longo da sua dinastia, o regresso a Cristo é inevitável, porque só em Cristo reside a fonte legítima de todo o poder humano que seja duradouro e justo.

Na *Voyage du centurion*, nós vemos como o neto de Renan, da ideia militar do Império chega à ideia espiritual da Fé. Dominar é conduzir — é guardar a responsabilidade duma civilização. Essa civilização, sendo a nossa, sendo a da Europa inteira, não é senão, nos seus fundamentos, a civilização de Cristo. Evangelizar, por sua vez, não será levar a raças inferiores, com as promessas da Graça, os horizontes libertadores dum outro estado social, — do estado social que nós consideramos como o

Digitized by Google

tipo de maior desenvolvimento dum povo? Aliam-se a Espada e o Báculo, — o Centurião é, ao lado do Padre, um seu semelhante na longa hierarquia da Igreja. Assim o viu Psichari, incarnando-se no símbolo augusto de Longuinhos, — o primeiro que confessou Cristo junto do Calvário. Assim o reconheceu Cristo, pela boca austera de Roma, instituíndo na Cavalaria uma espécie de ordenação religiosa.

Pois, de mãos cruzadas no peito, D. António Barroso prende-se na tristeza da hora presente à larga teoria dos nossos bispos-soldados e missionários. Lá onde êle, como missionário de Cristo, semeou a Fé, aí, como bispo de Portugal, deixou mais vincado o nosso Império. Nunca a sua consciência de sacerdote esteve em conflito com a sua obrigação de patriota.

O admirável exemplo que é na simplicidade da sua grandeza, a vida de D. António Barroso, é bom que nós o meditemos para que nos guarde de equívocos e de confusões perigosas.

A par das fortalezas com as armas das Quinas, sempre D. António Barroso encontraria no sertão, amassada na mesma cal, batida na mesma cantaria, a capela votiva em que os batalhadores das Descobertas se inclinavam diante do Supremo Senhor dos Exércitos. Portugal, se na história da sua colonização se ilustra com o testemunho glorioso do Brasil, deve-o à Companhia de Jesus, certamente. Mas se a Companhia de Jesus não achasse na Corôa o apoio de que precisou contra bandei-

Digitized by Google

rantes e fazendeiros, a acção ardorosa dos Jesuitas não lograria jàmais consolidar o seu esfôrço. Verdade evidente para quem em sinceridade a aceite e reconheça, ela não deixaria nunca de iluminar o claro espírito de D. António Barroso. Prelado de S. Tomé de Meliapor, reassumindo nas suas funções episcopais o direito combalido de Portugal ao Padroado do Oriente, não era só a suzerania religiosa que D. António Barroso reivindicava, reivindicava com êle, indissolùvelmente, a suzerania da nacionalidade.

Teólogo e sociólogo, D. António Barroso seria, dêste modo, forçosamente, um homem de tradição. A sua mitra não saíra dos acasos da política, por mercê dum regalismo que muitos prelados fôram os primeiros a sustentar e a acariciar. O ingresso de D. António Barroso, pobre missionário ausente, na dignidade máxima do Episcopado, marca até um louvável propósito da Monarquia em se desembaraçar das estreitas imposições sectárias que o Constitucionalismo lhe ditara. É a altura em que um desejo notável dos nossos governantes procura restaurar o verdadeiro espírito católico da nossa Igreja, reconhecendo, talvez, que a sua decadência provinha dum D. Frei Francisco de S. Luís, dum D. Frei Vicente da Soledade, dum D. António Alves Martins, dum D. Januário, bispo eleito de Castelo Branco, dum Anes de Carvalho, com matrícula mais ou menos provada nos anais secretos da maçonaria. O que é certo é que, inesperadamente, um

Digitized by Google

outro rumo se traduziu na nossa política religiosa. Puseram-se de parte os «Canes-muti» da frase sangrenta de Pio IX. E com D. Frei José Neto inicia-se uma época de recristianização nacional, que só nos indica como a Monarquia, embora num momento afastada da vara dôce de Roma, naturalmente volta a ela, por lei essencial da sua existência.

D. António Barroso pertenceu, assim, à integração de Portugal, por meio de uma escolha mais justa dos seus bispos, nas aspirações veementes da Santa Sé. Uma única vez lhe falei, visitando-o no seu Paço de Sacais. Não se apagaram da minha lembrança as exortações que lhe ouvi e que outras não eram senão as que deixou estampadas numa carta dirigida a Luís de Almeida Braga.

Anda impressa essa carta no *Culto da Tradição,* do nosso querido companheiro e amigo. D. António Barroso abençoava o nosso movimento em termos que é necessário decorar: — «A ideia da Pátria é inseparável da ideia religiosa; romper com esta e com a tradição, sua companheira constante, — diz D. António Barroso — o mesmo seria que pretender revigorizar uma outra, desenraizando-a do solo que a alimenta e nutre. É um crime de leso-patriotismo, que terá como fatal epílogo o desaparecimento da nacionalidade».

Nós, que nos curvamos em presença da grande alma sacerdotal que se desprende do seu testamento, onde há a singeleza magnífica dos primeiros tempos do Cristianismo, temos também que fixar

Digitized by Google

para sempre o português que desaparece e que tão nobremente definiu as razões do seu patriotismo. Não era um patriotismo vago, — um patriotismo de sentimento fugidio e inconsistente. Era um patriotismo que se apoiava no respeito e na prática da Tradição, na qual contemplava, não uma linda coisa morta, mas o próprio desenvolvimento da Pátria, remoçando-se e perpetuando-se.

São estas as flôres de singela saudade que nós desfolhamos sôbre os restos frios de D. António Barroso. Que as suas orações nos protejam ao pé de Deus, como o seu interêsse paternal nos não deixou nunca de encaminhar e estimular!

Digitized by Google

O NECROLÓGIO DA TERRA

Em memória do Poeta das Cegonhas, — do emotivo poderoso da «Musa Alentejana».

«*Memento, memento...*» — E pela calada da manhã que crescia, abafadiça, trágica, palpitando já todo o drama de secura e fogo, de que as horas amaldiçoadas daquele dia, torcendo-se como um ventre possêsso, não tardariam a ser a descomposta bôca convulsa, a rouquíssima voz alucinada, dando já corpo e ondulação no silêncio espectante ao delírio em brasa dos horizontes, à invectiva febril dos restolhos, as Cegonhas, vindas umas atrás das outras em rasteiros vôos rectilíneos, — em vôos curtos, mas certíssimos, de seta marchando-se direita a um alvo, eram ali, na imensa várzea a perder de vista, debaixo da apocalipse tremenda da canícula e ao vento diabólico de Espanha, como que um grande exército abrindo alas, desenvolvendo-se para arremeter. Alinhavam-se, acomodavam-se, tomando pé, dobrando as asas descompassadas, perfilando uma atitude de entendimento, de vigi-

Digitized by Google

lância. Com os bicos adiantando-se como lanças em riste, uma secreta inteligência as enquadrava em mangas cerradas, — a inteligência que de longe as trouxera, — da dispersão dos campos, com os filhos criados, acompanhando-as em longo séquito estrepitoso. Ficavam os ninhos desertos a desconjuntar-se pela ramaria débil das faias, à borda das ribeiras em ôsso, pelos parapeitos dos mirantes mouriscos, enxadrezados a ladrilho e cal, salientando na païsagem uniforme uma severa nota clara, — pelas tôrres esguias, de acarvoados paredões, com combalidas ameias careadas a alembrarem aínda ao bucolismo das vilas em paz, não sei que ancestralidade de investidas e inquietação.

Ficavam os ninhos desertos pelos corucheus branquíssimos das ermidinhas, encostados, por sôbre o rumor das gentes, ao campanil do concelho, com o velho relógio ao lado, lamuriando a passagem do tempo num queixume roufenho, onde já mal se adivinharia, de perdida, de gasta, a toada heróica das invasões e dos assédios, convocando à corrediça do muro os bèsteiros acontiados. E aves sagradas, cumprindo em recatos cristãos o mistério da maternidade, já sem uma sombra que as abroquelasse das asperezas ígneas do céu, chovendo lume, como uma praga bíblica, — com a planície inteira vibrando confusamente numa luminosidade adversa, as Cegonhas, deixando os santos-lugares em que a sua inocência se abandonara aos filtros tentadores da Primavera, agora, com a entrada do

Digitized by Google

sol nos domínios dum signo impiedoso, acudiam, açodadas, do isolamento amorável em que cada casal passara uma intérmina bôda, — e, arrebanhando-se pelas courelas ribeirinhas em verdadeiras hostes de resistência, preparavam-se para a jornada do ano, para a travessia temerosa dos oceanos sem fim. «Criadas de Nosso Senhor», alimpando hortejos e semeaduras de quanta bicharada por lá descobriam, em bom trabalho diário por junqueirais e relvados, Nosso Senhor as levava consigo, à frente do Seu olhar, num extenso sorriso de ternura, numa benção cheia de carinho e cuidados. E com elas ia-se a decoração mais bizarra das povoações entorpecidas, com o casario desfazendo-se num borrão de alvura inexprimível, com as profundas, mergulhadas séstas, rimadas implacàvelmente pelo zumbido azoinante das debulhadoras, a pesarem-nos como um sonambulismo invencível, como um invencível licôr de bruxaria.

Nadas e medradas por toda essa Terra-Baixa, — farto celeiro de Portugal, casa farta de lavradores e ganhões — ia-se, sim, com as Cegonhas, em detalhes mansíssimos de geórgica, um pouco do Sonho e da Aventura que nos embebeda a nós, enraizados de sempre, com a cantiga opiada da Distância, do Vago, — com perspectivas indefiníveis, esbatendo-se indefinìvelmente no azul e na luz, a atraírem-nos para uma irresistível sedução longínqua, a acordarem-nos adentro das veias em alvorôço, amassadas imagens atávicas, — palmeiras arre-

Digitized by Google

dondando cachos como seios opulentos, espessuras exóticas, imensidões solenes, luas em crescente, monstros marinhos —, que são para nós, nas perplexidades da estepe, nas imprecisões místicas das noites fundas, sob os céus fundíssimos, uma segunda existência, mais real que a do pão nosso de cada dia, mais carne da nossa carne, mais alma da nossa alma, desvendando-nos aos sentidos pasmados, um marulhar de coisas de maravilha.

O mesmo instinto que uma vez na vida nos obriga a ir-nos também, para só se voltar depois de corrermos as Sete Partidas do Mundo, com o unicórnio depurando as águas empeçonhadas, com a campa de São Tomé, avistando-se ao largo sem nunca se alcançar, — o mesmo instinto, por cuja lei de fatalidade nenhum há entre nós outros que não ande embarcado na *Nau Catarineta* por cima das ondas do mar-salgado, que não prante sola de môlho para ao dia seguinte rilhar, que não deixe no vale Josaphat um sinal de pedras para se reconhecer na multidão das Nações à hora do Juízo-final, — raiz divina de poesia, saudades remotas do Infinito, é o mesmo instinto que, com as Cegonhas que Julho arrebanha pelas courelas ribeirinhas, abre as asas de insaciedade e interrogação, se arrasta e delonga em sufocadas esperas de despedida, na vontade de partir, no desejo de ficar, até que já fóra de si, como uma perdição que a nada já obedece, se abala acenando, se abala atrás duma sina irrevogável, com promessas de tornar! E as Cegonhas

Digitized by Google

elevam-se numa arrancada em que o coração se divide, parece que com elas se eleva e some o génio dormente de toda a Terra-Baixa, — a esperança da colheita futura, a seara a rir-se nas espigas grossas, bem bagoadas, de pragana forte, quando o cuco canta e o equinóxio renovador se entretem a espalhar perturbações e luxúrias no ar que se respira, no trevo que se cheira.

As Cegonhas somem-se, abrindo as portas a Santa Maria de Agosto, que entra logo com o pavor das queimadas, com pinceis dantescos acendendo infernos de restolhice, e a Canícula a ladrar no hálito demoníaco do *Suão*, pior que fôgo posto, que chama viva, — e a cobra maléfica do Estio enrolando-se, entranhando-se, no útero esfalfado da Planície. E as Cegonhas somem-se sem um rasto, sem um sulco, — quem as viu uma tarde já as não vê de manhãzinha —, somem-se comboiando o cadáver da Primavera que vai repousar em ilhas de encanto, vogando à tona de mediterrâneos de leite e rosas, lá junto às fontes perenes da Mocidade, com o cedro e o louro estilizando-se sòbriamente em sóbrios fundos primitivos, — com Imortais, de túnica puríssima e barba florida, passeando-se a dois por alamedas majestáticas, sempre embebidos em diálogos sábios, duma sabedoria calma, transparente.

Hão-de de lá regressar, — do Abril eterno, da eterna serenidade, com a vitória da Estação, triunfando das próprias cinzas, apenas o Sol avance

Digitized by Google

para Aries e já as amendoeiras se tenham capelado de noivas por alqueives e semeadas. Regressam com o facho que ateia o Lume-Novo, com o bafo que purifica a Água nos templos, com a Aleluia que derrota a Sombra e se impõe aos Limbos, — com Cristo empunhando uma oriflama de resgate na glória excepcional da ressurreição. Regressam, como um anúncio de novas felizes, envoltas no respeito que se transmite e herda com o sangue, que lhe poupa o ninho durante os pardos meses da ausência e lhe revestirá os delíquios da violação mais os inefáveis gosos da maternidade num como que religiosismo, — em altas interdições espirituais, em penas graves de sacrilégio.

Criadas de Nosso-Senhor, os magistrados da comuna no tempo antigo as saíam a receber, de garnacha e bastão, os concelhos as elegiam para afilhadas das suas justiças, — e mandava-se para a fôrca a quem nas espavorisse do poiso, e cortava-se a mão que lhes profanasse a postura. Por isso, as Cegonhas iam e vinham, — aves-familiares de pequenos e grandes, dos ricos e dos pobres, protegidas de Deus, — iam e vinham, com um chocalhinho pendente, galinhas de quem as não tem, esvoaçando por sôbre o rumor das vilas, morando perto do Vento no cimo das tôrres ou nas ruínas musguentas. Por isso, as Cegonhas vão e vêem ainda, seguras do acolhimento, certas de que o uso se não esmorece, queridas por toda essa Terra-Baixa, — farto celeiro de Portugal, casa farta de lavradores

Digitized by Google

e ganhões, — saüdadas com um brado, que é irmão nas bôcas que o soltam: — «Eh, lá chegaram as Cegonhas!»

Desta vez, encerrado o cadáver da Primavera no ataúde cristalino, não será só a êle que, de bicos em flecha, que, de asas em remo, as Cegonhas comboiarão, para ilhas de encanto, vogando à tona de mediterrâneos de leite e rosas. Desta vez não será só a virgem hirta, cataléptica, que se irá repousar junto às fontes perenes da Mocidade, com o cedro e o louro estilizando-se sòbriamente, em sóbrios fundos primitivos. Mais um Imortal, de túnica puríssima e barba florida, irá conversar por alamedas majestáticas nos jardins fechados em que o Lótus entreabre as pétalas magníficas, — mais um Imortal irá conversar os diálogos da vária sabedoria —, duma sabedoria calma, transparente. Envolto na alada escolta, o Espírito-gentil que se aquietou um instante para dormir o sono das Escrituras, — os três dias do sepulcro, lá onde, em guerra de séculos, os pinheirais da costa se batem com as areias montantes do mar e, gemendo ais de lascívia, as rôlas da emigração encontram, antes de desaparecer, as últimas ramadas para noivarem, — de envolta, com a alada escolta, seguindo o esquife da Primavera, como o padre dum grande rito, o Espírito-gentil, saído já do país inferior das larvas, liberto, emfim, do purgatório das formas, lá se terá ido com as Cegonhas, lá se terá afundido com elas,

Digitized by Google

em abismos insondáveis de claridade e azul. Lá se terá ido com as Cegonhas a ganhar em estâncias de luz dourada, sempre igual, inalterável, a indiferença soberana, o gesto melodioso, as beberagens que concedem a beleza que não murcha nunca, mais o dom de futurar o que está por vir. Lá terá ido com as Cegonhas o Amigo das Cegonhas, — com as Cegonhas que tão alto voaram no entusiásmo heróico dos seus melhores ritmos, na generosidade quente da sua alma, dando-se em borbulhões. Com as Cegonhas que, para o acompanharem, Deus sabe se não demoraram a partida, Deus sabe se pela vez primeira não adiariam a jornada, para que o Espírito-gentil se não fôsse sòzinho!

«Onde ides tão altas, cegonhas, cegonhas,
Buscar novos climas, caladas, tristonhas,
Seguir novos trilhos?»

E eu que à hora do apartamento não quisera faltar à velada derradeira, eu que da Terra-Baixa correra a levar Áquele que a dera em comunhão de Arte aos caminheiros de todas as estradas, aos sequiosos de todas as fontes, para que a amassem e sentissem em corpo e em alma, — eu, que da Terra-Chã correra a levar-lhe os adeuses da gleba que empola e estala, fustigada pelo escorpião canicular, as despedidas da charneca, nossa mãe comum, mais da aragem que alimpa o trigo na eira, mais das raízes morrendo-se torradinhas, mais dos

Digitized by Google

açudes quietíssimos com suas linfas mortas, macheando-se à influência torpe do Signo, agora vos direi eu porque é que, na manhã da minha tornada, — manhã que subia abafadiça, trágica, as Cegonhas se desenvolviam adiante de mim, abrindo alas, desenrolando as mangas cerradas como que para arremeter. Eu abalara para o ágape fúnebre com procuração do Horizonte, que, ao longo da raia, desce do Herminius Minor, onde os povos passados viviam de conhecer o chumbo, se confrange e suspende para os lados da santa colina de Elvas, — cântico de pedra, ensinando o louvor da Terra e dos mortos — e a correr, e a correr, se vai empinando até Estremoz, — a das cantarias alvas, com a sua airosa tôrre vista por mais de quinze léguas, — para ao depois se escancarar, exangue, numa golfada ampla, mesmo contra as bocas do Poente, lá para os ermos sagrados em que o éco repete ainda a invectiva de Nuno Álvares, comandando do alto da mulinha, a matinada formosa dos Atoleiros. Eu abalara com essa procuração, — conferira-ma a riba natal, quando a Má-Nova se abatera sôbre mim, embrulhada nas dobras dum crepúsculo funesto, — dum crepúsculo denso de derrota, — conferira-ma a riba natal, quando o escuro caía pesàdamente, como por cima dum tumulto de batalha, a querê-lo sufocar, apressado, e eu, a sós, em amarguradas evocações, subira à minha Varanda, — pedaço mudo duma epopeia sem nome —, a trocar com a Planície, com tôda a Terra-Baixa,

Digitized by Google

os pêsames penosíssimos que um ao outro nos deviamos.

Então, já as exéquias haviam começado. Em arremessos de fúria agoirenta, numa tropelada apocalíptica, o *Suão* roncara durante o entardecer e, na espectativa solene, as suas largas baforadas ardentes modulavam-se, orquestravam-se, como as ressonâncias dum órgão gigante numa catedral gigantesca, desdobrando, por repercussões infinitas, a antífona dum psalmo de morte. Então, já as exéquias haviam começado. Como a hóstia dum sacrifício depuratório, — como uma hóstia manchada de crimes, chamando à face os pecados do mundo para os redimir, o plenilúnio rubro, doloroso, ascendia devagar numa elevação de tortura extáctica. A grandiosidade do órgão, abarcando na rajada dos sons a concha enigmática do firmamento, punha rugidos proféticos nas lamentações; eram como que ameaças tremendas de Juízo-final, de *Dies irae*, os trenos de lástima e luto que êle soltava, ululando, pela imensidão da estepe: *Memento, memento*... — E a Sombra, rebuçada lugubremente, emprestava ranger de dentes ao resfolegar de fôgo que vinha dos restolhos em brasa. Desvarios de convulsionários, epilepsias místicas, místicas aparições do Diabo que se corporizavam e acendiam, como um rápido fogacho, nos versículos terríveis dêsse *requiem* terrível.

A Planície oficiava. A Planície oficiava, encomendando, como uma sacerdotiza desgrenhada,

Digitized by Google

como uma loba aos úivos, o Espírito que se livrara da caducidade da carne, lançando-lhes os responsos últimos em frenesins histéricos de vidente, toda arqueada em delírios de cobra divina. E as vozes ocultas acolitavam da treva como nos Mistérios antigos. Acolitava o génio das Fontes, submerso num tanque de lume, acolitava o génio das Sementes, meio adormecido na esperança da germinação futura. Acolitava a poeira dos caminhos, pisada por cem gerações, — acolitava a angústia intraduzível das formas incompletas, que em disparatadas expressões, metade homem, metade fera, se rebolam e espojam pelas encruzilhadas, quando a noite piedosa lhes protege o opróbrio com o manto piedoso.

Um convocar de vivos e mortos se pressentia, se adivinhava pelos quatro ventos da Esfera. E em frente das minhas pupilas esgazeadas, — pupilas de bruxo ignorando-se, a quem um iluminismo súbito denunciasse a presença dum sentido a mais — desfilavam em mudez aterradora, ora animalidades confusas, de dorso de serpente e cabeça leonina, espiralando asas que bem depressa se afiavam em garras, — as animalidades, cuja memória a Planície guardava como um segrêdo vergonhoso, a alembrar-lhe agora e sempre, aflitivamente, as tentativas primeiras da Existência — ora a procissão infindável dos Antepassados, que, acorrendo dos carneiros seculares, das fossas onde não seriam já senão cinza e nada, vinham ali reconhecer-se com um ósculo simbólico n'Aquele que se imobilizara

Digitized by Google

num sono de três dias, alcançando poder para os resgatar da escuridade húmida dos Limbos. A Raça e a Terra, a Païsagem e a Sangüinidade o reconheciam e lhe chamavam filho, — ao Espírito que se desprendera para as imaterialidades supremas e já fóra do Pêso, do Número e da Medida, flutuava em plena luz, como luz própria que era.

Desde o indiscritível ser informe que no fundo dos Evos alevantara a cabeça escamosa dos charcos em fumarada, à fauna pachorrenta das herdades do Sul, labutando e reproduzindo-se por montados e pastagens, numa ingénua doçura de écloga, desde o avô hirsuto, de clava ao ombro, que, retardando-se à beira duma corrente, escolhera o cabeço fronteiro para erguer a anta, — para estabilizar as fornalhas, até aos Papanças, de enorme tradição hospitaleira, lavradores afamados por mais de cem léguas velhas desta nossa boa província, os quais, tratando-se à Lei da Nobreza com criados, escravos e bêstas, já a meio do século XVIII se assentavam em vereação, de cruz de Cristo ao peito, no cume arrogante de Monsaraz: — como numa adoração de presépio, — homens e gados, Almas e Monstros, acudidos, lentos, em cortejos lentíssimos, dos íntimos confins das Idades, curvavam-se, prostravam-se perante a campa que se fechava, cheios duma revelação imprevista, em atitude perplexa de assombro. Não se perdera, não! o afinco acumulado dessa infinita cadeia, o tronco não se secava numa esterilidade de maldição! Gastara centenas de anos a

Digitized by Google

domar a aspereza da charneca, a enraizar-se, a bracejar. Heroísmos de vontade e persistência o imunizaram da rajada, da intempérie, do raio que parte, da malvadez que mutila, lhe valeram com o dom de resistir às estiagens que alucinam, às invernias que enregelam. Crescera direito, subira direito, não escusando a sombra aos pobresinhos, ofertando as ramas fortes às aves do céu para que cantassem os seus agradecimentos ao Senhor. Por isso, a benção do Senhor lhe concedera a alta flôr de maravilha em que desabrocham e se subtilizam as angústias balbuciantes dos que bem lhe merecem e lhe foram sempre tementes, por isso a fileira interminável dos Avós despertava do frígido pó mortuário, para assistir à redenção da sua estirpe, sublimando-se numa apoteóse.

E a caravana dos animais domésticos, dos animais nossos amigos que guardam a casa, e a abastecem, e a enchem de nomeada e riqueza, — a caravana rumorosa surgia também, a testemunhar o acto transfigurador, participando-lhe da graça, — surgia dos subterrâneos das Espécies, do borrão carregado das Orígens, definindo-se, aperfeiçoando-se, correndo toda a obra custosa duma ascensão para a Unidade, para a Consciência. Quando nessa hora imensa se escancaravam a uma Arvore-de-Geração, por milagre do rebento último, os limiares da carne já feita Verbo, — em que numa grei, robustecida pelo dever e pelo trabalho, a tormentosa jornada da argila anónima da Criação se

Digitized by Google

rematava altivamente, atingindo a inacessível dignidade dos deuses, — companheiros de canseiras e suores, operários diligentes da elevação familiar, com o parentesco do convívio e da dedicação a aproximá-los, os pacientíssimos animais domésticos recebiam, por igual, o sêlo amorável, o prémio único duma humanidade comovida, vendo a espessura nativa dos instintos adelgaçar-se com singularidade em querer inteligente, em entendimento bondoso, em vibração interior.

...E assim foi a visão para a qual o Senhor me deu olhos, — a mim, António, seu servo, naquela noite tremenda.

Pela nave desconforme, o órgão gigantesco apaziguara-se, entrementes. No céu, descoberto, um luar de clemência, um luar de misericórdia pairava agora, coalhando-se em leite. Como uma *preghiera* resignadíssima, volatilizando não sei que aspirações do Infinito, a Planície ia inundada da súplica das rãs, da angústia humilde dos sapos, — de tudo quanto rasteja e padece em silêncio, ocultando nas penumbras caridosas a vergonha de não poder voar. A procissão dos fantasmas sumira-se sem tropel, fluìdamente. E só, como uma coisa esquecida, o respiro do mar distante, fatigado de trepar aos montes, de descer aos vales para que a Terra-Baixa, — casa paterna do Sol e do Sono, se não consumisse em febre a cem graus sem a extrema-unção dum bafejo de frescura, — só, como uma

Digitized by Google

coisa esquecida, o respiro do mar espalhava por aqui, por além, cadências brandas duma voz a extinguir-se:

E nas transmigrações universais
eu não hei-de chorar por ninguém mais
e ninguém mais há-de chorar por mim!

Então eu alembrei-me da dôr do Mundo Antigo, quando o grande Pan morrera. Então eu alembrei-me do formidável canto de funerais que o piloto de Alexandria ouvira por entre a cerração, excedendo em alarido o bater rijo das vagas. Alembrei-me de Thamuz com o bronze magnífico do rosto, emoldurado nas ligaduras alvíssimas, contando em Capréa, aos pés de César Todo-Poderoso, a morte lamentada do deus. E dentro de mim uma ordem imperiosa se desenhou, ganhou fôrças e alento, — uma ordem imperiosa de partir, de abalar, a dizer aos infieis a visão de espanto para a qual o Senhor me dera olhos. E parti. E abalei. Ia comigo a riba natal, — o Horizonte que se acastela contra a raia, descendo aos galões do Hermínio-Menor, onde os povos passados viviam de conhecer o chumbo, e se abate, exangue, numa golfada ampla, mesmo sôbre as bôcas do Poente, lá para os ermos sagrados em que Nuno Álvares comandou a matinada formosa dos Atoleiros. Ia comigo a Païsagem, que bem antes de se mirar nas minhas pupilas, já as minhas veias a sabiam de cór,

Digitized by Google

com tanto costado ancestral brotando e medrando à sua imagem e semelhança. Ia comigo o dramaimoto da Planície, morrendo e renascendo na tetralogia fatal das Estações, — todo o bucolismo atávico da minha gente, que, lavradores de feitio e índole, — e sempre lavradores, já mesmo de Toga ou Espada, com insígnias heráldicas nobilitando-os, — levavam agarrado às plantas, por muito largo que atirassem com a existência, o torrão grosso e fecundo da charneca materna. Ia comigo, com a minha emoção pessoal, talvez a reminiscência perdida de algum antepassado, familiarizando-se, — quem sabe? — no tumultuar duma feira ou numa parada de Ordenanças, com muitos dêsses Mortos que eu vira em ressurreição, sublimados numa suprema apoteose. Ia comigo a Raça e a Terra, — oh! a criatura que eu era, divinizada um momento na fraqueza da minha humanidade! — a Raça e a Terra se incarnavam em mim, para que eu propiciasse em nome do Humus Primordial, — das energias que crescem e se renovam incessantemente, do barro que a ambos nos formava, resistente e seivoso, — para que eu propiciasse Áquele que desaparecia na fascinação da luz que mata, quando não salva, — do iniciado que se aquietava um instante, para ser admitido, depois da prova sôbre-humana, todo envolto num disco solar, à leitura do Livro da Vida, que está fechado a sete sêlos, com sete cadeados pendentes. E eu fui — e eu parti. Abalei como um *medium* que se desper-

Digitized by Google

sonaliza, para que os espíritos tenham uma bôca e possam falar...

*

* *

Preparavam-se as Cegonhas para se ir embora na manhã da minha volta, — numa manhã que crescia, trágica, abafadiça, palpitando o horror de secura e fôgo que o altear do sol, já todo em chamas, atearia pelos restolhos chispantes. Vindas umas atrás das outras, em rasteiros vôos rectilíneos, — em vôos curtos, mas certíssimos, de seta marchando-se direita a um alvo, as Cegonhas pareciam ali, na imensa várzea a cansar a vista, como que uma coluna aguerrida, abrindo alas, desenvolvendo-se para arremeter. Com os bicos adiantando-se como lanças em riste, uma secreta inteligência as acolchetava em mangas cerradas, as perfilava à minha passagem em firmeza militar, em aprumo erecto de guarnição prestando honras. Á frente voavam-me duas, como mensageiras em anúncio. E sentindo-me olhado num silêncio intencional, sentindo-me reverenciado pela hoste que se suspendera um pouco para me esperar, eu, Procurador do meu Horizonte, enviado das Cegonhas da minha Terra, saüdei as Cegonhas que se despediam do Embaixador que tornava.

...E a esta hora lá vão elas comboiando no ataúde cristalino para ínsulas de encanto a virgem

Digitized by Google

hirta, cataléptica, que há-de regressar das fontes perenes da Mocidade com o oriflama do Cristo no triunfo da ressurreição, com a derrota do Inverno ao bafo genésico do Equinóxio e o Lume-Novo, acendendo-se pelos Lares e pelos Templos. Só não há-de regressar Aquele que, como o padre dum grande rito, as acompanha agora, porque se ficará conversando os diálogos da vária sabedoria, — duma sabedoria calma, transparente, lá em jardins fechados onde o Lótus descerra as pétalas de maravilha.

Alto Alemtejo, sob o sol em Leo.
31-VII-1913.

Digitized by Google

ANTÓNIO TOMÁS PIRES

Da citânia minhota, Martins Sarmento falará, falará do cômoro algarvio Estácio da Veiga. Do cêrro de Santa Olaia, a par da vila das Senhoras-Infantas em campos doces do Mondego, avultará Santos Rocha, — povoando a corôa dos castrejos do norte, Rocha Peixoto alcançará a rosa extática do firmamento. Os lugares-santos em que as raízes da Raça se confundiram com as raízes da Terra, — em que a Raça ateou os fogos que afugentam as feras, que estabelecem a comunidade e confortam a carne, hão-de como que identificar-se num corpo e numa alma para que o invencível humus original, para que a profunda resistência nativa irrompa das fontes de maravilha em que dragões lendários a retêem a sete sêlos e seja por monte e vale um acordar vigoroso de ressurreição. Nessa hora, mais que todas as outras tremenda, o Homem de Bôa-Vontade, que à sombra da igreja episcopal do *Hyssope* trabalhou durante trinta anos, lá estará a pé na colina branda em que os élvios assentaram as fornalhas, arvoraram as tendas e tiveram para com Endovélico uma ara fumegante.

Quando em plena eclosão das qualidades histó-

Digitized by Google

ricas, dos misticismos étnicos, que bem depressa darão à carta política da Europa uma fisionomia nova, tocar a altura de Portugal se aquilatar, de lhe exigirem os pratos da balança inexorável o pêso dos merecimentos com o pêso dos desvarios, — «*ó Portugalia, ó Portugalia: bona regio!*» (como gritava o pasmo enternecido dêsses tudescos que das névoas e dos frios vieram buscar para sua princesa uma sobrinha do Infante), — «*ó Portugalia, ó Portugalia: bona regio!*» desnaturado, vendido, como um justiçado exposto à ignomínia num marco de estrada, tu serias pior que o cigano das feiras, as portas se te cerrariam como à fome, à peste e à guerra, — a medusa formidável de três caras, se tu esperasses redimir-te com os sórdidos alquimistas do bem-público, que te infestam o átrio e se te empoleiram pela escadaria, com a tua encarquilhada literatura de encomenda, em que domina o pechisbeque exótico de mistura com os profetismos enfáticos de qualquer judeu de génio, — com as tuas glórias de latão e gêsso, com os proxenetas e curandeiros que te leiloaram e continuam leiloando numa encruzilhada sinistra. Não! A tua literatura gafada, bastarda, os teus poetas de confraria e abadessado, os teus mordomos, gulotões, insaciáveis, padecendo uma intemperança desensofrida, os teus compadres de festins e perdularismos, virando-te as costas por já não haver que devorar, apenas haveriam então a receber os trinta dinheiros escaldantes da traição, desde as farândolas rimadas pela

Digitized by Google

cigarra de Anacreonte de cima da oláia do velho Castilho ao ventre bojudo do soleníssimo Pacheco, batendo o ponto nas palinódias constitucionais, — desde a incrível ronda de convulsionários, — o rei pedinte, a côrte pedinte, o país inteiro pedinte, adorando nas praios do Tejo, em esgares transtornados de São Vito, a nau inchada do «Quinto», que entrava vagarosa, aos upas epilépticos da choréa macabra que ora se desenvolve para aí, dançando e afundindo-se como os bailarins do conto pavoroso.

Não! A tua árvore genealógica, os títulos do teu morgado, os teus direitos de povo, «*ó Portugalia, ó Portugalia: bona regio!*» das lareiras míseras da província, das endiabradas garatujas dos arquivos, dos teus senhoríos desabados, os poucos padres dum rito sem grei bastariam para tos salvar!

É António Tomás Pires, na modesta discreção em que obstinadamente se escondeu, um dêsses raros preparadores da energia nacional. Eu comparo-o à pedra anónima que, à esquina dum monumento, fica aguentando, resignada, obscura, toda a imponência da fábrica, sem que ninguém se lembre de que ela existe sequer. Eu comparo-o ao maçon medievo que, sem se importar de que não lhe soubessem o nome, cantando e sentindo, elevou a Catedral — poema de amor e infinito, para que só lhe soubessem pela ânsia espiralada do mármore, pelo sonho florido das ogivas e das agulhas, a alta febre avoejante, a maré-viva de alégria e de enlêvo que lhe aligeirava o escopro na mão, lhe dava asas para

Digitized by Google

abraçar contra si os espaços sem limite e de ascensão em ascensão, de revoada em revoada, varar quási o peito amplíssimo de Deus. Como o obreiro de algum dia, apagando-se, diminuindo-se na exaltação criadora, para se transfundir até à parcela mais débil, mais dormente, do ser, na espiritualidade arrebatante da nave gótica, desafiando o tempo, ofertando os alpendres às idades futuras, — também, como êle, o Homem de Boa-Vontade não pensou jámais no cipo que o recordasse, no padrão laudatório em que a mediocridade se estimula, — bastava-lhe deixar cumprido o desígnio amado da existência, para em paz e em contentamento descer as pálpebras para o sono último.

É que António Tomás Pires guardava nas veias a dedicação espartana, a renúncia lacónica dos humildes mesteirais elvenses, fintando-se desabaladamente, tributando-se num exaspêro, para que um aqueduto socorresse a cidadela em apertos de assédio e já que não podiam esquivar-se à ameaça implacável duma invasão, propondo aos brios ciosos da fortaleza, que era bem a chave do Reino, o dilema ainda mais implacável de se render ao inimigo ou de se render à sêde, que ao menos mais tarde os netos dos seus netos respirassem livres dêsse espectro, ouvindo espadanar a água nas cisternas fundas! Os *Arcos da Amoreira* se recortaram com aparato na païsagem mordida pelo passar e repassar de Castela, perpetuando a vitalidade soberana dum admirável instinto colectivo, acrescentando um

Digitized by Google

cântico soberbo à soberba epopeia concelhia. Na assombrosa submissão do interêsse precário, avulso, do indivíduo ao interêsse pre-existente das gerações é que reside a fôrça indestrutível, o segrêdo primordial da história. Um burgo raiano nos ensina a nós a suprema lição, — a lição dos humildes mesteirais elvenses, roubando-se a côdea e o descanso para que sòmente os filhos dos filhos dos seus filhos lhes viessem a aproveitar o sacrifício, afiança a nós, — irmãos contra irmãos que a insânia das palavras nefastas divide e ensandece, — afiança à nossa incredulidade de fracos e egoistas, ao vencidismo sonâmbulo da nossa época, que adentro de nós nunca estarão mortas as qualidades magníficas que nos sagravam povo, que povo nos hão-de conservar perduràvelmente, — latejantes, marasmadas, no poço entulhado em que jazem, palpitam mas é pelo alvião que as liberte, pelo golpe fulgural que as inflame!

No outeiro fronteiriço, em que a pinha das casas e das tôrres entôa em cada pedra a apoteóse fremente da Terra e dos Mortos, António Tomás Pires achou, decerto, a decidir-lhe a vocação a remanescência inspiradora do glorioso atavismo local. Submeteu-se, disciplinou-se. E em plena entrudada política, em plena feira das vaidades, com o pedantocrata subindo à aba da farda ministerial, com as «*flôres da alma que se alteiam belas*», modulando a ária escorrida da abulia pública, com o profissional estanhado de arrivismo antecedendo a vitória

Digitized by Google

do burro alegórico de Platão por obra e graça da pitoresca democracia que hoje nos mimoseia, António Tomás Pires, na rasura dum ciclo falho em que Portugal, ao som dos violinos e de cristais tinindo, se resolvia ao suicídio, marca, define uma consciência, possuíndo-se, marchando, como tal, direita a um fim, — por cima das insolvências, por cima do negativismo moral, como se o fundisse dum jacto a experimentada riqueza autóctone, coloca adiante dos olhos um elevado, distantíssimo alvo, enche-se contra os desbaratos do momento com uma radiosa visão compensadora, e, caminheiro infatigável da caravana da Esperança, parte a engrossar a coluna mística dessa nova Epifânia.

Para que a miragem reparadora não hesitasse na firmeza estrutural, para que o génio incompreendido da Raça, depois de vendido e espoliado, encontrasse ainda o alcaçar da família, precisavam de se aterrar aos alicerces, traçados os largos cabouços hiantes. Como o rei da Antigüidade, que, a cavalo e armado de ponto em branco, se arremessou à voragem para lhe fartar a guela insatisfeita, foi António Tomás Pires um dos primeiros blocos a rolar. Passavam os anos e os anos o viam sempre, qual Atlas gostoso, dilatando com o empreendimento que crescia o alcance hercúleo do esfôrço! Como o mesteiral, seu avoengo presumível, também êle, — o Homem de Boa-Vontade, se votara em holocausto aos que adviriam àmanhã — recebera com o ser o divino condão de servir, a abne-

Digitized by Google

gação sonhadora que conduzira a água à cidadela, ressurgia agora no Homem de Boa-Vontade para levar à Terra da Pátria a alma que se lhe obliterara. Pois louvado quem de si, das horas que a ampulheta lhe ia descontando, tão sublimado emprêgo sabia fazer!

*

* *

No chão abeberado pelos despojos de cem batalhas, à volta da veneranda colina transtagana, viceja e medra, como uma bênção mortuária, a mansíssima oliveira prateada, a simbólica árvore da paz. Com o azeite santo daquele campo santíssimo, azeite único no mundo, — *olei bonitate, sine controversia, primus obtinet,* — assim os Elzeviros dizem de Elvas murada, com Badajoz pela frente —, com o azeite santo daquele campo santíssimo acendeu o Homem de Boa-Vontade a alâmpada serena dos eruditos. Oh, nenhuma luz como a luz nutrida por semelhante suco, vindo da árvore da paz num chão regado por mais de cem batalhas! Cada tronco é ali um coração de herói, florindo para o sol, para as criaturas, florindo para Deus, para o Senhor Deus dos Exércitos. É ali cada ramo, estilizando-se no renôvo primaveril, a comunhão geral, o lausperene permanente dos que, dentre os nossos Maiores, caíram defendendo a arada com o lebreu ao lado, dos que caíram batendo-se pela gleba com a

Digitized by Google

charrua afiada em gládio coruscante. Cada baga, atravessando as torturas infinitas do lagar para alvorecer em claridade, ser alimento para a gente, vista na escuridão, louvor rendido para os sacrários, — é cada baga, no martírio sofrido para renascer em flama alacre, em consôlo de bôca, em mèzinha do rico e do pobre, a imagem vivida, palpitante, das lágrimas choradas por viúvas e órfãos, de cujos ais compridíssimos, de cujos compridíssimos apêlos o vale se há-de lembrar, enquanto fôr vale, — mas luto êsse, mas agonias essas, sem as quais não seria nunca nossa a nossa casa, mandaria em nós uma língua que não era a língua que nós com o leite aprendíamos, teriam amo duro os vinte anos do nosso herdeiro, outro dono teria a lã das nossas ovelhas, o trigo da nossa tulha, o pão que vai à nossa mesa.

Padecendo paixão e morte para ressuscitar em labareda inquieta, dourada como uma abelha de lume, no triunfo esplêndido do Fôgo, cada baga, cada grão aviventa ali as lágrimas domésticas, que orvalharam a courela sagrada no reconhecimento trágico dos defuntos com chagas rubras, abrindo beiços como rosas carnudas, com um idêntico sorriso calmo envolvendo-lhes o pasmo vítreo das pupilas, — lágrimas que renascem, que ressuscitam no minuto que vôa, na hora que se sorve, porque, como na baga não há luz sem os tormentos da prensa, também sem elas vertidas, também sem elas derramadas, não haveria uma pátria, uma la-

Digitized by Google

reira, uma ara, uma sepultura, a que, em verdade, se chamasse nossa!

Pois grito de herói para a vida, consubstanciação geral de quantos caíram batendo-se, pranto desfeito de viúvas e órfãos, — martirológio obscuro que enfestôa e cimenta o altar propiciatório da Raça, como uma oferenda constante de epígonos agradecidos aos grandes Manes tutelares, ali, na colina veneranda entestando a Espanha com truculência e aprumo, tudo se transfigura em azeite que se queima, em óleo brando que alumia. Com o suco único no mundo, assim a alâmpada do Homem de Boa-Vontade se acendeu com altos poderes de mistério, — poderes de penetração e sentir, a que o segrêdo hermético dos Tempos não resiste, a que a poalha gélida das fossas fundas responde, remexendo-se, agitando-se.

Como um bruxo debruçado para o círculo enigmático das suas aparições, o Homem de Boa-Vontade, em receios terríficos de iniciado, ao clarão mortiço da alâmpada, pegou a entender o religiosismo daquilo que já não é, — pegou a praticar a religião muda das coisas extintas. E em face dêle, pelas veladas intérminas, da letra desbotada dos códices, das arrevezadas grafias tabaleónicas, uma procissão de fantasmas surgia — dos fantasmas que habitam a cidadela, povoando-lhe as sombras rebuçadas, quando a noite é quêda e o luar descai.

António Tomás Pires, tocado da vidência que despersonaliza e empresta assomos divinatórios,

Digitized by Google

como guardião do espírito encantado e recluso da fortaleza, António Tomás Pires, das realidades supra-sensíveis que o rodeavam, — claustros ao abandono, paredões esburacando-se, uma ferradura mourisca a aluir-se —, assim recolheu o dom que deixa ouvir o silêncio, que na alma impalpàvel, esfrangalhada, dos Sítios e das Ruínas, decifra os letreiros que ensinam a contemplar no que a nós nos parece transitório, o que, em essência, é eterno. E a alâmpada serena tremeluzia, tremeluzia, como um voto ardente em honra dum desconhecido *genius loci*, — tremeluzia, tremeluzia, mantendo, dignificando a tradição sábia do cantinho natal, que se autorizara do Quinhentismo com Garcia da Horta, Pêro Margalho e Cristóvão Sardinha, que vira Públia Hortênsia floreando téses perante Felipe, que pelo século XVII fóra brunira períodos castiços com Aires Varela, António Gonçalves de Novais e Afonso da Gama Palha, para acabar galhardamente nas humanidades tersas de Santa Clara, na arqueologia minuciosa de Vitorino de Almada, depois de se aligeirar em gargalhadas sàdias, desimpedidas, por entre perrucas de côrte e espadins enlaçarotados, naquela sala nobre dos Falcatos apenas o doutor António Denís, da meia penumbra em que o mal dos olhos o retinha, atalhou, motejando:

«Eu canto o Bispo e a espantosa guerra...»

E a alâmpada serena tremeluzia, tremeluzia sempre. No colóquio dos Mortos que desfilavam

Digitized by Google

em cortejos ininterruptos, como à convocação portentosa dum *medium*, o Homem de Boa-Vontade, inclinado para êles, surpreendeu-lhe cêdo a direcção que era a mesma, que era o mesmo o ponto fito que procuravam, como o mesmo era o desejo oculto que os governava. A sucessão indefinida, sem princípio nem fim, como que atravessada por um hálito genesíaco, por um bafo divino, soprado lá das paragens interditas em que a criação não descança nunca e para lá refluindo sem cessar — como que regrada por um ritmo amplíssimo, mas infalível, abraçando mundos e mundos na vasta onda, — a sucessão indefinida só reproduzia indefinìvelmente uma imagem e uma semelhança — a a imagem e semelhança dum imponderável ser imanente, que ora tinha raízes e se chamava Terra, que ora tinha coração e lhe chamavam Raça.

Na dispersão das formas turbilhonando, António Tomás Pires adivinhou a persistência indestrutível duma entidade, — a entidade do Sangue, comunicando-se, ascensionando, não se perdendo nunca, — os Mortos lhe confiavam o sentido exacto da Imortalidade, dos Mortos recebia o senso íntimo da Vida. Restava-lhe agora vêr da Vida, achar a alma do imponderável ser imanente que na sucessão indefinida indefinìvelmente se reproduzia.

E o Homem de Boa-Vontade, afrouxando a flama da alâmpada, desceu ao terreiro dos arraiais, conversou, interessado, com as velhas à soalheira, meteu-se por bailaricos e funçanatas, leu nos astros

Digitized by Google

com os pastores, benzeu do *cobranto*, decorou de ponta a ponta o *Lunário-perpétuo*, — a lição das pódas e as revelações dos Signos. Senhor de décimas e adivinhas, sabendo xácaras como ninguém, doutor em sabedoria das nações e em «doutrina cabanal», o *félibre* lusitano atolava as mãos no barro fresquíssimo, para que do barro saísse a maravilha modelada, a quem mais tarde um mais feliz bradaria: — «*Parla!*» «*Antoninho das Cantigas*» o crismara a parvoeira emproada das boticas, — quando passava, o Homem de Boa-Vontade sentia risinhos pelas costas. Mas, na hostilidade crassa, fortaleceu-se-lhe o afinco. E, assim, António Tomás Pires veio a ser o formidável preparador de energia nacional que todos nós devemos reverenciar.

1913.

Digitized by Google

GAMA BARROS

Venho tarde, mas creio que venho a tempo! E é para juntar a minha voz modestíssima ao pequeno grupo de estudiosos que, em representação da *Academia de Sciências* — a velha Academia! — acaba de levar a Gama Barros o tributo sentido do seu aplauso e da sua admiração. Bem o merece o ilustre historiador, que nunca viveu para as vitórias fáceis da notoriedade, mas que na hora baça que teima em se condensar sôbre as nossas cabeças, é um dos mais raros e nobilíssimos títulos de que o Portugal contemporâneo se pode valer para legitimar com dignidade, aos olhos de estranhos, as razões actuais da sua existência.

Nem de longe se compara, infelizmente, a *Homenagem da Academia* a outros repositórios congéneres, de que a Espanha vizinha nos legou exemplo nas comemorações realizadas em honra do insigne Menendez y Pelayo e do não menos eminente arabista D. Francisco Codera. Exceptuados dois ou três ensaios de forte sabor português e de notável relêvo erudito, a maioria daquelas quatrocentas e tantas páginas perde-se, por via de regra, num noticiário desbotado de simples investigador

Digitized by Google

sertanejo, a que falta, por vezes, com a necessária ideia central, a proporção e o interêsse que seriam para desejar.

Mas, como superior afirmação moral, não há dúvida que a *Homenagem da Academia* resgatou-nos duma absoluta dívida de honra, mostrando-nos que em Portugal se não obscureceu por completo a consciência dos deveres sociais.

Encontra-se Gama Barros quási ao limiar dos noventa anos e o seu trabalho incessante rebrilha diante de nós como uma labareda inextinguível. É o campo em que Gama Barros se sobrepõe a Herculano com iniludível supremacia. Porque em Herculano — um romântico, tão depressa deixava manifestar-se a sua mentalidade sectária, logo se estabelecia entre o historiador e os factos o conflito, de que é testemunho evidente a *A História da Inquisição*, composta para combater a «reacção», como o próprio Herculano sinceramente o confessa.

Continuador do nosso vigoroso património historiográfico, a Gama Barros, como ao esquecido Alberto Sampaio, das formidáveis monografias sôbre as origens da nacionalidade portuguesa, pertence a glória de ter naturalizado definitivamente, entre nós, os processos objectivos da história.

Mas é bem outro, o aspecto da questão que mais nos ocupa agora. Claro que os métodos objectivos ou scientíficos da História não se casam, por condição própria, com os panegíricos enfartados dos antigos tempos. Convém, contudo, não esque-

Digitized by Google

cer que a êsse — como dizer? — hiperbolismo patriótico, se substituiu um princípio sistemático de livre-crítica que fez da História um motivo de guerra civil permanente. Portugal sofreu-lhe as conseqüências, como poucos países. É vêr a herança que recebemos de Oliveira Martins, — até do mesmo Herculano, para não falarmos do folhetinesco Pinheiro Chagas.

Não falo já de Fr. Bernardo de Brito, presumìvelmente menos embusteiro do que, em juizo corrente, de ordinário se supõe. Contento-me em pedir apenas para Fr. António Brandão as atenções esclarecidas. Notava-me a êste propósito, em Espanha, uma bela inteligência de mulher, que todo o esqueleto da *História de Portugal*, de Alexandre Herculano, repousa em Fr. António Brandão. Não nos devemos surpreender!

Portugal constitui, na historiografia europeia, um capítulo de subida excepção, que, a partir logo de Fernão Lopes, se autoriza, em Quinhentos, com Damião de Góis, João de Barros e Diogo do Couto, e vai depois, pelo braço dos frades da *Monarquia Lusitana*, entroncar em Herculano, Alberto Sampaio, Costa Lobo e Gama Barros, possuindo, por elo de ligação, os nossos académicos do século XVIII, como António Caetano do Amaral, António Ribeiro dos Santos e João Pedro Ribeiro.

Compreende-se já como, pelo exame directo das fontes, sem criticismos vesgos de permeio, seja Gama Barros quem mais de perto venha a contri-

Digitized by Google

buir para a grande seara de esperança em que labutamos. Ao traçar o esquema do seu pensamento filosófico, introduzindo nos domínios da história nacional os processos experimentais, — consinta-se a designação — de que Fustel de Coulanges foi a personificação perfeita, como um biólogo que nos demonstra a unidade íntima do sêr, Gama Barros ensinou-nos a descobrir, contra os subjectivismos negativistas das gerações precedentes, a unidade íntima da Pátria.

Eis como Gama Barros se torna um professor de lusitanismo, não só pela disciplina escrupulosa que nos comunica às inteligências, como também pelo sentido, que constantemente nos transmite, da continuidade viva da Tradição. E tudo, porque nenhum como êle restaurou, entre nós, aquilo que Fustel de Coulanges chamava, com uma nobilíssima imagem, a «castidade da história».

Não é que se pretenda diminuír a alta envergadura de Herculano e o significado inconfundível da sua personalidade. O mestre das *Opúsculas*, verdadeiro ressuscitador do espírito e da dinâmica dos nossos municípios afonsinos, ganhou para si o recorte supremo dos medalhões clássicos. Homem de partido, porém, em mais dum problema litigioso da nossa história, como de partido se abandonou, passivamente, à ditadura dos seus preconceitos. Dispondo da serenidade dum Fustel de Coulanges, Gama Barros consegue, pelo contrário, libertar-se das paixões e das preferências da sua época, legan-

Digitized by Google

do-nos um monumento perdurável, como se fôsse fundido em bronze de epopeia, na sua *História da administração pública em Portugal.*

Evidentemente que se me torna impossível fixar aqui as linhas dominantes da enorme construção de Gama Barros. O que importa é assinalar-lhe o incansável e iluminado esfôrço, graças ao qual, no mundo plácido das coisas do bom-saber, Portugal é, ainda, lá fóra, considerado como europeu.

Não fôra, talvez, o nome de Gama Barros, que a sua e nossa terra não aprendeu, sequer, de ouvido, e decerto que nós não seríamos, para a curiosidade culta da gente alheia, mais que uma cabila ignara e revolta, ocupando à beira-mar uma faxa de sol dourado, de onde outrora partiam frotas a descobrir novas estrêlas, e Camões, de pé, perante o Olimpo perplexo, não hesitava em desafiar as divindades tenebrosas do Futuro.

No entanto... No entanto, que ninguém veja desalento nestes ligeiros ressaibos de pessimismo! Há-de ser, exactamente, a nossa dôr de portugueses da decadência que, debaixo das insígnias reluzentes do Encoberto, nos atirará mais hoje, mais àmanhã, para a reconquista de nós mesmos. Então, — e só então! —, nós perceberemos que sem o reaportuguesamento de Portugal, — na magnífica palavra de Afonso Lopes Vieira — todas as energias, todas as indignações, todas as invectivas, por trágicas e crispadas que sejam, terminam por desaparecer, desfeitas, como o pó turbilhonante dos caminhos.

Digitized by Google

São os tesouros espirituais do Passado que guardam consigo o germen poderoso da redenção. Por isso, nos períodos procelosos e incertos, sempre os historiadores prepararam, para as pátrias caídas, a avançada segura do resgate.

Não referirei a ascendência que Gœthe e Mommsen exerceram sôbre o ressurgimento e unificação da Alemanha. Basta recordar a acção que os nossos monges humanistas dos princípios do século XVII, — os de Alcobaça, maiormente —, desempenharam no florescimento patriótico de 1640. E não me observem que os métodos scientíficos da história moderna se não compadecem com a inspiração, nem sempre legítima, da *Monarquia Lusitana!*

O falecido Prof. Grasset não hesitava em concluir pela necessidade de um *idealismo positivo*, como sendo a «sciência da ideia» baseado na lição do «facto». Tal é, em face da história scientìficamente praticada, e conduzida, a síntese guiadora do nosso nacionalismo. Exactamente, na noção real das possibilidades da Raça e das virtudes da Terra que ela fez à sua imagem e semelhança, é que nós fundamentamos a como que predestinação mística, em que o Encoberto se anuncia dentro de nós para a sua incarnação definitiva. Inspirados pelas razões eternas do sangue, olhamos as estrêlas, — as estrêlas que nós ajudámos a determinar no Céu. As directrizes do Passado entregam-nos assim a chave do dia que vem. E pois que as fei-

Digitized by Google

ções centenárias da Pátria tomam expressão comodista num velho historiador que as entendeu como ninguém, vós, homens moços que me lêdes, ide todos com ramos de azinheira e propósitos firmes de sacrifício, erguê-lo nos vossos braços e dizer-lhe singelamente, à maneira antiga, que Portugal não morrerá!

Digitized by Google

Digitized by Google

CONDE DE SABUGOSA

Entre os títulos e privilégios nobiliárquicos dos condes de S. Lourenço, representados pelo falecido escritor, senhor conde de Sabugosa, figurava o cargo hereditário de alcaide-mór de Elvas. O 1.º conde de S. Lourenço fôra Pedro da Silva, o «duro», agraciado com essa mercê por Felipe IV, em atenção aos altos serviços prestados por êle na defesa do Brasil, como seu governador geral. Cegou Pedro da Silva nos últimos anos da sua vida, morrendo, retirado dos negócios públicos, em Odivelas. E do seu casamento com D. Luísa da Silva, filha do alcaide-mór de Silves, Fernão da Silva, nasceu a segunda condessa de S. Lourenço, D. Madalena da Silva.

Herdeira de toda a casa de seus pais, casou D. Madalena da Silva com seu primo Martim Afonso de Melo, que trouxe aos condes de S. Lourenço a alcaidaria-mór de Elvas. Já com assinalados feitos na Índia, Martim Afonso de Melo contribuiu notàvelmente para o feliz caminho que levaram, em seguida à revolução de 1640, as coisas militares na fronteira do Alentejo, cujo govêrno de armas exerceu em 1642. Dois monumentos, ambos

Digitized by Google

notáveis, da nossa arquitectura castrense guardam em Elvas, no melhor latim de Seiscentos, o nome do 2.º conde de S. Lourenço: — o forte de Santa Luzia, erguido em tôrno duma tão linda como ignorada capela manuelina, e a grandiosa cisterna, que recebe, para abastecimento da praça, as águas do aqueduto da Amoreira. Ideada e executada pelo sábio jesuita Cosmander, a fortificação da boa cidade fronteiriça, na sua dupla linha de muralhas, bastante deveria, por certo, ao impulso e à energia de Martim Afonso de Melo.

A alcaidaria do castelo de Elvas entrara na posse dos Melos por concordata de D. Beatriz da Silva, viúva de Manuel de Melo, alcaide-mór de Olivença e capitão-general de Tânger, com o alcaide-mór Rui de Abreu. Obrigou-se Rui de Abreu a deixar a alcaidaria a Rui de Melo, filho menor de D. Beatriz da Silva, em troca da pensão anual de 100$000 rs., tirados da pensão que el-rei D. Manuel mandara apontar, sôbre as rendas de Olivença, ao dito Rui de Melo, como recompensa aos serviços de seu pai. Consta isto duma carta régia, firmada em Sintra, aos 11 de Maio de 1499, — carta em que el-rei D. Manuel confirma a Rui de Melo a alcaidaria do castelo de Elvas nos termos em que a tivera de Rui de Abreu. Confirmou-lha depois também D. João III, por carta datada de Lisboa, a 1 de Dezembro de 1629. E havendo-a desempenhado com prestígio, durante mais de cincoenta anos, por morte de Rui de Melo, a alcaidaria-mór

Digitized by Google

de Elvas passou a seu filho primogénito António de Melo.

Á volta de António de Melo nos deteremos um pouco, recordando a resistência que procurou opôr à entrega pacífica de Elvas a Felipe II, rei de Castela, e já então em Badajoz, para entrar no coice do exército, comandado pelo Duque de Alba. Do casamento de António de Melo, — ou António de Melo da Silva com D. Antónia de Castro, filha do monteiro-mór D. Luís de Meneses, nasceram dois filhos, Rui de Melo, que não sobreviveu ao pai, e Luís de Melo da Silva, que se extinguiu na Índia, sendo governador de Malaca. Filho de Rui de Melo, o «moço», António de Melo, o «moço» igualmente, sucedeu ao avô no disfruto da alcaidaria e do reguengo de Elvas. Esteve António de Melo, o «moço», em Alcácer-Quibir, ficando lá prisioneiro. Mas conseguiu-o o avô resgatar, não tardando a tê-lo junto a si, para o auxiliar no exercício, às vezes trabalhoso, do seu cargo, — principalmente, numa hora em que o horizonte se carregava. Quási de fachas ainda, deu que falar António de Melo, o «moço», às crónicas e memórias piedosas, em virtude dum milagre operado a seu favor por uma devotíssima imagem elvense. Conta-lo-no Fr. Luís de Sousa, no seu estilo saboroso, ao referir-se ao convento das dominicanas de Elvas, de invocação de Nossa Senhora da Consolação, — convento, cuja pequenina igreja em forma octogonal, constitui uma preciosa e rara maravilha arquitectónica.

Digitized by Google

Eis como o clássico se exprime: — «Não tinha mais que três anos de idade António de Melo, neto de outro António de Melo, alcaide-mór de Elvas, e criava-se em casa de D. Antónia de Castro, sua avó, quando adoeceu de maneira que os médicos o deram por morto. Havido por tal e começado a chorar por todos, não quís desconfiar D. Antónia das misericórdias do Céu. Toma o menino nos braços, vai-se com êle à Senhora da Consolação, põem-lhe sôbre o altar, prostra-se por terra à vista de muito povo que a seguia de lástima, pede com lágrimas lhe dê vivo o morto, que desconfiado e quási morto lhe oferece. Não tardou a Virgem bemdita em consolar a avó e dar vida ao neto, que foi dar duas vidas em uma só vida. Dali o levou vivo e são e foi testemunha da maravilha quasi a cidade inteira.»

Pois êste António de Melo, tão bafejado no berço pelas graças divinas e com tanta fortuna escapo da desgraça de Alcácer, acudiu ao avô num lance apertado em que a vida do velho alcaide-mór de Elvas se viu sèriamente ameaçada pela «arraia-miúda» do burgo entregue à sua guarda. O Cardeal-Rei morrera, e, na indecisão dos governadores do Reino, as paixões cresciam numa avassaladora onda de tempestade. É êsse período do advento dos Felipes um período histórico totalmente deformado na sua apreciação pelas tintas melodramáticas do nosso ultra-romantismo literário, tão expressivamente personificado em Pinheiro Chagas.

Digitized by Google

O exame dos documentos, sem ideias preconcebidas, conduz-nos a conclusões muito diversas daquelas que ordinàriamente se recebem da opinião estabelecida. Um estudo há que, pela autenticidade rigorosa das fontes em que se fundamenta, merece, se não concordância, pelo menos, leitura atenta e desanuveada. Aludo ao grosso volume (Madrid, 1900) de Danvila y Burguero, *D. Cristobal de Moura, primer marqués de Castel Rodrigo (1538--1613).*

Aí se nos demonstra a fraqueza dos candidatos nacionais ao sceptro de D. Afonso Henriques. As hesitações do Cardeal-Rei tomam um significado trágico, que confere à sua figura tão increpada e abominada, uma tocante auréola de comiseração. Tanto com os duques de Bragança, como com o Prior do Crato, os apetites de domínio são a mola que os move, — o estímulo que os dirige. Os Braganças compuseram-se fàcilmente. Resistir, seria mesmo uma imprudência. Na sua aparente adaptação aos factos consumados, ia envolta a possibilidade duma resistência futura. De resto, destruído moral e econòmicamente, Portugal, a não entrar como reino independente no poder de Felipe, seria duramente encorporado em Castela como província conquistada. Porque Felipe não nos humilhou e nem ganhou pela fôrça das armas. Dispondo do exército comandado pelo Duque de Alba, empregou-o ùnicamente, não para nos reduzir, mas para castigar súbditos que considerava rebeldes. Basta

Digitized by Google

pensar que Felipe II se fez jurar em Tomar como nosso soberano legítimo, depois de ter jurado cumprir e respeitar os foros, liberdades e privilégios do Reino. Tratava-se dum sistema dual, como o da Áustria e Hungria, ou da Suécia e Noruega em nossos dias, ou, actualmente, o da Dinamarca e da Islândia. Desde a língua, que se manteve nos documentos oficiais, até ao indigenato exigido para o exercício de cargos governativos, em nada a soberania de Portugal foi diminuída ou alterada. Mais tarde, o conde-duque de Olivares acusaria a política de Felipe II como a grande responsável pela perda de Portugal.

Ora, se os duques de Bragança, impossibilitados de organizar uma defensiva eficaz, se submeteram, pedindo, em troca de tal submissão, honrarias e interesses que mais lhe robusteceram o já considerável principado, o Prior do Crato, inconsistente e sôfrego, não se vendeu, só porque, a cada concêrto com os emissários de Felipe, subia sempre, e desmesuràdamente, de preço. Se nos suscita alguma compaixão a sua vida de miséria no destêrro, não olvidamos também de que êle foi um instrumento nas mãos tredas e ágeis de Isabel de Inglaterra e de Catarina de Médicis.

Eis como se exprime, àcêrca dum problema idêntico — o da incorporação dos antigos Estados flamengos na corôa de Espanha, o catedrático de Liège, Van der Linden, no seu curioso volume *Vue général de l'histoire de Belgique:* — «*L'union*

Digitized by Google

personelle que exista entre la Belgique et l'Espagne jusqu'au debut du XVIII *siècle, a été pendant longtemps mal interpretée. On s'est imaginé qu'elle impliquait une subordination compléte de la premiére à la seconde, une absorption totale du territoire belge dans le domaine des Habsbourg espagnols. Aussi a-t-on dénommée la période pendant laquelle dura cette union personelle, celle du régime espagnol et même de la domination espagnole. En realité, la Belgique ne partagea les destinées de l'Espagne que sous le rapport de la politique extérieure, mais elle conserva son individualité propre, ses institutions nationales. Elle jouit donc d'une semi-indépendance.»* Convém que continuemos ouvindo o professor Van der Linden: «*Jamais les successeurs de Philippe II n'ont tenté d'assimiler entiérement la Belgique à leur monarchie; ils ont regné dans les principautés belges en qualité de souverains de chacune d'elles (duc de Brabant, comte de Flandre, etc....) Tout en visant à un absolutisme de plus en plus effectif, ils n'ont jamais songé à anéantir les droits traditionnels de ce pays, oú l'esprit d'autonomie s'etait développé avec tant de force. En face du pouvoir croissant du prince, basé sur le droit divine, le pays revindiqua toujours «l'ancienne franchise, liberté et souveraineté» nationale. Il s'établi ainsi un compromis, une sort de régime mixt qui, tout en évoluant vers la monarchie pure, laissa subsister un certain nombre de privilèges locaux et provinciaux.»*

Digitized by Google

Exactamente o que ocorreu em Portugal, não não havendo aqui nem a opressão da política exterior, porque essa política, ditada pelo traço comum dos Descobrimentos e da expansão ultramarina, era, desde a célebre *Inter cætera,* entre portugueses e castelhanos, uma política de reciprocidade e paralelismo. Foi, sobretudo, a invasão do ultraromantismo na história que perverteu a compreensão do regime dualista em que Portugal viveu para com o govêrno de Madrid, em seguida à morte do Cardial-Rei. A prova oferece-no-la, e abundantemente, Rebelo da Silva, que estudou com especiais detalhes tão singular momento. Parece êle render-se, às vezes, à evidência dos documentos que consulta e reproduz. Mas logo a ideia antecipada o tolda, obrigando-o a obliquar a lógica das conclusões.

Hoje, porém, já se começa a desenvolver uma outra visão crítica dêsses dramáticos sucessos. Assim, por exemplo, no seu apreciável *Bosquejo da História de Portugal,* recentemente aparecido, António Sérgio escreve: — «Em 1581 entrou êle (Felipe II) em Lisboa, e perante as Côrtes Gerais que se reüniram em Tomar (15 de Abril), jurou as condições em que reinaria. A sua ideia não foi a absorpção de Portugal, mas uma monarquia dualista, em que tínhamos perfeita autonomia, no mesmo pé do que Castela.» Chama ajustadamente António Sérgio «aventureiro» ao Prior do Crato, que, proclamado rei em Santarém, se apoiou numa

Digitized by Google

plebe desvairada, e é de «balôfa» que trata a retórica de Febo Moniz. O patriotismo não exclui a verdade, antes a recomenda e impõe! Não passava, realmente, D. António dum aventureiro e Febo Moniz dum vasio declamador.

No seu citado estudo sôbre Cristóvão de Moura fornece-nos Danvila y Burguero um informe curioso a respeito de Febo Moniz, arrancado duma carta do licenciado Padilha ao secretário Diego de Fuyca: — «*El procurador Phebus Moniz es un loco y ansi ha sido muchas veces curado de la tal enfermedad y como es natural y con la vejez crece el humor, fuile ha hablar y en cuatro horas no le oi razon ni cosa que fuera de hombre de juicio; hizome reir al fim de la platica, puesto de rodillas y las manos juntas rogandome fuese de su bando y que me acordase de lo mucho que yo debia à este Reino y lo que me amaba yo le dije que yo no me bandeava sino a la razon y justicia, la qual si duda tenia el Rey Catolico...*» Quanto a D. António, comenta ainda Danvila y Burguero: — «*Pero lo verdaderamente curioso del caracter de aquel hombre, era que, mientras se preparaba à sublevarse contra España, proseguia sus diligencias para llegar a un acuerdo que le permitiera abrazar los intereses de Felipe II, sim conseguir un resultado positivo por las exageradas pretensiones del hijo del Infante D. Luis.*» E pelo que toca aos Braganças, já dissémos que, adaptando-se à situação, procuravam com isso preparar uma possibilidade futura,

Digitized by Google

quando o momento chegasse, mais oportuno e mais favorável.

Intacta e até aumentada a sua grande casa, os duques de Bragança corresponderam assim melhor à conservação e à tranqüilidade de Portugal. Esgotados e empobrecidos, a resistência teria sido tão estulta como inútil. Foi o que compreenderam personalidades de alto relêvo moral e intelectual, como o bispo D. Jerónimo Osório e o bispo D. António Pinheiro. Felipe sentar-se-ia inevitàvelmente no trono lusitano, ou como herdeiro, ou como conquistador. Antes sentar-se como herdeiro. E os frutos colheram-se depressa nas côrtes de Tomar, em que Felipe não deixou entrar na sala, onde o acto se celebrou, a nenhum dos castelhanos do seu sequito, — nem ao seu próprio sobrinho, o cardeal-arquiduque Alberto. Percebe-se, pois, porque no famoso *Nicandro,* — papel escrito em defesa do conde-duque de Olivares e dirigido a Felipe IV, concretamente se afirmasse que, «*de la revolucion de Braganza y de Portugal tuvo la culpa el abuelo de V. M....*» Palavras estas tão significativas, Canovas del Castillo as comentaria num desabafo, não menos significativo, de unitarismo inconsolável, não fugindo a declarar «*que para decir la verdad entera, no solamente es falso que fuese en Portugal tirano Felipe II, sino qui ni siquiera mereció alli el titulo que en general merece de Prudente.*»

Emoldurado em semelhantes reflexões, tomemos agora, de novo, pelo braço, o alcaide-mór An-

Digitized by Google

tónio de Melo. Não podia Elvas subtraír-se à agitação que ia no país, — sobretudo, nas suas classes dirigentes. O povo, dum modo geral, ou se inclinava a Castela, ou mantinha-se na mais parada e torpe das indiferenças. Não se queria a guerra. Os lavradores, no Alentejo, antepunham-lhe os cuidados da colheita. «*Lo mismo escriben de Evora y toda la tierra esta desta m.ª mas con harta gana de coger sus trigos.*» O clero e os nobres é que se dividiam e digladiavam em partidos, segundo as suas conveniências ou predilecções. Elvas reflectia a atmosfera dominante no reino. Os Pessanhas, poderosos e antigos na cidade, seguiam as partes de Castela. Contra Castela manifestava-se o alcaide António de Melo. Acompanhavam os Pessanhas, — João Rodrigues e Jorge, os escudeiros e burgueses da cidade. A gente fidalga agrupava-se em redor do alcaide-mór. Também o procurador em côrtes por Elvas, Jorge de Queirós, era adepto pertinaz duma solução nacional para a vacatura do trono. Escrita de Setúbal, onde assistia junto dos Governadores do Reino, há dêle uma bela carta, protestando contra as preferências filipinas da cidade que o elegera.

Mas, com as evasivas e delongas incessantes dos Governadores do Reino, o problema persistia em não se resolver. Aprestava-se o exército do duque de Alba para entrar em Portugal à primeira ordem. Felipe encontrava-se já em Badajoz. O excelente trabalho de Jean Mariéjol, *Catherine de*

Digitized by Google

Medicis (1519-1589), revela-nos uma circunstância que transforma por completo o juízo em que até agora se reputou a acção, dúbia e frouxíssima, dos Governadores do Reino. Aludindo à concentração, em Badajoz, das tropas do duque de Alba, observa Mariéjol: — «*Les régents, émus de ces mouvements de troupes, demandèrent un secours de six mille homes au roi de France. La Reine-Mère leur promit «toute l'aide, confort et bonne assistence» pour les aider à maintenir le gouvernement du Portugal «en sa dignité, splendeur e liberté». Henri III les admoesta «de tenir la main que le fáict de la dicte succession se termine par les veois ordinaires de la justice, tant pour conserver le droit à qui il apartien que pour garder la liberté de la patrie.*»

«*Belles paroles*», — como reconhece Mariéjol, o socorro prometido não as validou! Debaixo de pressões de toda a espécie, a situação dos Governadores do Reino complicava-se, sem possibilidade de auxílio que os ajudasse a vencer tamanhos obstáculos, — Portugal, dividido de norte a sul, as ambições impando revôltas, a pobreza crescente do Estado, a sua debilidade vexatória. Tornemos a ouvir Danvila y Burguero: — «*El Reino, enardecido por las palabras de los diversos Pretendientes, se preparaba a una derrota segura, armándo-se las ciudades según sus escassos medios lo permitian, aunque sin reparar en escrupulos de ningun genero para procurarse el dinero que necesitában; los caballeros nombrados por Capitanes Generales de la*

Digitized by Google

provincia acudian a los Regentes quejándose, ya de la carencia de medios de defensa; los nobles que publicamente seguián el partido de D. Antonio, reunianse en casa del Conde de Vimioso y pronunciaban elocuentes discursos encaminados á levantar los animos del pueblo, á la vez que se desataban en injurias contra los Gobernadores y resolvian los ultimos detalles del projimo levantamiento del Prior do Crato; D. António, encastillado en Santarem, publicaba entre sus amigos la noticia de que poseia un Breve para que las cortes no tratasen de nombrar sucesor del Reino hasta que terminase la causa de su legitimidad, propalando además, que, con tal objeto, habia sido despachado el Cardenal Riario à la corte de Madrid; los Duques de Bragança no cesaban de molestar a los encargos del Gobierno con solicitudes que movian à aquellos à decirle secamente: «que conciertos con Castilla era lo que combenia porque los pueblos ni los nobles no los querian ver...»; y en medio de tantas y tan diferentes opiniones, los Gobernadores del Reino, ni se atrevian a realizar acto alguno en favor de Felipe II, ni adoptaban las medidas conbenientes para la defensa del Reino, ofreciendo el espectáculo de que los Regentes de una nación se desculparan en humildes términos con los Ministros de una potencia estranjera de las escasas disposiciones estratégicas que se vein obligados à adoptar en vista de la actitud de algunos elementos politicos, al mismo tiempo que, vencidos por el temor, decla-

Digitized by Google

rábanse impotentes para solucionar el conflicto, de acuerdo con los deseos del Monarca castellano, si bien reconociendo que la soberania de este era la mas combeniente para Portugal.»

Observa-nos o senhor de Bonald que, num momento de crise, o difícil não é cumprir-se o nosso dever, mas saber qual êle seja. Assim acontecia no novelo confuso em que nos emaranhara a catástrofe de Alcácer-Quibir. Não é de admirar, porisso, que a fraqueza do Estado e o seu absoluto desnorteamento em matéria tão grave, como a da sucessão ao trono, acabasse por desfazer a, já de per si precária, unidade moral da nação. Ora, a exemplo do que por todo o lado se passava, em Elvas a hostilidade entre os dois partidos avolumava-se tempestuosa, deixando entrever desabafos sangrentos. Os Pessanhas, sequazes da candidatura de Felipe, dispunham da grande autoridade do bispo, D. António Mendes de Carvalho. Não é possível morder-se em tão grande figura eclesiástica! Pertencia êle à pupilagem intelectual dos Gouveias, e, humanista cultíssimo da Contra-Reforma, cursara teologia na Sorbonne com os melhores mestres e doutores. Regera depois uma cátedra em Coimbra, chamado ali por D. João III. Criado mais tarde o bispado de Elvas, foi, de mitra e báculo, à frente da nova diocése, um obreiro diligente do espírito do concílio de Trento em Portugal. Esmoler e conciliador, finou-se com cheiro de santidade, e em mais de um transe apertado valeu, paternalmente,

Digitized by Google

à sua querida cidade episcopal. Como D. António Pinheiro, como o bispo de Silves, D. Jerónimo Osório, como o próprio arcebispo-primás, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, também D. António Mendes de Carvalho, olhando aos males da pátria, aceitava no acesso pacífico de Felipe ao sceptro de Afonso Henriques, a única garantia para que a nossa integridade continental e ultramarina subsistisse. Entretanto, rugia a ameaça da tormenta próxima, — e os Governadores do Reino não decidiam do pleito suspenso. Felipe, em Badajoz, já se inquietava, impaciente, dispondo-se a entrar em som de guerra. Á desgraça duma invasão parecia somar-se a desgraça duma guerra-civil. Torvelinhavam, em Elvas, os Pessanhas, — cabecilhas dos «escudeiros» e da «arraia-miúda», reflectindo o nervosismo do instante. Não se conservavam imóveis os fidalgos do bando do alcaide António de Melo. Assim, em ordem à defesa da cidade, tinham levantado os muros caídos, entaipando as portas de comunicação, à excepção de duas, — a de *Évora* e a dos *Banhos*. Corria, ainda, que haviam introduzido na praça cêrca de 250 arcabuzes e outros tantos piques. Disputas, ranger de dentes, pequenas perfídias, — e o tempo, andando, aumentava a impaciência de Felipe! Era o ano de 1580.

Não se conteve mais o monarca castelhano, em cujo império o sol não se punha nunca. E a 16 de Junho, acompanhado de luzida cavalgada, largou de Badajoz para Elvas o corregedor D. Pedro de

Digitized by Google

Velasco, gentil-homem da Casa Real, cavaleiro de Santiago e comendador de Monfernando. Vinha munido de plenos poderes para tomar posse das chaves de Elvas, e com cartas de Felipe para as principais pessoas da governança da cidade, sendo uma delas para o «Magnífico e bem amado nosso António de Melo, Alcaide-mór da Fortaleza da Cidade de Elvas». Presumìvelmente recebido na igreja da Misericórdia (ou talvez na do Espírito Santo), procedeu D. Pedro de Velasco à distribuïção das cartas que trazia de seu amo e senhor. Acudiu o Bispo, acudiu a Câmara—e acordariam na entrega da cidade pela paz, mais vantajosa, sem dúvida, de que uma inevitável submissão militar. Mas o alcaide-mór opôs-se com porfiada contumácia, declarando que, sem mandado expresso dos Governadores do Reino, não entregaria o castelo. Encorajava-o o voto da nobreza, para quem o corregedor de Badajoz trouxera, igualmente, uma carta de Felipe, —carta que, discutida longamente a maneira como havia de ser transmitida aos seus empolados destinatários, Fr. António de Lacerda, prior do convento de S. Domingos, apresentou, por fim, à gente fidalga de Elvas, congregada para êsse efeito na catedral.

Constitui-se logo um conselho, presidido pelo Bispo, D. António Mendes de Carvalho, e formado pela Câmara, pelo alcaide-mór e pelos nobres presentes. Emitidas as mais variadas opiniões, assentou-se em que se pedissem ao enviado del-rei Fe-

Digitized by Google

lipe oito dias de espera, dando-se de tudo aviso aos Governadores do Reino e solicitando-se auxílio para Estremoz por meio de Gaspar de Brito.

Ao outro dia, respondeu D. Pedro de Velasco que não podia conceder o prazo solicitado, acrescentando que se retiraria para Badajoz, se imediàtamente não fôsse resolvido o assunto. Já então as fontes e depósitos do aqueduto estavam em poder dos soldados castelhanos, estacionados fóra dos muros, com Sancho de Avila, — «el rayo de la guerra». O alvoroto na cidade, ao saber-se de tal, estalou pronto, com doestos e afrontas ao alcaide-mór. As mulherzinhas da rua gritavam mais de que ninguém. A ira alastrou sem impedimentos, e houve quem, induzido ou não, pensasse em assassinar António de Melo, — causa, pela sua atitude, da hostilidade já manifesta das tropas de Castela.

Achava-se António de Melo na Sé, participando do conselho, ali efectuado e que não se interrompera aínda. Postaram-se os populares que iam pelo sangue dêle junto à *porta do Sol,* — saída lateral do lindo templo, em que o gótico expirante se abraça aos primeiros desabrochos do manuelino. Debatia precisamente o alcaide com o Bispo a proposta de Felipe. E no debate, as horas sobrepunham-se, sem nada se concertar de firme, de modo a salvar-se a cidade duma rendição violenta. No castelo, sabe António de Melo, — o *moço,* do perigo que o avô corria. Armà-se e, ladeado de alguns escudeiros, desce à catedral à valer-lhe. Desconhe-

Digitized by Google

cedor do que se tramava, surpreendeu-se o alcaide-mór com o aspecto alterado do neto. Esclareceu-o depressa a vozearia dos amotinados, reboando pelas esbeltas arcarías da igreja. Apercebeu-se, então, António de Melo da febre que esbrazeava o espírito público. E, fitando o neto, em quem a sua estirpe se reproduzia e orgulhava, declarou abraçar o parecer do Bispo e da Câmara. Depressa o tumulto se aquietou, ao saber-se que o alcaide-mór reconhecia a Felipe como rei legítimo de Portugal e se dispunha a entregar as chaves da fortaleza. Assim, Elvas se rendeu por concordância quási unânime dos seus habitantes. Contra uma história romanesca e sectária, o episódio que singelamente narramos, ensina-nos que o povo, fóra, sem dúvida, da corrupção do ouro filipino, contribuíu bastante para que o sceptro português passasse, sem luta, às mãos do filho de Carlos V.

A submissão de Elvas teve uma importância decisiva no andamento dos negócios da sucessão, como o fazem notar Danvila e Burguero no seu *D. Cristobal de Moura,* e D. Julián Suarez Inclán na *Guerra de anexión en Portugal durante el reinado de don Felipe II.* Difícil de ajuizarmos de tão enleados acontecimentos, se não nos integrarmos tanto quanto possível na agitação dessa época! Bem ou mal, os Felipes reinaram, e, até certo ponto, sem que me acusem de haver participado na sua intrusão, talvez fôsse o modo mais eficaz de mantermos intacta a nossa integridade continental

Digitized by Google

e colonial. A vitória de D. António ou dos duques de Bragança importava uma intervenção em seu benefício, — ou da França, ou da Inglaterra, que nos custaria muito cara. Acrescendo que veríamos Portugal tornado campo de batalha incessante, com aliados e inimigos devastando-nos inexorávelmente. Seguindo, porém, a marcha da história, o rumo que seguiu, ao menos, guardou-se a unidade de aquilo que nos era principal e essencial, permitindo-nos, quando a oportunidade soou, a reviviscência, tão mal entendida aínda, de Seiscentos.

*

* *

Acolhido por Felipe com sinais de respeito e estima, pouco sobreviveu o alcaide-mór às comoções da entrega de Elvas. Herdou-lhe o cargo o querido e bem amado neto, confirmado na alcaidaria, por alvará de 28 de Março de 1583, — alvará que o cardeal Alberto assinou, como regente do Reino. Ao alcaide António de Melo, o «moço», sucedeu-lhe Luís Afonso de Melo, seu filho. Igualmente alcaide-mór do castelo de Elvas por sucessão a seus maiores, Martim Afonso de Melo, 2.º conde de S. Lourenço, seria um dos obreiros diligentes da empresa heróica da nossa emancipação, pondo a sua espada e a sua grande capacidade ao serviço de D. João IV. O velho António

Digitized by Google

de Melo ressurgia na gentil bravura do seu descendente. E os condes de S. Lourenço, graças ao esfôrço e à constante dedicação de Martim Afonso de Melo, ganhavam para o seu título, hoje ilustre de três séculos, os louvores da pátria agradecida.

Digitized by Google

SÔBRE UMA CAMPA

A morte da viúva de Oliveira Martins deixou-me pensativo e perturbado. Conheci há três anos a modesta senhora, que foi, silenciosamente, não só a companheira daquele que a uniu ao seu destino, mas aínda a grande amiga de Antero de Quental. Antero dedicou-lhe, até, o seu soneto célebre:

«Na mão de Deus, na sua mão direita.
Descançou, afinal, meu coração.»

E dedicou-lho, talvez, porque no convívio recolhido do lar de Oliveira Martins, da fé sereníssima da santa mulher que o enchia do perfume discreto das suas virtudes cristãs, Antero recebesse algum lampejo fugitivo da graça divina.

Anda por estudar a influência que por ventura o ambiente doméstico tenha exercido na vida mental e social das individualidades como Oliveira Martins, acima da craveira comum. Nem todos serão, dentro da norma conjugal, uns inadaptados, em conseqüência da sua personalidade exuberante. Ocorrem-me agora, precisamente, certas palavras emocionantes do velho Sorel, que, depois de com-

Digitized by Google

bater ousadamente a Democracia, sem dúvida por amor à Violência, sua deusa querida, se abandonou, encantado, à quimera rubra do bolchevismo. Diz êle algures, a propósito de Rousseau:

«Feliz do homem que encontrou a mulher dedicada, enérgica e orgulhosa do seu amor, que saberá sempre tornar-lhe presente a sua juventude, que impedirá a sua alma de sossobrar, que lhe recordará, a todo o instante, os deveres da sua condição, revelando-lhe, talvez, o seu próprio génio! É assim que a nossa vida intelectual depende, em grande parte, do acaso dum encontro... A escolha da espôsa é um dos actos em que melhor se manifesta a psicologia dum homem.»

Dificilmente se compreende como Rousseau, vítima do seu desarranjo sentimental, houvesse de inspirar a Georges Sorel tão nobres reflexões. A não ser pela salutar repugnância moral que na existência do solitário de Ermenonville, nos suscita a ideia de uma M.me de Warens ou duma Teresa. O que é certo é que a «psicologia profunda» de Oliveira Martins manifestou-se superiormente na escolha da sua companheira, que morre quási anònimamente, — ela que anònimamente vivera, repartida entre as suas obras de piedade e a sua dedicação à memória do marido.

Nunca a mim me esquecerá o encanto melancólico da minha visita ao gabinete de trabalho do historiador! Comemorando o aniversário da sua morte, tracejara de corrida quaisquer descoloridas

Digitized by Google

linhas de homenagem. Pois não tardou a surpreender-me uma carta da ilustre senhora, com o mais enternecido dos agradecimentos, — carta em que me convidava, como devoto de seu marido, a passar um momento junto dos livros dêle, na casa que Oliveira Martins aquecera com a labareda infatigável do seu alto espírito.

Aceitei, com mal reprimido alvorôço. Recebeu-me uma sombra — a viúva do historiador. E entre sombras divaguei, como num jazigo, já demorando a vista no retrato do desembargador Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, ministro de Isabel Maria, — salvo êrro, — e de quem Oliveira Martins, seu neto, herdaria seguramente a bela conformação psicológica que o conduziu quási às portas do Tradicionalismo; já contemplando Nuno Álvares, numa reprodução a óleo, — assinada por el-rei D. Carlos, — da gravura que vem na *Crónica do Condestável*, edição de 1526.

Precisamente por debaixo dessa recordação amiga do Monarca que Oliveira Martins quís fazer tão grande, abria os seus braços hirtos a cadeira em que o historiador expirou.

Carinhosamente, num como que sonambulismo de quem vivia apenas para o seu mundo de visões interiores, a viúva de Oliveira Martins ia-me marginando a visita com o detalhe murmurado das suas indicações. Gelava tudo aquilo, como se gela num museu ou numa necrópole deserta, — embora na rua cantasse a claridade cáustica dum meio dia de Agosto.

Digitized by Google

Mais do que nunca eu senti ali o horror de passarmos na existência sem alguém que nos continui! Como uma chama débil, ali aínda havia uma vèlhinha suave. Mas quando a vèlhinha partisse com o seu perfume de ânfora vazia, — das ânforas vazias da imagem pessimista de Renan? E atraíam-me agora as velas, a cuja luz o historiador trabalhara, porque milagre assombroso de amor e de cuidado, — conservando intactos os morrões ardidos, quási vinte anos mais tarde!

«Pois pode voltar sempre que queira! Os livros de meu marido estão ao seu dispôr!» Agradecendo, puxei dum ao acaso. Saíu-me a interessante monografia do espanhol Ximenez de Sandoval sôbre a batalha de Aljubarrota. Tomei nota, a disfarçar a minha emoção. Porque, — mais longe, o que eu tinha diante dos meus olhos, — o que não se apagava dentro de mim, era a lembrança da agonia cristianíssima de Oliveira Martins, rezando a *Avé-Maria* com aquela mesma vèlhinha que eu ali via ao meu lado, — então com outro vigor, mas com a mesma fé transparente e inabalável.

*

* *

Despedi-me, anunciando-me para depressa.

Veio, porém, o exílio e eu não tornei a vêr a bondosa senhora. Escrevi-lhe, é certo. Mas a minha

Digitized by Google

carta, por dolorosa casualidade, entraria na casa da calçada dos Caetanos, talvez, à hora em que a sua dona ia a sepultar...

Desfeita na confusão das formas transitórias, prometo, no entanto, que hei-de recordá-la sempre, porque nunca se pode olvidar quem, como a viúva de Oliveira Martins, segurando um Crucifixo com a mão trémula, ajudou heròicamente seu marido a bem morrer.

Ela foi a exemplificação perfeita das muitas virtudes anónimas e obscuras, graças às quais, apesar de tudo, Portugal consegue obter aínda misericórdia perante a ira do Senhor. Decoremos-lhe o nome para o ensinarmos a nossas espôsas, enquanto já dentro dos muros da Jerusalém gloriosa e eterna, ela repete agora, satisfeita e mansa, êsse *requiem* do grande desgraçado que na sua piedade alguma vez encontraria ancoradouro para as tempestades que lhe perderam a alma:

«Na mão de Deus, na sua mão direita
Descançou, afinal, meu coração!»

Digitized by Google

Digitized by Google

GENERAL RODRIGUES DA COSTA

Na sua discreta casinha da rua do Sol, ao Rato, faleceu ontem, à tarde, o general Rodrigues da Costa. São de amargura estas minhas palavras, porque me prendia a essa interessante figura de velho o mais estreito convívio de espírito. O general Rodrigues da Costa possuía uma forte cultura humanista, que dava aínda agora à sua inteligência uma vigorosa e extraordinária lucidez. Discípulo dum frade carmelita, o latim era-lhe familiar no conhecimento e no apreço mais completo das suas belezas literárias. A propósito de tudo e de nada, com um vigor de memória que manteve até à hora final, havia sempre na bôca do general Rodrigues da Costa, um passo de Vergílio ou uma sentença de Cícero.

No general Rodrigues da Costa desaparece o último dos companheiros de Rodrigues Sampaio na *Revolução de Setembro*. Ao lado do panfletário do *Espectro*, é que Rodrigues da Costa firmou o seu nome de jornalista, bem cêdo acreditado como um dos primeiros, mas bem depressa esquecido numa

Digitized by Google

terra, como a nossa, em que o esfôrço e a honestidade levam o caminho inglório das coisas que se atiram para o lado, como escusadas e inúteis. Não quero perturbar o repouso mortuário de Rodrigues da Costa com a fraseologia ôca dos elogios fúnebres. O que eu quero é prestar a minha homenagem a um português dos de lei, — dos do outro tempo, que tinha da honra militar um conceito bem diverso do corrente. Talvez por isso é que o general Rodrigues da Costa, soldado que se orgulhava de o ser, dispôs nas suas determinações derradeiras que não lhe vestissem a farda que êle envergou com tanto brio e com tanto prestígio...

Mal arrepanho a minha emoção no decorrer rápido das impressões que a sacodem doloridamente. Fecho os olhos para reconstituir melhor as linhas desfeitas de mais êsse amigo perdido, que eu acabo de vêr imobilizado pela serenidade do repouso eterno naquela mesma salinha em que tantas vezes o escutei com encanto, debruçado sôbre os seus livros, mergulhado nos seus papeis.

O general Rodrigues da Costa deixa inédita uma memória curiosíssima àcêrca do gravador do século XVII, João Baptista, àlém de vários trabalhos mais, que o impuseram dentro da sua profissão como uma autoridade das de maior valia. Ninguém ignora que o general Rodrigues da Costa foi secretário da grande Comissão Nacional, de que resultou a aquisição do nosso *Adamastor*. Deputado pelo me-

Digitized by Google

nos duas vezes, o general Rodrigues da Costa distinguiu-se sempre pelo disvelado estudo que os assuntos da sua especialidade lhe mereciam inalteràvelmente.

O centenário da Guerra Peninsular é obra de Rodrigues da Costa. Obra de Rodrigues da Costa é igualmente o reparo da cidadela de Elvas, caíndo agora miseràvelmente ao abandono, como se o passado glorioso da Pátria, tão gloriosamente sustentado à sombra dessas muralhas, lavrasse assim o seu protesto contra o leilão sem pudôr em que abalamos perdidos. Mas, paz aos vivos sôbre a campa dos Mortos!

Na sua renúncia voluntária perante uma sociedade em que êle se sentia emigrado, o general Rodrigues da Costa, comandante que foi do Campo Entrincheirado, Grã-Cruz de Isabel-a-Católica, guardou como poucos o respeito que devia às responsabilidades da sua situação.

Homem dum só parecer, como o varão antigo de Sá de Miranda, o general Rodrigues da Costa em fidelidade viveu e em fidelidade morreu. Se viveu como um soldado, deu-lhe Deus a graça de morrer como um cristão. É o prémio dos que são leais a si mesmos e não souberam nunca mentir à fé jurada em plena fôrça da sua consciência! Não nos esqueçamos de que em Rodrigues da Costa some-se, também, o decano do nosso jornalismo. O nosso jornalismo! Mas eu prometi paz aos vivos sôbre a campa dos Mortos. E, então, não me resta

Digitized by Google

mais do que curvar-me diante do amigo que se dilui serenamente na sombra, enquanto a minha crença se eleva, — *Beati qui in Domino moriuntur!* — nas promessas admiráveis do Salmista àqueles que adormecem no Senhor.

Digitized by Google

ANTÓNIO DE SÉVES

Notava Alphonse Karr, com discreta ironia, que os poetas nascem na província e morrem em Paris. O mesmo poderíamos nós observar dos minguados escritores portugueses, que logo sacrificam os ressaibos fortes da sua origem rural a essa literatura servil e sem arrôjo que entendem como condição necessária para triunfarem, não direi em Lisboa, mas, pelo menos, na notoriedade fácil do Chiado e seus arrabaldes.

Ora aqui temos nós um livro que marca uma excepção nobilíssima e até violenta, nos costumes literários do nosso pobre país! Tal como o *Vaqueiro,* de Gil Vicente, entrando na câmara esmerilhada da Senhora Raínha, António de Séves acaba de nos apresentar, sem mais rodeios, Leomil, a sua terra natal. E numa prosa fresca, como o barro da longínqua païsagem serrana em que cada capítulo parece embebido, eu não sei de livro mais sincero nem mais cheio de saúde mental do que a admirável estreia de António de Séves!

No meu grande entusiásmo por tão claro esfôrço, receio escrever o que penso, não vá, por desgraça, dar a impressão de que estou mobili-

Digitized by Google

zando todos os lugares comuns da crítica nossa conhecida.

Nem tão pouco pretendo figurar de padrinho, à frente do livro de António de Séves, com meia dúzia de períodos sentenciosos, sem mais importância do que essa que eu lhes ligasse. Mas não me dispenso de assinalar o elevado sentido que se depreende da estreia do moço beirão que desceu à cidade, para nos ensinar, com borbulhante espontaneidade, que para além da literatura de bonecos-de-estampar em que nos abafamos, de alto a baixo, há um Portugal que sofre, que semeia e morre, guardando ainda, na sua primitiva rudeza, a alma imarcessível da Raça que nos transmitiu o ser.

Pois António de Séves falou, e falou como o *Vaqueiro* do auto vicentino! Diante das nossas pupilas aguadas por visões incaracterísticas, um cortejo enorme se levanta de pronto. Todo o homem nativo da boa terra da Montanha despertou animado por um bafo de mistério criador. E dos recessos mais dormidos das antigas idades derivam gnomos, avatares, superstições, para se corporizarem na nossa emoção, graças ao estranho poder plasticizador de António de Séves.

Possui o moço escritor uma justa ideia do que seja, na obra de arte, a função da sensibilidade e da inteligência.

A Arte, sôbre o demais, nunca é Arte, — é Vida. E, na vida, o que constitui a arte é a espiritualização, — o momento de eternidade que por ventura

Digitized by Google

se insufle ao que é passageiro, transitório, quotidiano. Nada mais falso, por isso, nem mais condenado a degrêdo perpétuo do que a arte truncada e sem raízes dos que a sacerdotizam unicamente com fito à Beleza. A Beleza não se procura, não se provoca, nem se define. Resulta do que é harmonioso e puro, como o seu natural clarão. Assim, sucede que, sendo a Beleza uma, — como reflexo de Deus, ela varia, desde a singeleza extrema duma página dos *Fioretti*, ao bronze fundido duma estrofe de Camões.

Não é outra a *moral*, — porque tudo tem uma *moral!* —, do livro de António de Séves. Há nêle, mesmo nas realidades mais cruas, um traço permanente de bênção, — como que a funda misericórdia do seu autor por tanta humanidade perdida nos baixos limbos da existência.

Depois, desde a linha castiça das figuras, talhadas, por vezes, em virtuosidades ingénuas de presépio, até ao castigado provincianismo da expressão, *Leomil* é Portugal, — cheira a trevo e a água corrente, deita-nos nos nervos doloridos um aroma de paz bucólica, como se um florir permanente do verde Maio nos infestasse a residência citadina de giestas e rosmaninho.

Pratica António de Séves a noção exacta do Regionalismo. No abuso crescente dos vocábulos em *ismo*, tão próprios duma democracia, eivada de verbalice aguda, fala-se hoje em regionalismo, no nosso país, a propósito de tudo e de nada.

Digitized by Google

E assim sucede que, transitando do literário para o político, não há muito ainda que Trindade Coelho nos brindou com um projecto de constituïção federalista numa nacionalidade como a nossa, de evidente estrutura unitária. Passemos, porém, adiante... E seja para acentuar que o Regionalismo não é um *fim*, mas um *meio*. É um *meio* para se atingir a floração do *Nacionalismo* pelo vigor e pela consciência que, evidentemente, desperta nas pequenas pátrias locais, células fecundas da outra, — da grande Pátria comum.

Como um *meio* o exerce António de Séves, fugindo a êsse réles regionalismo fotográfico, em que se comprazem os mediocres e os incapazes. Pelo contrário, o *Regionalismo* em António de Séves dá-nos a reacção da Província sôbre Lisboa, mas inspirada no longo sôpro genesíaco que faz, ao mesmo tempo, dos Abruzos e de todo o mundo as personagens inspiradas da *Figlia de Iorio*.

Á flôr dos corações e das coisas, António de Séves permanece sempre um lírico, — como português que é e da melhor raiz!

Com a rabujice simpática dos filósofos, observa algures Taine, descrevendo de La Fontaine e das suas fábulas: — «*C'est la littérature de Versailles. Aujourd'hui nous avons la littérature de Paris: la croyez-vous plus naturelle que l'autre?*» Ora é na desacreditada ditadura literária de Lisboa que o livro de António de Séves imprime um enérgico estremeção. Fora das intrigas do cenáculo e das

Digitized by Google

novas gloriolas de abadessado, — à falta do «outeiro» em convento, há o «chá-das-cinco» —, o moço escritor resolve-se a proclamar nas nossas letras, aparvalhadas com a guerra histriónica dos Novos e dos Velhos, os direitos do Sangue e da Terra, esquecidos nos recantos das nossas aldeias, desde que se mirraram na morte as morgadas e os brasileiros do bom avô Camilo. A sua linguagem, sem maciezas postiças, sabe-nos deliciosamente a pão caseiro, — porque tudo aquilo é nosso, porque tudo aquilo é Portugal, — o Portugal que sofre, que semeia e que adormece por fim, tocado da piedade imensa do Senhor!

Tal é o perfume discreto do livro de António de Séves. Tão humilde e tão condoído, entende-o a sensibilidade mais requintada e chora com êle qualquer bisonho maioral de gado. Não é *romântico,* nem é *modernista.* É ùnicamente *português,* — mais do que isso: — *lusitano,* realizando, pela sábia harmonia da inteligência com a emoção, um honesto e salutar exemplo do que pode ser a Arte, quando justamente aliada com a Vida. Bem haja, pois, o moço escritor, que, descendo do povoado à cidade, como o *Vaqueiro*, de Gil Vicente, nos disse, com a maior das singelezas:

— «Aqui têem Leomil. É assim a terra onde eu nasci!»

Digitized by Google

Digitized by Google

ANUNCIAÇÃO

Escrevendo ao seu amigo José Félix Pereira, assim se exprimia Antero de Quental, há perto de quarenta anos, em data de 24 de Setembro de 1880: — «*A literatura portuguesa está em decomposição. Ainda há quem escreva coisas literárias, mas literatura nacional, acabou. O que não admira: onde a nacionalidade é coisa morta, o que pode ser a literatura?*» Bem outro do que o lugar-comum no-lo costuma apresentar, Antero de Quental, num relance admirável de crítico, surpreendia perfeitamente, nestas breves palavras, a coïncidência do individualismo político que arruinara o país com o individualismo literário que acabara de perder. Não separaremos nós, também, da mesma origem duas questões que de perto se prendem e que ambas são filhas do exagêro romântico, que foi a forma sentimental com que, através de Chateaubriand, o espírito sôlto da Revolução penetrou mansamente na nossa psicologia fácil, de exaltados e de melancólicos. É certo que o romantismo representava uma resposta salutar contra o excesso formalista da arte chamada clássica, toda dedicada ao aspecto externo das coisas, preocupando-se apenas em nos dar a

Digitized by Google

impressão visual da sua fisionomia. Mas o romantismo, em vez de se dirigir à alma, dirigiu-se à imaginação. E daí, o abuso enfático das suas reclamações, em que o lirismo se viu suplantado pelo idealismo, em que as realidades interiores do espírito se viram trocadas pelos caprichos anárquicos da fantasia.

Pervertido pelas ideologias liberalistas na sua compreensão das verdades tradicionais, o nosso génio nacional caíu depressa no esquecimento do respeito que devia à sensibilidade natural da raça. Não se enganava Henry Bordeaux, quando, com uma notável acuidade, criou a designação feliz de «proteccionismo literário». Há, efectivamente, para cada temperamento, um património emotivo que lhe vem das suas raízes ancestrais e que é preciso guardar como a essência própria da nossa psicologia. É essa a característica mais forte que determina em nós uma nacionalidade, porque, transmitida pelo sangue e bebida no leite, constitui o conjunto das fôrças misteriosas e vivas a que bem poderemos chamar a nossa conformação hereditária. Nada mais limitado, por isso, do que a teoria da *arte pela arte,* que, além de significar uma noção materialista de beleza, grosseiramente imediata, só regida pelo puro gôzo dos sentidos, traduz, como é fácil de se documentar, o conúbio do deboche romântico da fantasia com a secura formalista do classicismo.

Da mesma maneira que há um passado histó-

Digitized by Google

rico a impôr-nos uma finalidade e como que uma quadratura social, que é necessário manter inviolável, sob pena de nos lançarmos inseparàvelmente na dispersão e na indisciplina, existe também uma ordem idêntica na expressão e no sentimento, fundamentada, de largo, pelas razões indestrutíveis da raça e do meio. Foi a regra que Maurice Barrés enunciou soberanamente, ao adivinhar como cura para o seu diletantismo anárquico, a filosofia eterna da Terra e dos Mortos. Comemorando o Dia de Finados na Lorena, o grande preceptor da inteligência francesa, condensava num breve aforismo toda a sua pedagogia mental: — «*Quant à nous, pour nous sauver d'une stérile anarchie, nous voulons nous relier à notre terre et à nos morts*». Maurice Barrés exilava, assim, para o seu primitivo estado selvagem o «homem da natureza», transportado pela leviandade dourada do século XVIII, das páginas pérfidas de Jean-Jacques Rousseau para os devaneios pastorís do Petit-Trianon. E Barrés acrescenta, com a nota dôce duma como que profissão de fé: — «*Chacun de nos actes qui dément notre terre et nos morts, nous enfonce dans des mensonges qui nous stérilisent*».

Porque nos esterilizou a mesma mentira, — a mentira que nos afasta do nosso sangue e da nossa païsagem, é que o génio nacional, arrancado violentamente à sua continuïdade política, não tardou a caír na incompreensão de si próprio, pelo artificialismo que o vento da importação trouxera na baga-

Digitized by Google

gem dos nossos emigrados, logo a seguir aos delírios ideológicos de 1820. O Romantismo, enquanto representasse um regresso ao esquecido veio medieval, não seria literariamente um desastre para nós, — que nos Cancioneiros e nas Crónicas deixáramos, por aí fóra, espelhada admiràvelmente, a alma arrebatada da Pátria. Eis o sentido da obra de Garrett, que teve o instinto duma arte nossa, liberta da sonolência hirta da Arcádia e simultâneamente acautelada contra o servilismo mediocre dos acólitos do figurino estrangeiro. O nacionalismo literário de Garrett foi bem cêdo secundado pela renovação histórica de Herculano. Mas a intenção dos dois escritores sepultou-se no tumulto de insignificantes aparatosos com que o período constitucionalista se nutriu entre nós.

Inventariando as causas da nossa decadência próxima, nós verificamos como a observação de Antero era justíssima. A nacionalidade não existia mais para as direcções superiores do Estado. Existia apenas uma poeira desorbitada de indivíduos, procurando satisfazer a sua voracidade perdulária no anonimato irresponsável da mentira parlamentar.

Gerou-se, por conseqüência, uma mentalidade superficial, embora às vezes brilhante, em que morreram de todo os grandes impulsos psicológicos que irmanam, na mesma aspiração, a alma individual e a alma da colectividade. Se é a literatura uma das formas mais elevadas do génio dum povo, o génio de Portugal sumira-se no eclipse demorado

Digitized by Google

da Nacionalidade. «Onde não há nacionalidade não pode haver literatura». Havia, sim, coisas literárias, afirmações pessoais, inteiramente desprendidas de toda a razão de meio e raça, como que nascidas numa feira cosmopolita, dum hibridismo cigano. Assim, de Ramalho a Eça, de Oliveira Martins a Gomes Leal, é o corrosivo da análise que predomina em todos êles, acabando de nos levar o que das nossas virtudes nativas o ultra-romantismo deixara subsistir aínda.

*

* *

São estas considerações determinadas pela leitura do pequeno livro de versos *Da terra e do mar* com que o nosso companheiro de trabalho José Bruges de Oliveira, se estreia, para os aborrecimentos da publicidade, no alvorecer dos seus dezoito anos. José Bruges de Oliveira marca, consigo, o advento duma geração, ao sossegado ancoradouro da grande síntese tradicionalista que, restituindo ao nosso país a nacionalidade, há-de restituí-lo, sem dúvida, à posse plena duma literatura. Generosas e heróicas tentativas se fazem, desde largo, para que a restauração da nossa sensibilidade no domínio das letras, nos ensine o gôsto e o enlêvo de sermos portugueses. Num livro, branco como uma primeira comunhão, que eu quisera vêr ainda amado e entendido, — *Palavras loucas,* de Alberto de Oliveira,

Digitized by Google

ficou lançado, há um bom par de anos, mais do que aqueles que conta o poeta do *Da Terra e do Mar*, o programa do que seria para Portugal, mordido por todos os lados pela mesma baixa desnacionalização, o caminho seguro dum seguro renascimento literário. Numa perfeita visão crítica, Alberto de Oliveira qualifica de *neo-garretismo* à tornada às fontes seculares da nossa inspiração «*Garrett copiou Portugal para os seus livros,* — escreve êle —, *e mesmo os inferiores têem êsse encanto e êsse papel literário, evocar, sugerir a terra onde foram nados. Sob tão sãs inspirações críticas, vê-se nítido como a nossa Poesia se pode renovar, regressando à simplicidade e emoldurando dentro dos primitivos ritmos e dos nacionais modos de dizer, os vôos de maior idealismo.*»

Já antes, Antero, em carta para Fernando Leal, fixara, com a sua superior penetração de analista, a índole anti-intelectual da verdadeira poesia e o seu remoçamento por meio do Romanceiro. Nunca é demais recordarmos êsse judicioso testemunho: «*Quanto ao estilo, aproximar-se-há tanto mais ao de Heine quanto mais evitar as palavras literárias e mais se inclinar para o estilo e vocabulário popular. A poesia de Heine é toda ela vasada nos moldes dos Romanceiros: simples nos metros (quadras de sete sílabas ou, às vezes, de hendecassílabos, tercetos também, mas de sete sílabas: fugir ao alexandrino, a não ser, por ventura, em dísticos separados, que se prestam à simplicidade), tem sempre,*

Digitized by Google

pelo estilo, e pelo tom e movimento geral, um ar de balada, de história antiga contada à lareira, de onde resulta, pelo contraste destas formas ingénuas, e do requinte e do modernismo do sentimento e do pensamento, um dos efeitos mais picantes e mais originais do poeta.»

Antero estabelecia assim, sem querer, as bases duma poética nova, que as recentes filosofias da intuïção, dando à Poesia uma origem sub-consciente, viriam confirmar amplamente. Não consiste noutra coisa o *neo-garrettismo* anunciado nas *Palavras loucas,* por Alberto de Oliveira. Definiu-o Manuel da Silva Gaio, que é bem um dos nossos precursores, no seu livro de poemas *Canções do Mondego* e na sua novela *Ultimos crentes.* Um raro e impressionante poeta lhe deu depois expressão amorável, ao longo duma obra toda ela cheia do mais enternecido lusitanismo. A sensibilidade nacional estava salva das falsificações vítor-huguescas de Guerra Junqueiro e das conseqüências descaracterizadoras do simbolismo francês, que, aclimatado por Eugénio de Castro, representara como um puro caso pessoal, na pena brilhante dêste artista, um vigoroso saneamento para com o arrazado sistema nervoso do lirismo seu contemporâneo.

Livro dum moço, mais de tendências que de criações definitivas, o livro de José Bruges de Oliveira marca uma compreensão superior de qual seja o papel da literatura na obra do ressurgimento de Portugal. A simbologia popular, com a utiliza-

Digitized by Google

ção das imagens dôces dos nossos romanceiros, são a pedra de toque do seu requintado gôsto de artista. Não o desvairaram as lantejoulas brilhantes duma arte de puro formalismo que já fez o seu tempo e que só agora chegou ao alcance duma certa fama literária, cuja existência é divertido constatar. A noção da sua consciência artística é a noção wagneriana, que dá o povo como o criador obscuro da obra de arte, clarificada depois pela intervenção superior do artista. Não podemos deixar de aplaudir calorosamente a estreia de José Bruges de Oliveira, que se enche, para nós, do valor real duma Anunciação. Há, por vezes, fraquezas de ritmo, hesitações na idealização, frizantes influências alheias nesse pequenino feixe de poemas? Há. E José Bruges de Oliveira será o primeiro a reconhecê-lo. Mas que poeta já inconfundível, que lírico cheio de intensidade e de ternura, se nos não revela José Bruges de Oliveira, em tantas páginas do *Da Terra e do Mar!* Ouçamo-lo em dois sonetilhos:

O AZEITE

Ó azeite, fio doirado,
réstea de sol, esquecida,
na açôrda, simples comida
do bom cavador honrado...

Fio de sol abandonado
p'ra dar alegria e vida
ao bom cavador que lida,
enquanto há sol no eirado...

Digitized by Google

O' fio de azeite tão belo,
és tão modesto e singelo
que o bem que fazes, não vês...

Bem hajas, rico tesoiro,
fiozinho de azeite loiro,
cabelo loiro de Inês.

SAUDADES

Saudades quem as não tem,
quem pode viver sem elas,
saudades das caravelas,
saudades do longe além? !...

Saudades — sem elas, quem?
pois se às vezes são tão belas
que a gente, sonhando tê-las,
tem saudades de ninguém...

Saudades, — viver de novo
a felicidade dum povo
que foi ditoso e que amou...

Saudades — chorar sòzinho,
evocando de mansinho
o Portugal que passou.

Também as trovas *A Diego Lopez*, romanceando ingènuamente a lenda medieval da *Dama-de-Pé-de-Cabra*, nos dão um minuto de sugestão embaladora, na sua saborosa frescura:

Ai «Santa Maria vale
quem viu nunca tal cousa!»
foi por isto murmurares,
que perdeste tua espôsa...

Digitized by Google

Abriu-se a fresta no paço,
por ela a dama passou...
Diego Lopez, Diego Lopez,
só o filho te deixou...

O senhor Diego Lopez
a linda espôsa perdeu,
quando lhe quebrou a jura
que sôbre o monte lhe deu...

E agora, Diego Lopez,
nada mais tens a fazer,
foi a culpada a podenga
que fez o alão morrer...

Há ainda o *Cantar de Amigo, A Portugal, terra de amores, Em louvor do pão,* dizendo, entre outras, a delicadeza e a abundância dum belo temperamento de poeta. A tentativa de José Bruges de Oliveira é, realmente, para assinalar na insignificância literária, assustadora, dos rapazes da nossa terra, onde, àlém de Carlos Lobo de Oliveira, de João Cabral do Nascimento e de Américo Durão, como poetas, poucos mais se distinguem e nos enobrecem. Gostosamente o saúdo, com um futuro carregado das mais lindas promessas, e creio bem que o *neo-garrettismo,* entrevisto há mais de vinte anos por Alberto de Oliveira, acabará, com a geração de José Bruges, por ser, como verdade artística, um dos aspectos conseguidos da *verdade portuguesa.* E, para rematar êsse meu voto profético, eu apelo para mais uma página do comovido livrinho de José Bruges de Oliveira, que é todo um louvor

Digitized by Google

à nossa terra e à nossa gente. Seja o sonetilho *Dom Pedro, Rei Bailador:*

O' namorado de Inês,
Rei Pedro, Dom Folião,
Tu és o luso Tristão,
Sofreste duro revés.

Amaste uma só vez,
Grande amor, forte paixão...
Inês é a tradução
De Iseu para português.

O' grande Rei bailador
De Iseu e Tristão o amor
não foi tão grande e profundo!

O dêles morreu chorando
e o vosso está descansando
p'ra acordar no fim do mundo!

Digitized by Google

Digitized by Google

HIPÓLITO RAPOSO

Escrever dum amigo, companheiro leal de todas as horas, é sempre, dalgum modo, escrever de nós próprios,—alinhar, ainda que fugidia e despreocupada, uma página das nossas «Memórias». Assim me encontro eu agora, com a pena traçando, em tôrno da figura de Hipólito Raposo, um comentário breve ao seu *ex-libris* de excelente autor e de bom amador das coisas da letra redonda.

Desde já protesto contra a divisa, embora do mais puro sabor latino, que o escritor, homem de acção e de crenças, escolheu para bôca do seu brasão intelectual:—*ludibria vitæ,* com uma hera serpentina, coleando pelo fuste de não sei que coluna decapitada. Há aqui, implícita, uma resignação estoica aos combates duros da existência, nos quais a divisa de Hipólito Raposo, se a tomássemos como espêlho exacto do seu sentir, lhe apontaria apenas um logar de espectador consternado. Gelar-nos-ia semelhante «senequismo»,—e chamar-lhe «senequismo» é aparentá-lo ao melhor da filosofia antiga e ao que ela teve de mais chegado ao Cristianismo—, se não conhecêssemos em Hipólito Raposo uma inteligência e um coração, servindo com nobre

Digitized by Google

simplicidade, da política à literatura, a ideia dum Portugal amado e restaurado,—o sonho dum Portugal-Maior.

De resto, não nos surpreenderemos com tal afêrro à defesa do génio tradicional da Pátria, se, buscando as linhagens de Hipólito Raposo, o descobrirmos quási da raíz do Hermínio, nascido numa boa vila beirôa, de pais lavradores, submissos à fé e aos usos dos seus Maiores. Passa em Hipólito Raposo o eco das virtudes rurais da Montanha,—o seu amor à singeleza das linhas e dos ritmos clássicos, vem decerto da sua longa hereditariedade serrana. Num dos seus livros mais representativos,—*Outro Mundo,* desdobra-se a visão épica e religiosa da sua Beira natal,—desde Viriato, o epónimo grandioso, ao bordão do Rei Vamba, florindo em terras pardas de Egitania.

Nesse livro,—breviário enternecido dum espírito tocado pela candura primitiva dos seus horizontes, a dedicatória ao «imaginário» Domingos Vaz Raposo, (de cujas mãos saíram toscas, mas reverentes, as «Virgens» da sua vilória), constitui para mim, e, sem dúvida, para o crítico esmiuçador da individualidade de Hipólito Raposo, a chave da sua psicologia de poeta recluso, que a disciplina dos mestres da Língua desviou para a quadratura racionalista e firme da prosa.

Pois nasceu Hipólito Raposo em S. Vicente da da Beira, aí pelo inverno de 1885. Francamente, não atino com a expressão fria, objectiva, duma resenha

Digitized by Google

biográfica! E não atino, porque, — repito —, escrever dum amigo é sempre, dalgum modo, escrever de nós próprios...) Observa algures Alphonse Karr que todos os escritores nascem na província, mas morrem em Paris. Não caberá nunca a ironia do sarcástico sagitário de *Les Guêpes* a Hipólito Raposo! Na subida seguríssima do seu talento, êle jámais abdicou das suas qualidades nativas de territorial, agarrado ao refêgo fragoso em que despertou para a luz. Creio bem que tudo quanto traduz a afirmação do seu esfôrço literário e social não é mais, no fundo, do que o desenvolvimento daquelas queridas reminiscências familiares que cêdo a infância lhe depositou na sensibilidade: — o pelourinho do seu Município morto, a tôrre da sua paróquia melancólica, a sombra descendo da serra e humilhando, como asa de assombro, o casario aconchegado dos vizinhos e parentes.

Estudantinho do liceu, depois de, pequeno Renan, haver desistido de servir ao Senhor nas alas dos seus ministros, a libélula doida da literatura pronto o picou, às abas da sonolenta Castelo Branco, que foi o scenário em que Hipólito Raposo assistiu ao desenrolar do drama estranho que é, para todos os rapazes, o irromper violento da adolescência.

No balbúcio dos primeiros «linguados», mandados a mêdo para o inevitável semanário do burgo, — burgo de província, com vielas enroladas e noites espessas e lentas —, já a feição tónica de Hipólito Raposo se denunciava no seu apêgo, conquanto

Digitized by Google

que ingénuo, à herança do sangue antigo, — às païsagens sóbrias e humildes, ao relêvo da arte popular e das formas típicas da Grei.

Caíu Hipólito Raposo em Coimbra, quando eu lá caí (não há maneira de fugir ao ar pessoal e directo de quem está ordenando uma página de *Memórias!*), — quando lá caíram Alberto Monsaraz, Luís de Almeida Braga, Américo Chaves de Almeida e tantíssimos. Dependurados da têta engelhada de Minerva, nos cinco anos do estilo que levou o nosso Direito, curávamos mais das brochuras que o França Amado expunha nas *vitrines*, do que da lição compacta e grave dos *Códigos*. Hipólito Raposo distinguia-se entre nós, — para a nossa admiração, porque praticava o latim, convivia a filologia, chegando até a tirar, como um aprendiz de teólogo, o exame misterioso e raro de hebraico! Á orla do Mondego o espírito se nos conformou, então, na apertada irmandade que a procissão do Tempo não fez mais que selar e ratificar. Na Universidade ainda, publicou Hipólito Raposo os seus primeiros livros, — *Coimbra Doutora* (1910) e *Boa Gente* (1911). O gôsto dos trabalhos históricos e o enternecimento da sua Beira são os traços dominantes dêsses livros de estreia, — o seu nacionalismo literário abre já ali os passos. O nacionalismo político não tardará a dar-lhe consciência e vigor.

Formado, concorre Hipólito Raposo à cadeira de *Filosofia da Arte* na *Escola da Arte de Repre-*

Digitized by Google

sentar. A sua tese, — *A expressão no Teatro* (1912), não entra no mercado. Por essa altura, um concurso público coloca-o no Ministério da Instrução. Feixe leve de crónicas, dispersas por vários jornais, — pelo *Diário de Notícias*, sobretudo, onde teve uma secção semanal, — *Palavras ao vento*... —, aparece em seguida (1913) a lume o *Livro de Horas*, com a Emoção e a Crítica dialogando ombro a ombro, nos jardins nevoentos da Saudade. Depois, atira Hipólito Raposo à publicidade *O Sentido do Humanismo*, — dissertação para uma cadeira da Faculdade de Letras, de Lisboa.

É a data em que o *Integralismo Lusitano* inicia as suas campanhas de resgate. Hipólito Raposo pertence à brava hoste (consintam-me que eu me exclua do adjectivo!), colabora na *Nação Portuguesa*, 1.ª série, e pronuncia na Liga Naval, em 1915, a conferência *A Língua e a Arte*, saída no volume *A questão ibérica*.

Intensifica-se, entretanto, a acção política do *Integralismo*. Hipólito Raposo é dos nomes que mais se manifestam no jornal *A Monarquia*, — órgão do movimento, estampando em 1917 o belíssimo livro de contos e lendas da sua Beira, — *Outro Mundo*. Em 1918 sobe à scena, no Teatro de S. Luís, o episódio em 1 acto, — *Ana Maria*. Desenrolam-se os trágicos acontecimentos do fim daquele ano, — começos do de 1919. Hipólito Raposo, como um guerrilheiro anónimo, bate-se em Monsanto. Consegue no momento escapar aos furores

Digitized by Google

da represália, mas não tarda que o expulsem da sua cadeira de professor e do lugar público que ganhara com o seu esfôrço honrado. Isto não entibia a viva convicção de Hipólito Raposo. Presos uns, exilados outros, dos membros da Junta Central do Integralismo Lusitano, apenas Hipólito Raposo se encontra em liberdade. Com heróica galhardia, põe de novo na rua a folha integralista e dali comanda a nova ofensiva, com aprumo e com coragem. Um incidente de sobejo conhecido, atira-o prêso para S. Julião da Barra. No tribunal militar de Santa Clara foi defendido pelo poeta Afonso Lopes Vieira. E é na sua prisão que Hipólito Raposo começa a escrever o volume, recentemente publicado, — *Seara Nova*.

Em Maio de 1922 partiu Hipólito Raposo para a nossa África Ocidental. Ainda que se demorasse em Loanda sòmente um ano, a sua passagem assinalou-se ali pelo encerramento, graças a êle, da *Cova da Onça* e da *Casa da Cal*, na fortaleza de S. Miguel.

Existência plena, como se vê, — espelho claro de claras virtudes portuguesas! Tal é Hipólito Raposo em escôrço fugitivo, porque temo, — seu companheiro de tantas horas —, subjectivar demais o assunto, reflectindo-me nêle como na água dum ribeirinho familiar. Entendo que tão bela vida desmente o pessimismo da sua divisa, em que repassa, por um natural pecado de humanista (Hipólito Raposo sabe latim!) a dureza estoica dos filósofos

Digitized by Google

que não confessaram a Cristo. Vai Hipólito Raposo — como no verso célebre —, «*in mezzo del camino*». Andou bem a estrada já percorrida, sendo fácil de adivinhar como glorioso lhe será o resto da viagem!

Digitized by Google

Digitized by Google

III

Digitized by Google

Digitized by Google

COM A CHUVA CAÍNDO GROSSA E LENTA...

Com a chuva caíndo grossa e lenta sôbre as árvores do meu pequeno horto, eu sinto invadir-me o coração toda a forte melancolia do outono. E se me ponho a recordar o que vai na maré imensa das minhas ideias, quási que surpreendo na voz do sangue êsse éco adormecido de cânticos pagãos.

Decerto que não morreram em mim aqueles avós longínquos que, sem conhecer a Deus, já o adoravam, contudo, através da mentira dos deuses. Conduz-me sempre à hora da missa, quando o celebrante recorda ao Senhor, sôbre o Cálix e a Hóstia, «a memória dos que nos precederam com o sinal da Fé e dormem na morte o sono da Paz». É que todo o meu ser estremece, então, no desejo sagrado de subir ao longo da procissão das origens e de se encontrar face a face com o primeiro dos meus antepassados, que trocou a ara ensanguentada dos cultos antigos, pelo altar humilde onde a Cruz lhe oferecia, de braços abertos, a promessa de salvação eterna.

Mas, para lá do homem comovido que se curvou para a fonte baptismal, numa sêde renovadora

Digitized by Google

de espiritualidade, para lá das sombras anónimas que no mundo me precederam com o sinal da Fé e dormem agora, entre os mortos, o sono da Paz, outras sombras adejam, perdidas na cerração dos limbos inferiores e que, pobres almas lastimosas, o Outono, com a chuva caíndo grossa e lenta, acorda na minha carne constrangida, como um rumor apagado de fôlhas sêcas.

É talvez levado por elas que eu transponho os limites dos meus sentidos e me vejo sôbre o mesmo chão em que a minha linhagem se desenvolve vigorosa e ampla diante duma pedra tôsca, à borda do azinhal, em que um anho agoniza, sacrificado singelamente a Endovélico, que na mentira da sua religião, foi outrora para as gentes duras destas redondezas, a fonte bastarda onde saciou a sua sêde abrazante de Deus-vivo, de Deus-verdadeiro.

Como uma enchente prestes a desabrochar, assim o coração me incha, com a estranha embriaguez em que o perturba a melancolia pérfida do Outono. E tudo ali perpassa diante de mim, — no cortejo imenso das minhas visões, arrastando, triste fantasma em pena, a saudade sem fim do infindável olvido em que lhe sepultavam a vida e lhe abandonavam o templo. Mas a hora cristã do anoitecer não afugenta, nem afugentam as tôrres orando, donde se desprega a badalada dôce do *Angelus*. É que, através da mentira dos deuses, já os homens adoravam a Deus. «Nós temos muitas coisas comuns com os pagãos, — já dizia Santo Agostinho —, mas

Digitized by Google

o nosso fim é que é diferente.» E o espectro de Endovélico, ressuscitado pelo crepúsculo na asa pardacenta da chuva, parece surgir da confusão das formas já desfeitas, ùnicamente para me ajudar a dizer — «*Amen!* ao grande doutor da Igreja.»

*

* *

Símbolo da natureza, quando entregue apenas à fatalidade das suas próprias fôrças, eis como eu invoco Endovélico, — «menino vendado», se é exacta a letra do clássico. E olhando o caír da chuva sôbre as árvores do meu pequeno horto, eu penso na lição de beleza imortal que o Cristianismo nos oferece, com as maravilhas insondáveis da sua admirável liturgia. Ao contrário do panteísmo grosseiro e sem asas de tanta filosofia bastarda, como a Natureza nos aparece transfigurada e radiosa, através da concepção católica da Vida e da Arte! Um exemplo nos basta, sem aludir à poesia eterna, tão cheia de frescura e de humanidade, que se desprende de tantas cerimónias cristãs, como, entre outras, a Bênção do Fôgo e da Água em Sábado-Santo. É êsse exemplo o de S. Francisco de Assis no seu *Canticum fratris solis*. Pelo seu profundo e comovido naturalismo, pretendem, às vezes, deformar o sentido perfeitamente ortodoxo dêsse hino incomparável. Mas no *Canticum fratris solis* não se en-

Digitized by Google

contra, — escreve Johannes Joergensen —, nem a perturbação sensual nem o desespêro pèssimista, que são o produto do sentimento panteísta. Em frente da Natureza, o Pobrezinho de Assis louva e celebra, na comunhão de tudo o que foi criado, a obra amorável do seu único Criador. Tal como no Velho Testamento, os três mancebos em Babilónia, dançando,—*Laudate Dominum!*—, por entre o fôgo vivo duma fornalha. E tudo, porquê? Porque no que existe e foi criado, o cristão compreende e adora o infinito amor que o criou, dando-se assim, em face da Natureza, como diante do rosto visível de Deus.

É como eu me sinto, no ascender do Outono, com o coração pejado de aspirações confusas, ainda sem baptismo. Assalta-me a tristeza do Apóstolo, — aquela tristeza que não me vem do bulício do mundo, senão da ausência das estrêlas no céu, da falta das fontes em que a alma se refrigera, mais sedenta que o cervo errante do mato. Brotam à flôr de mim mesmo, vestígios de quimeras, depressa murchas na fragilidade da sua formosura transitória. Mais acima, para além das nuvens, da chuva que cai e do tempo que morre, ah!, quem me dera um farrapo de azul imenso, — de azul que não envelheça, em que eu lêsse aquelas palavras que não passam nunca! Bemaventurada a melancolia que assim me eleva para lá das formas que me aprisionam na estreiteza dos seus frémitos carnais e de que Endovélico, fluctuando à orla do crepúsculo,

Digitized by Google

é, como falsa divindade caduca, o fantasma perdido e sem remissão.

E com a chuva caíndo, as árvores do meu pequeno horto começam a despir-se. *De profundis!* Mas como na ladaínha lúgubre das cinzas, o meu coração se exalta ao calor da chama íntima que o invade! Anoitece, sem que Endovélico, — «menino de olhos vendados», se suma na treva crescente. Atira agora para mim os braços suplicantes e quási que me vejo traçando-lhe, na fronte gelada, o sinal singelíssimo da Fé. Endovélico sorri, tocado de graça, já humanizado na dureza dos seus traços marmóreos.

Assim é a Vida! Assim é a Arte, — sua filha querida e primogénita! Ai do encanto das formas, que são como urnas vazias, se o Espírito não assiste com elas! Confessemos a nossa imortalidade, reconhecendo que havemos de passar tão depressa como o dia de ontem, que já passou. Endovélico, de pé, sôbre o seu altar ruído, é o homem buscando-se a si mesmo na ilusão de grandes pomos de ouro que esmaltam o desejo insofrido. Mas como Endovélico, reconciliado e santificado, sorri de sôbre a noite que avança, se sabe escutar a linguagem oculta da sua tristeza, descobre, inesperadamente, suspenso entre o céu e a terra, o primeiro degrau da escada longuíssima de Jacob.

Digitized by Google

*
* *

Homília do Outono, com a chuva caíndo grossa e lenta... O que escreveria eu, preso à semelhança atávica de Endovélico, «menino de olhos vendados»? Sorrir-se-hão as gentes bailando no tumulto das feiras do mundo, ao escutarem-me a voz dissonante, como se eu voltasse dos areais da Tebaida, com uma pele de camelo à cinta. Mas se eu tenho saudades tuas, Senhor, porque é que hei-de calar a ânsia que me sobe do coração à bôca, como se fôsse uma pregunta que já não pode esperar mais pela resposta?

Digitized by Google

NATAL DO EXÍLIO

Quantas vezes, sôbre a terra amarga do exílio, eu sonhei com a noite de Natal na minha lareira de infância! Subia-me à alma naquele grande isolamento de espírito, um desejo ingénuo de coisas brandas e simples. E se a chuva caía lá fora, com um «guadarrama» finíssimo apertando, mais a minha tristeza se povoava das visões amoráveis do passado. De pés estendidos para o fôgo, vendo a chama bailar, nunca me ocorreu compôr um poema, como Garrett, o bom avô de nós todos. Mas, de ouvido à escuta, como quem adivinha num palácio deserto, a voz fluídissima de não sei que violino misterioso, flutuava dentro de mim mesmo, suspenso da nota elegíaca da Saüdade.

Sumiam-se na meia penumbra do aposento os retratos queridos, os livros mais amados, uma ou outra flôr emmurchecendo nos solitários. D. Félix, com o serão avançando, batia discreto a informar-se «*si el señorito queria algo*». E o silêncio voltava pronto com o seu bafo acariciador, enquanto lá fora a agonia do destêrro continuava na agonia do vento. Sentia-me criança, como nunca, num desejo inexprimível de ternura e afagos. E logo diante dos

Digitized by Google

olhos, como por poder de encanto, tomava vulto a ampla cozinha familiar, com a chaminé rebrilhando entre o lustre do cobre e do estanho, esfregadinhos de novo, e a labareda dançando a sua coréa infatigável e sempre viva.

Renasciam da morte fisionomias olvidadas,— todo um mundo rumoroso de velhas expressões domésticas.

Ia em roda uma lufa-lufa de festa, só comparável à do dia da matança, quando, entre alguidares de sangue quente, o porco estrebuchava no pátio, já no desespêro do último arranco. Tilintavam louças, rescendia um perfume de fartura e contentamento. Não tardaria que na tôrre caiadinha da matriz, o sino, soando como ouro finíssimo, começasse a convidar os fiéis para a missa... A Missa do Galo,—supremo enlêvo da minha meninice! Como eu a adivinhava então,—à boa igreja paroquial, com o seu adro discreto, onde o rapazio tumultuava entre jogos e descantes!

E o frio apertava, no entanto,—frio de Dezembro, inverno natural...

Se havia luar, um luar sacratíssimo de bênção, meu Pai assomava-se à varanda e era certo dizer: «*Este ano é ano de leite!*» Eu, enrolado à chaminé, não fazia senão mirar os altos paus do fumeiro, em que o Menino-Jesus se assentaria ao vir a horas mortas, em camizinha, aquecer-se ao nosso lume. Por isso o madeiro,—um enorme cepo de azinho, ficava andendo durante a noite...

Digitized by Google

Assim se passava o Natal,—Natal singelo de casa alentejana—no lar distante em que a sensibilidade se me abriu, como flôr de maravilha, e que é, ainda agora, como que o berço encantado da minha perdida inocência! Com os primeiros cortes de lenha, o tronco destinado à fogueira do Menino, escolhia-se logo, como para uma cerimónia solene. Depois, em véspera de Natal, levávamo-lo para a cozinha, à maneira de triunfo.

Já minha Mãe tinha acabado os arranjos da ceia,—a ceia tremenda da noite de Natal! Distribuíam-se as *filhozes* e os *nógados* aos criados da lavoura, que desciam tropeçando, com os bolos aconchegados ao peito. E de cima da tôrre,—mal o relógio batera as dez—, o mestre João Goes,—o sacristão, principiava, lento, a tocar à Missa.

No alvorôço cândido da idade, eu tanto pulava em frente do oratório, onde se armava o presépio, com o Menino, nùzinho, dormindo em cama de seda, como encavalado numa cadeira raspava, junto do lume, o grande tacho de cobre, em que se cozera o recheio inolvidável das *azovias*. Surgiam os da família,—parentes e compadres, contando os prodígios da noite,—a vaquinha e a mulinha, a adoração dos pastores, enquanto soavam na rua cantigas à desgarrada:

Eu hei-de ir para o presépio
assentar-me a um cantinho,
só p'ra ver o Deus-Menino
a nascer tão pobrezinho!»

Digitized by Google

Meu Pai voltava a assomar-se à varanda, levantando a gola do capote. A vila, toda de manto na geada miùdinha que Dezembro andava peneirando, enchia-se de estranhas lucilações. E as cantigas empastavam-se no escuro, num acompanhamento monótono de *harmonium:*

O' meu amado Menino,
ó meu Menino tão belo,
porque vieste a nascer
no rigor do caramelo? !...

Mas era com o sono, com o «João Pestana», que eu lutava agora desesperadamente. Não chegaria a ver a Missa do Galo, com o Senhor Prior trazendo na estola o Menino a beijar! E afogado ao canto da chaminé, com o pensamento nas guloseiras que enchiam os armários, preguntava aínda numa resistência heróica: — «Mas porque é que lhe chamam Missa do Galo? Então, pachorrento, meu Pai explicava: — «É porque vão lá os galos todos...» Eu, pasmado, como que num paraíso de conto de fadas, informava-me se o nosso galo iria também. Que sim, — que iria! — tornava, sorrindo-se, meu Pai. Que iria até de chapéu alto e bengala, como os senhores finos pela Semana Santa.

Animava-me um pouco com o espectáculo imprevisto. O nosso galo de chapéu alto e bengala, como os senhores finos, — como o senhor Caldeira, como meu Pai! E insistia: — «E o da vizinha Cons-

Digitized by Google

tança? Quem lhe emprestava o chapéu e a bengala?» Por fim, o sono dominava-me, quando na tôrre o mestre João Goes, de opa encarnada e grande lenço tabaqueiro, se desfazia em repiques frenéticos, já com o senhor Prior, aguardando paramentado, na sacristia.

*

* *

Prolongava-se o serão no convívio dôce das minhas evocações de exilado. D. Félix, inquieto, batia de novo: — «*Le pasa a U. algo, señorito?* Nas dobras dramáticas da treva, o vento ensurdecera a pouco e pouco, o seu formidável monólogo. Se chovia, só se escutava a água chapinhando lá fora. Lareira da minha infância, — vaso de ouro perdido, em que um lírio se fanou para sempre! E quando prostrado pelo sono e pela saüdade, regressava por momentos à minha meninice longínqua, já tão distante, a esfumar-se numa pequena vila torreada, logo o velho galo da casa, acompanhado de todos os galos da vizinhança, desdobrava diante de mim as suas belas asas pomposas, passeando-se, solene, de chapéu alto e bengala...

Digitized by Google

Digitized by Google

D. GIL CABRAL

(Conto do Natal)

Adeja-me em tôrno, nesta noite última do ano, o fantasma de D. Gil Cabral, — espécie de bruxo mitrado, que foi mestre em teologia e cantou missa de Pontifical, uma vez pelo menos, na sua igreja da Guarda. Daria muito que contar a vida de D. Gil Cabral, — físico, nigromante e prelado, que teve, ao que parece, tratos íntimos com o Diabo. Nascera dum alcaide-mór de Portalegre, e de mistura com Estêvão Lobato, acompanhou de perto a D. Pedro, — o do «grande desvayro». Serviu-lhe de médico e de capelão, nos seus errores e andanças com D. Inês, — a loura, de «sorrisos pérfidos», levada como que a furto por castelos e vilares do Reino. Em Bragança os uniu aos dois, — a D. Pedro e a D. Inês, aquele que, por prémio, seria bispo da Guarda, onde já lhe pertencia o assento de deão.

Passou-se D. Gil a Roma, não sabemos se a apurar as suas artes ocultas, se a impetrar letras apostólicas do Santo Padre Gregorio XI, que então era. Não escondia D. Gil Cabral os seus prazeres

Digitized by Google

finos de prelado por essa Roma, onde tanta sedução ignota ficara dos antigos tempos. Chegou-se, entretanto, a véspera de Natal, — e em D. Gil falou a lembrança da terra distante. Logo o bispo da Guarda disse, para clérigos e leigos que o cercavam, decerto em roda de alguma mesa coberta de raras iguarias e com pergaminhos suspeitos descansando por sôbre os tamboretes: — *Para me não faltar nenhum gôsto, o que eu não faria para me vêr hoje na Guarda, dentro da minha Sé!* Ofendido pelo propósito impudente de D. Gil, permitiu Deus que o Diabo o tentasse com as suas traças. E assim, ainda o bispo da Guarda não fechara a bôca insana, — e já se lhe apresentava um soldado do Papa, serviçal e instante, — um hoste romano, como lhe chamam os autores de antanho, em que se conservou de memória o estranho caso. Nada mais nos esmiunçam êles, fingindo uma reserva que tudo nos revela (porque aqui, à puridade, o «hoste romano» devia ser o Diabo, em carne e ôsso). Não se assombrou D. Gil, nem da visita, nem dos seus oferecimentos. Pegando-lhe na palavra, comprometia-se o hoste romano a pôr o bispo na sua Sé, à hora da missa. Consoasse primeiro, que depois acharia à porta da sua pousada cavalgaduras para montar e hoste para o conduzir. Se bem dito, melhor feito. Consoou jubilosamente D. Gil, sem se mostrar curioso do nome e das qualidades do hoste. Um págem de buço leve aflorando-lhe à bôca de romã, é que, ao descer o hoste num tilin-

Digitized by Google

tar rijo de armadura, entendeu que, em lugar de plumas, ostentava no casco dois grandes chavelhos retorcidos...

*

* *

Repicavam na Guarda os sinos e as garridas, anunciando a missa da meia-noite. Das vielas subiam descantes e os bèsteiros do conto arruavam aos pares pela muralha amortalhada num frígido luar de sortilégio. Toda de branco, na sua capota de neve, a cidade enchia-se, porém, dum rumor ingénuo de festa. Já diante do lume estralejando em línguas fortes, os burgueses se embiocavam para acudir à catedral. A um e um, cónegos e raçoeiros iam entrando para a velha igreja, com os vitrais animados pelas luzernas interiores. Por entre os coruchéus e os grimpos do templo, um ventinho ágil e mais afiado que um punhal de Toledo, parecia segredar maliciosamente, num ar escarninho de qualquer gárgula falante:

«... *muito me tarda*
o meu amigo na Guarda!»

E os sinos e as garridas repicavam açodadamente, no alvorôço da noite sagrada. Fria, a lua dominava a cidade, e, para àlém, na sombra alvíssima da serra, punha scintilações metálicas que feriam.

Digitized by Google

Mais o tempo caminhava, — e mais cresciam, a caminho da igreja, as sombras encapuchadas. Só doentes e meninos de berço se ficavam sem missa na Guarda. O que sentiam, — escudeiros, homens-bons e arraia-miúda, era a falta do bispo para subir ao altar ao caír da meia-noite, entre incensos e hinos, com o seu rebanho postado na solenidade das naves. E os sinos repicavam, — repicavam as garridas, num esconjuro ao tal ventinho volteiro, monologando sempre, incessantemente, como qualquer gárgula escarninha e falante:

«... muito me tarda
o meu amigo na Guarda!»

Á porta da catedral, com os cantares próprios da noite, um jogral, já velho, agarrado à sua sanfona, suspendia os passos aos fieis que se apressavam. Já os cónegos e raçoeiros diante do dossel episcopal deserto, se alinhavam no cadeirado do côro, para dar comêço ao ofício. Pela ideia de tantos passaria, decerto, como sombra dolorosa, a ausência do bispo D. Gil. Pobre igreja da Guarda, tão mal querida dos seus pastores, desde que Deus recolhera a D. Frei Bartolomeu, assíduo às rezas canónicas, amigo dos bons clérigos, adornador de altares, dotador de capelas! Os que lhe sucederam no bago, — de pouca dura, na verdade, êles foram! — êsse D. Estêvão Tristão e êsse D. Lourenço II, um brigando com o cabido, o outro assis-

Digitized by Google

tindo mais à côrte que à mitra, não tinham deixado nem exemplo, nem saudades. Companheiros do infante, ora senhor Rei, nos seus motins contra seu padre, que santa glória haja, que passadas maléficas seguia D. Gil, a quem o Apostólico de Roma confiara, por último, os destinos da igreja da Guarda?! Acusavam-no de ledor de escrituras enigmáticas, convivendo com judeus e mouriscos, entre clepsidras sonolentas e corujas empalhadas. Mau emprêgo das suas ordens fazia D. Gil, — tão mau emprêgo que não se temera de unir o infante, quando do grande desvairo, à irmã daninha dos Castros, piores que lobos cervais, — sempre de espreita, na mira de prêsa farta. Abalara, por fim, para Roma, talvez a mais profundar-se nas suas artes ocultas do que por amor da sagrada teologia, que já lhe valera a loba e o barrete de mestre. Aquele D. Gil! Aquele D. Gil! E os cónegos e os raçoeiros aninhavam-se no cadeirado gélido, diante do sólio vazio, com os primeiros versículos do ofício sonoros e lentos, ascendendo para a abóbada. Lá fóra os sinos não se calavam, — e com os sinos, como um alarido contente de crianças, não se calavam as garridas, argentinas e frescas.

*

* *

Toda a gente da Guarda estava agora dentro da Sé. Apenas o jogral ficara encostado ao pórtico, de-

Digitized by Google

sanfona suspensa, repassando gulosamente as moedas que, por mercê dos seus escárneos e cantares, arrancara à turba dos fieis. Tabernário e mal vivido, cuidava antes em buscar alcouce onde se aconchegasse do que ajoelhar um instante nas lágeas bentas, louvando ao Senhor por noite tão santa. Já os salmos ressoavam na majestade singela do cantochão. Aquietara-se, pelos coruchéus e pelas grimpas, o tal ventinho volteiro do:

«... muito me tarda
o meu amigo na Guarda!»

Mais ampla e mais vítrea, a lua parecia forrar a face coalhada dos céus. A hora da missa acercava-se, — acercava-se o hino jubiloso e libertador do «Glória». Os bèsteiros do conto haviam abandonado a corrediça dos muros para acudir à catedral. Levantada e aguerrida, a cidade comemorava o advento de Deus, como uma só alma, animando um só coração. Erguidas as levadiças das portas, corridos os grossos ferrôlhos, não temia a Guarda que a piedade lhe diminuísse a vigilância de que o seu nome campeava, soberbo e cheio. De joelhos no templo, a cidade rezava pela bôca dos seus maiorais, — pela bôca de pequenos e grandes. Apenas o jogral, encostado ao pórtico, se regalava, tabernário e mal vivido, passando e repassando as moedas que lhe comprariam a carne de escambo, entre arremêsso de dados e picheis de vinho escumante.

Digitized by Google

De súbito, como se uma poeira repentina lhe turvasse a vista, sentiu o jogral que o luar titubeava. Uma nuvem movente crescia sôbre a cidade, galgando pelas planícies vastas dos céus. Quís o jogral persignar-se, mas as mãos se lhe detiveram, inarticuladas. Quís atravessar o pórtico e atirar-se para o templo, mas os pés não se mexeram, como que soldados ao chão. E a nuvem crescia, — crescia numa corrida doida, semelhando um tropel de bêsta bem andante. Foi obra de feitiçaria o que a pupila aberta do jogral então presenceou! Debalde o triste clamava por santos e santas, prometendo ir descalço a Santiago, fazendo voto de se tornar eremita nas ruínas de Egitânia. Debalde! A nuvem crescia sempre, e, cada vez mais perto, dir-se-ia que baixava do alto para esmagar a cidade, enfiando direita à catedral.

— «Chegámos, senhor D. Gil!»

E o hoste romano (que era o Diabo, muito aqui para nós), segurando pela rédea a montada do bispo, pisava terra firme, depois da sua carreira desenfreada pelos ermos assombrados do firmamento. De velho morreu o jogral e sempre jurou que D. Gil viera pelos ares, a modo de nuvem, trazido por um soldado de armadura tilintante e grossos chavelhos retorcidos, enfeitando-lhe o casco sinistro.

Digitized by Google

*

* *

Mas o pasmo do jogral tornou-se, depressa, o pasmo de toda a Guarda ajoelhada na catedral. Desaparecera a mula, — desaparecera, como por encanto, o hoste romano (era ou não era o Diabo?). Vestido do caminho, D. Gil entrou no templo. Não queriam crêr no que viam seus olhos humanos, cónegos e raçoeiros, homens-bons e mesteirais. O mulherio sussurrava, com interjeições de espanto e mêdo. Mas D. Gil avançava, sorridente, como em tardes espelhentas de procissão. A neve cobria-lhe a capa. — E D. Gil, sacudindo-a, malicioso, acrescentava a meio da nave, para a espectação que o rodeava:

— «Como nevava agora nos Alpes!»

Digitized by Google

O MENINO PROMETIDO

Seja em louvor de Cristo Senhor Nosso, por todos os séculos dos séculos, amen!

Ora naquelas partes da Lusitânia fôra sempre de grande nomeada o santuário dedicado ao deus Endovélico, como na linguagem do tempo usavam os da terra chamar a Cupido. Por conselho de seus feiticeiros, erguera-o de finas pedras, no meio dum bosque, Maharbal, capitão cartaginês, depois duma enfermidade longa e misteriosa. Seria o ano três mil seiscentos e três da criação do Mundo, segundo doutíssimos pareceres, trezentos e noventa e cinco anos, antes da vinda de Jesus, nosso bem. Assim o afirma, com a melhor das certezas, um livro mais velho do que a própria velhice que eu tenho aberto diante dos olhos, para regalo do espírito e desenfado das horas.

Neste livro se conta que Maharbal andava assentando povoados nas costas do mar que é hoje o mar do Algarve, quando apareceu uma nau carregada de fartos tesouros com derrota aos portos de Chipre. Trazia Cartago o ânimo aceso contra as nações do Levante, por cubiça do império das águas.

Digitized by Google

De nada mais se valeu a sanha de Maharbal para entrar a nau pela fôrça e torná-la presa segura nas suas mãos seguríssimas. Debalde os que iam embarcados se procuravam defender das afrontas da morte, agarrando-se em gritos lastimosos às imagens de Vénus e de seu filho Cupido que levavam consigo como oragos.

A espada dos vencedores apenas poupou o corpo impoluto de algumas sacerdotisas, para o entregar, afinal, a destinos menos bondosos.

Queimaram-se fogos de alegria em sinal de vitória e Maharbal marcou para si e para os seus soldados, mais um dia de triunfo. Não tardou, porém, a adoecer de doença que não se rendia nem à sciência dos bruxos nem ao poder secreto das hervas de virtude. Prolongou-se a moléstia, enredando na cama, como uma dona achacada, o capitão cartaginês. Suspeitaram de sortilégio os que de perto o acompanhavam. E consultadas em sacrifícios fumegantes as entranhas fumegantes das vítimas, concordaram as adivinhas em reconhecer que Maharbal necessitava de aplacar a ira de Vénus, pelo desacato cometido na presença da sua imagem.

Pegou-se o cabo de guerra ao amor da vida, para ao menos acabar com ela, jogando as armas em lance mais digno. Por isso, não longe da colina em que os Élvios alevantaram muralhas e edificaram habitações, se deu em breve comêço a um templo de fábrica custosa, bem depressa consa-

Digitized by Google

grado, como um logar de virtude, pelo fervor dos naturais daquelas partes da Lusitânia. Lá dentro colocou Maharbal, em satisfação à cólera divina, entre oferendas riquíssimas, uma riquíssima estátua de Cupido, de prata macissa e tamanho fora do comum. Achou-se Deus com padres que o servissem, conforme a letra dos ritos. E não demorou muito que o seu culto se estendesse até às gentes mais remotas que não lhe deixavam a casa com óleo para as alâmpadas e rêses para as hecatombes. Cresceu o Santuário em fama e prodígios.

Gigantesco, o Deus representava-se contudo, debaixo das formas dôces dum menino. É que os da Antigüidade esperavam sempre por um menino que os viesse purificar. Não só em Israel os Profetas anunciavam o advento duma criança, por cuja lei de mistério se abririam as portas da Salvação. Entre os druídas, à sombra dos carvalhos solenes, veneravam-se também altares em honra duma virgem que havia de conceber, — da «*Virgo-Paritura*».

«Nasceu para nós um Menino e um filho nos foi dado...» — cantaria mais tarde o côro agradecido das gerações. Na cegueira da gentilidade não se apagou nunca essa confiança no Menino prometido. Anteviu-o o oráculo de Apolo ao responder que em Roma o Templo da Paz ruïria pelos alicerces, na hora em que uma donzela sentisse pejado o seu ventre sem mancha. Já a Sibila, nas suas

Digitized by Google

predições tremendas, se acalmara com a visão dum rei maior do que nenhum outro, saído de entranhas imaculadas. Duma voz misteriosa o ouvira o próprio Augusto no alto do Capitólio. E Vergílio, poeta romano por excelência, chegou a saüdar, em carmes austeros, uma nova ordem de tempos, trazida ao género humano por um infante extraordinário. Quem sabe se, na dureza ingénua dos seus corações, os adoradores de Endovélico não palpitariam igualmente, através da falsidade do ídolo, a mesma esperança confusa do mundo pagão no Menino prometido?

*

* *

Continuou o santuário de Endovélico a subir em glória e em nomeada. Ficava num bosque de aloendros viçosos e as fontes corriam-lhe à roda em veios abundantes. Acudiam doentes, de todas as bandas da Ibéria, a propiciar a benevolência do deus. Perdera-se já o conto às inscrições que lhe celebravam as graças, mais aos amuletos que lhe propagavam a devoção. Nunca na ara se lhe extinguia a chama invocadora, nem o cutelo dos auruspices conhecia o repouso. Amílcar, em seguida à conquista das Espanhas, depôs aos pés de Endovélico um arco votivo com aljava e setas, — tudo do ouro mais fino e mais trabalhado. Comovo-me na alma e na carne, quando imagino que na minha

Digitized by Google

recuada linhagem, algum avô ignorado ajoelharia ali com o anho do sacrifício pendente do braço! E quero crêr que, perante Endovélico, é que Viriato juraria a sua desforra formidável.

Metido no bosque de aloendros, o deus inclinava-se mais para os lusitanos, que o festejavam com escaramuças heróicas, do que para a marcha aventurosa das águias latinas.

Passaram-lhe à porta as legiões de Júlio César. Ia já no poente o prestígio do Deus, porque não pôde fulminar com a sua ira os atrevidos que o despojaram do voto precioso de Amílcar. Viram os agoireiros, na impassibilidade de Endovélico, mostras assustadoras de ruína inconjurável. No entanto, os aloendros floriam sempre e as curas miraculosas não deixavam de chamar ao santuário uma multidão desgrenhada de peregrinos suplicantes. Gigantesca, a estátua de Endovélico acolhia as ofertas piedosas que se lhe coalhavam em casa. Mas um véu de melancolia adejava em tôrno do olhar parado do Deus.

Na volta do Zodíaco atingiu-se, porém, duma vez, a noite máxima do ano. Em memória de perdidas crenças, costumavam os antigos comemorar essa noite, levando-a toda de vigília, junto de grandes fogueiras. Mal a tardinha caíu, logo se acenderam fachos pelos outeiros, em obediência ao preceito secular dos antepassados. Ninguém se lembrava, nem os anciãos, duma noite tão dôce! As estrêlas tremeluziam mais vivas, como que mais

Digitized by Google

perto. Penetravam os mistérios do céu profundo os que se prezavam de entendidos na leitura dos astros, e não escondiam o seu espanto descobrindo, pelas alturas, constelações nunca vistas. Para os lados do Oriente, contemplavam-se três sóis, que se abraçavam num só. Escutavam-se pelo ar cantos alados.

Havia perfumes na noite incompreensível, como se a primavera já viesse de jornada. As mulheres grávidas ouviam falar nos flancos os que estavam para nascer. Conforme as palavras da Sibila, a água das nascentes mudou-se em azeite brandíssimo. E a noite, dôce como nenhuma outra, enchia-se de estranhas claridades. As flôres abriram um momento, como por encanto. As vinhas cobriram-se de cachos apetitosos. E a gente da Lusitânia saíu para o plenilúnio, cantando e dançando, como soía fazer, em louvor dum deus desconhecido.

Só o templo de Endovélico jazeu no silêncio e na escuridão. Parecia um lugar de luto no contentamento que alagava a Terra e os Céus. A noite incompreensível esquecera-se dêle nos seus afagos de maravilha. Pusera-o como que à parte da vida, enquanto as flôres se abriam e frutificavam as vinhas. Sem que mão profana as soltasse, as rêses dos santuários tresmalharam-se pelo bosque de aloendros, o sacerdote encarregado de velar pelo fôgo da ara, achou-se também dançando e cantando ao plenilúnio, em louvor dum deus desco-

Digitized by Google

nhecido. E quando, ao dia seguinte, os padres entravam no templo para as cerimónias da madrugada, deram com Endovélico prostrado no chão e todo desfeito em poeira miserável.

Lá longe, naquela noite, em Belém da Judeia, tinha nascido nosso Senhor Jesus Cristo.

Digitized by Google

Digitized by Google

CRISTO EM EMAUZ

É do Evangelho de segunda-feira de Páscoa. O Senhor tinha ressuscitado, e nessa mesma tarde, dois dos seus discípulos, — um dêles chamado Cleofas, dirigiam-se para a aldeia de Emauz, a sessenta estádios de Jerusalém. Dominava-os a sombra contraditória e trágica dos acontecimentos do Calvário. Esperando que Jesus resgatasse Israel, viram-no morrer a morte infamante da Cruz, e agora, que já três dias iam passados, o seu desalento aumentava ao saberem que as santas mulheres, visitando o sepulcro, não haviam encontrado mais que as fachas ensangüentadas da mortalha do Messias. E Jesus? Onde estaria Jesus? Aonde é que o seu corpo seria levado por mãos profanas e atrevidas? Nisto, aproximou-se um outro viajeiro, — era o Senhor —, pôs-se a marchar ao lado dos dois, inquirindo da sua consternação. Não o reconheceram os peregrinos, de cansados e sumidos em tão grande agonia. «Em que é que falais? Que aflição é a vossa?» Não se conteve Cleophas sem que lhe respondesse, em tom alterado: — «És tu de tal maneira estranho a Jerusalém que ignoras, por acaso, o que se acaba de passar?»

Digitized by Google

Seguiu Jesus conversando com êles e assegurando-se da lástima que sinceramente os acabrunhava. Tão cegos da sua carne pelas escamas que lhes cobriam os olhos, não se rendiam aos esplendores que irradiavam do rosto do Divino Mestre. «Jesus crucificado, decorridos os três dias das profecias, e Israel sem esperança de resgate! — Soluçavam os dois, de viático ao ombro, com as sandálias escaldando pela poeira abrazante da estrada. Consolava-os Jesus com a sua palavra dôce, como um óleo finíssimo, mas nada acalmava no seu exaspêro os dois que Lhe deploravam a morte. Começou, então, o Senhor de lhes explicar o sentido oculto dos Profetas. «Ó homens insensatos, não se tornava necessário que Jesus padecesse tormento para entrar assim na posse da sua glória?» Acercavam-se já de Emauz — o fim da jornada para Cleofas e seu companheiro. Simulou o Senhor despedir-se, como se continuasse ainda a viagem. Insistiram os dois: «Fica connosco, que a noite desce e precisas, talvez, de descansar.» Acedeu Jesus. E procurando uma estalagem, sentaram-se à mesa, pedindo de comer.

Ora, quando acudiram a servi-los, levantou-se o Senhor para abençoar a refeição, pegando logo num pão e partindo-o e oferecendo-o. Caíram de joelhos os dois nesse momento. E beijaram-Lhe os pés e trataram-O pelo seu nome. Não nos conta o Evangelista porquê. Mas assinal a perfeitamente que foi ao partir do pão que os de Emauz sentiram

Digitized by Google

abrir-se-lhes os olhos e tocá-los o clarão intensíssimo da verdade feita carne.

Meditemos nós no simbolismo imenso da scena de Emauz. Todo o nó da questão social se acha contido dentro dêle. Na barbárie crescente da nossa época, as fôrças morais eclipsavam-se diante do império, cada vez mais perto, do Aço e do Ouro. A dignidade humana, que vem da alma, — que vem do que nos homens é imortal e intransmissível, prostituíu-se diante da Máquina, introdutora, nos lares e nas oficinas, duma escravatura abominável.

A essência do Cristianismo é fundamentalmente *revolucionária*. «Eu vim trazer a Espada, — e não a Paz» —, disse o Senhor.

Mas a espada, para que se nos levante o ânimo e não deixemos sucumbir em nós o Espírito. Enganam-se, pois, os que nas formas plutocráticas da sociedade burguesa julgam encontrar uma expressão acomodada aos desígnios da cidade de Deus. Infinitamente misericordioso para com todas as chagas e para com todos os pecados, o Senhor só conheceu a ira, quando expulsou do templo os mercadores e os usurários. Aí está o fermento admirável da revolução trazida pelos mandamentos do Cristianismo.

Sofria a civilização antiga do mal que sofre a civilização contemporânea. Materializada até ao mais íntimo da sua medula, para ela, o trabalho era uma obrigação pesada e ignominiosa. Leia-se

Digitized by Google

Aristóteles, — leia-se Platão. Para êsses claros espíritos da Hélade claríssima, na ociosidade reside o privilégio primacial do cidadão — do homem livre. Assim se concebe como a estrutura do mundo clássico repousava inteiramente sôbre a escravidão. Desponta a alvorada cristã.

E se S. Paulo aconselha aos escravos que obedeçam e amem o trabalho, lembra tambem aos senhores que, tanto os escravos como êles, têem um Pai comum que está no Céu. De nada mais se necessitava para que a verdadeira emancipação se consumasse. Desde que a Igreja acolhia indistintamente no festim dos sacramentos a uns e outros, as cadeias de ferro caíam quebradas por terra, e uma segunda era, — a Era de Cristo, amanhecia por sôbre os plainos largos da história.

Se nós haveremos, até à consumação dos séculos, de comer o nosso pão no suor do nosso rosto, já se compreende porque em Emauz, Cleofas e o seu companheiro, se rendiam à evidência do Senhor só pela maneira como partiu e lhes ofereceu o pão. Também, no drama brutal em que a vida moderna se despedaça, levada pelo vento doido que sopra da Rússia, os desherdados e os revoltados, desde que o sejam de boa-fé, se inclinarão perante a Igreja, quando conheçam os tesouros incalculáveis da sua doutrina e das suas inspirações. Prisioneira dos interêsses criados, ninguém mais do que a Igreja vela pela condição do operário e dita

Digitized by Google

à Propriedade e à Riqueza uma lei com tanto de humana como de progressiva.

Precisamente no suscitar de tantos e tão graves problemas, como são os que enrugam de interrogações pesadas os horizontes quotidianos, não é nas fórmulas preconizadas por S. Tomás que nós vamos encontrar o princípio fecundo da Ordem-Nova, aquele eixo indispensável à harmonia perturbada da evolução?

Entende-se assim como Georges Valois, nas suas belas e salutares criações económicas, comece por invocar o verbo que existe à origem de todas as coisas e termine pulverizando a teoria materialista da história com um hino erguido à glória suprema de Deus. Eis no que consiste o valor *revolucionário* do Cristianismo. A Europa estaria perdida, como perdida estaria a civilização, se o sol de Cristo não residisse à raiz das nossas mais fundas aspirações; na cavalgada de catástrofe em que vamos arrastados, o que importa é destruír a obra nefasta do Liberalismo, que gerou consigo a epilepsia de sangue e fome em que se esbate o perfil asiático da Rússia dos czares. No regaço da Igreja nós acharemos a palavra fecunda da Ressurreição desejada. Como Cleofas e seu companheiro, temos Jesus ao lado sem que ousemos reconhecê-lo e proclamá-lo. Mas, quando Ele se nos imponha, — como Cristo se impôs na merenda de Emauz, — que as escamas nos caiam dos olhos e a nossa bôca seja pequena para

Digitized by Google

confessar o prodígio em toda a sua magnífica amplitude! Porque, em verdade vos digo, que um dia há-de chegar em que os desherdados reconhecerão ao Senhor, do mesmo modo que os dois caminheiros do Evangelho, — só pela maneira como partia o pão!...

Digitized by Google

SEXTA-FEIRA MAIOR

Feria VI in Paracesve... E a alma conturbada da Igreja repete, agora, os écos doloridos da Paixão. Já aí vem a lua da Páscoa, deixando pela esteira larga dos céus uma jornada de triunfo. Florescem os lilases. Anda no ar, desfeito em tentações enleantes, o mistério dos perfumes que regressaram da sua ilha ignorada. É a apoteose franca da Vida. Passa um alvorôço de orgia heróica neste resfolegar bravo de Abril. Estonteiam as influências fálicas do Signo. E, no entanto, a alma da Igreja perturba-se, — *tristis est anima mea Domine!*

Na penumbra dos templos clamam-se gritos agudos de agonia. Há como que uma vigília fúnebre. É amarelenta a luz dos círios, — um grande drama se celebra no recato do santuário. Ao anoitecer do mundo antigo, era esta a data em que as mulheres de Biblos iam chorar sôbre o corpo dilacerado de Adónis. Choremos nós, também, sôbre o corpo dum Deus chagado. Mas êsse Deus não é um Deus que desce para sempre às sombras inferiores do túmulo. É o Deus feito Homem, que assume a nossa condição carnal para que as profe-

Digitized by Google

cias se cumpram e a face da terra se renove debaixo do sinal amplíssimo da Graça.

A Antigüidade, desgarrada pelos caminhos escuros do êrro, não perdera nunca a promessa longínqua duma redenção. Do fundo dos séculos, Jesus, — O que há-de vencer a morte, é esperado por sibilas e por videntes. Ei-lo que pende da cruz, na resignação submissa dum cordeiro imolado. Elevem como a chuva da tarde, que é breve e acaba logo. Mas, desde que o sangue do Justo assinalou a escarpa do Calvário, a dôr humana teve um sentido, teve um sentido o enigma trágico da Existência. Meditemos um pouco os passos augustíssimos da Paixão. Sexta-feira Maior — *feria VI in Paracesve.* São as vésperas da Páscoa, — ouve-se, lá fóra, o uivo sensual da primavera. No entanto, a Igreja perturba-se — *tristis est anima mea Domine!*

Remava, no Mediterrâneo, Thamuz — o piloto de Alexandria. Foi, então, que duma ilha deserta uma voz de luto exclamou: — «*Thamuz! Thamuz! O grande Pan morreu!*» E o mar encheu-se de alaridos angustiosos, subiu para os astros não sei que côro de lástima profunda. O grande Pan morrera. E, embaraçado, o piloto de Alexandria correu a Capréa, a contar a nova a César, Todo-Poderoso. Seria o ano de 33, e Pôncio Pilatos, procurador da Judeia, relatava, de longe, a Tibério, o suplício estranho dum iluminado. O grande Pan morrera. E, no cortejo que começa a descer as penhas hostís do Golgota, escancaram-se, de par em par, os

Digitized by Google

batentes da história para o milagre espantoso das civilizações futuras.

E a Igreja repete os lamentos do Psalmista. Sexta-feira Maior,—Missa dos Pre-santificados. Oh, o assombro dominador da liturgia, em que os símbolos se excedem na materialização do Sublime! Está consumado o sacrifício,—vai já cantada a Paixão. Entôam-se as Admoestações, em que o primado universal da Igreja se exalça até Deus-Vivo, chamando para o seu rebanho os «Herejes scismáticos, os Gentios e os Pagãos». Todo o pensamento social do Cristianismo se adivinha nesse momento solene do ritual, em que a unidade da Fé se nos revela, como a única unidade possível. Descobre-se, depois, a Cristo crucificado. É a adoração da Cruz. Eu não conheço patético mais alto que as queixas supremas do «*Populus meus*». «*Meu povo, que te fiz eu, em que é que te contristei!—responde-me. Porque te extraí da terra do Egipto, preparaste uma cruz ao teu salvador?*» E o diálogo desenrola-se em soluços elevados, a que o comentário do Triságio-grego empresta verdadeiros arrancos de agonia. Curvemo-nos diante da extraordinária cerimónia. Porque a primavera nos queima as veias em ímpetos de pecado, é que o Senhor se debate nas agruras do tormento. E a obediência que Êle nos ensina, enquanto os lilases que florescem e as seivas fortes que ondeiam, só nos levam atrás da mentira da nossa própria mentira. Sexta-feira Maior. E o *Populus meus* arrasta-se na penumbra dos

Digitized by Google

templos. «*Eu te elevei a um alto Poder, e tu me suspendeste no patíbulo da Cruz. Povo meu, que te fiz eu, em que é que te contristei?*»

Quem é que há aí que não preguntasse já a si mesmo donde é que vinha e para onde iria? Oh, pregunta sem resposta, que só o martírio de Cristo nos aclara! Ainda ontem, nas galas de quinta-feira de Endoenças, o *Pange língua* anunciou aos nossos ouvidos duros: «*Ceda ao Rito Novo o Documento Antigo, supra a religiosa Fé a falta dos sentidos*». Psicólogos, aprendei! A Fé nos conduz para além dos sentidos, — para o prolongamento invisível em que a nossa vida mergulha, como num oceano sem limites. Tudo se sorve na mesma guela sôfrega, e, à nossa frente, sempre implacável, a dôr continua. A dôr só a vence o sofrimento. Soube sofrer o mundo antigo? Numa tragédia de Eurípedes, Diana, porque é imortal, não pode chorar. Petrónio abre as veias entre verbenas, e a frieza estóica de Marco Aurélio é o exemplo mais erguido da alma pagã. É a renúncia, — não é o sacrifício. O sacrifício amanheceu para o homem, como a nobilitação da sua angústia, desde que Cristo morreu.

Percorrei, em peregrino, a teoria das religiões. Só em Cristo a natureza divina se torna humana, para que a natureza humana se torne divina. Pequeninos Renans, meditai! Meditai comigo êste nocturno de Sexta-feira Maior. Lá fóra, anda a lua da Páscoa numa ascensão de triunfo. Sobe, para mim, o perfume dos lilases. Mas os meus olhos pro-

Digitized by Google

curam um retalho de sentimento eterno. Procuro a imagem de Cristo, — uma imagem pálida, de marfim secular, que já acompanhou a minha angústia e que tantas angústias terá recolhido. Vivo um instante, como os místicos, na minha humanidade a humanidade chagada de Deus feito Homem. E a palavra de Pascal, no *Mistério de Jesus: «A paixão de Cristo se prolonga em nós»*, grava-se dentro de mim como a evidência invencível da purificação pela dôr. «*Sim!* — diz-nos o Le Gallic, de Paul Bourget. — *Como tudo na vida conclui no sofrimento e na morte, se o sofrimento e a morte não tivessem essa significação, — a significação dum resgate, que significação haviam de ter, — que significação seria a da Vida?*»

E, em frente do meu Cristo familiar, ocorre-me agora a lembrança do Cristo dos primeiros séculos, — do Cristo de S. Basílio, do Cristo de Tertuliano. É o Cristo da Expiação, feio, imundo, porque, por humildade, revestira as formas mais abjectas e chamara à face os pecados do mundo, para, em transes aflitivos, os purgar. Não é o Cristo jansenista, — o tremendo Cristo julgador. Não é o Cristo dos nossos dias, — o dôce Cristo do Perdão e da Paz. É o Cristo do Sacrifício, o Cristo que morreu por nós e em Quem a nossa dôr se transfigura para os destinos impenetráveis da Imortalidade. É êsse Cristo das iconografias primitivas que eu hoje levanto na minha evocação inclinada. Êle é, para mim, o Cristo que arrancou a Santa Teresa o seu

Digitized by Google

admirável soneto à Humanidade do Salvador. É o Cristo-Homem. Recordemo-nos do Cristo-Homem, padecendo como padecem os homens. Na manhã da Ressurreição, Êle é já Cristo-Deus. É, então, a hora de Cristo se recordar de nós.

Sexta-feira Maior. Desceu o Senhor ao Túmulo. Mas, o Túmulo não se cerrou no silêncio pavoroso dos tumultos. «*A minha carne adormeceu na esperança!*» — reza a letra inspirada da procissão do Entêrro. Insculpam-ma na pedra funerária, quando os olhos se me fecharem para o derradeiro dos meus sonos. E, enquanto a Igreja vigia sôbre o sepulcro de Cristo, descoalha-se, em Monsalvato, o sangue do Senhor. Parsifal é ungido pela graça poderosa do Mistério. E a paixão de Kundry baptiza-se nas lágrimas dulcíssimas do arrependimento. Kundry é a primavera, que nos envia, lá de fóra, o seu convite lúbrico. Abençoemos a primavera, em nome das agonias de Cristo. Seja a nossa vida santificada pelo desejo espiritual de a não perdermos. Cristo não nos manda odiar a Primavera. A Primavera é bela, são belos os lilases. Pois duma sepultura fria, quebrado o poderio da morte, Cristo ressurgirá, para que a Primavera o aclame e os lilases Lhe floresçam aos pés.

Digitized by Google

CONTO DA PASCOA

Quando a lua assomou por detrás dos paredões da fortaleza, já a matança tinha começado. Subiam gritos roucos das vielas, enroladas na sombra trágica da noite, para logo se apagarem ao longe, num ruído confuso de batalha. Surpreendidos pela sanha do ataque, os vizinhos da cidade saltavam estonteados da cama, não sabendo, ao aferrolharem-se melhor, se eram os mouros que haviam tornado. E, no entanto, descidos do alcáçar, os homens de armas repartiam-se em bandos, e a cada esquina, no cotovelo de qualquer arcada ou no adro dos pequenos cemitérios da reconquista, engolfavam-se uns contra os outros, numa refrega impiedosa e sem cansaço.

Assim, por entre pragas e ais espaçados de moribundos, o dia de Páscoa vem encontrar a Bejaranos e a Portugaleses, dizimando-se furiosamente dentro dos muros de Badajoz.

*

* *

Corria o ano de 1289 e não se fechava ainda um século sôbre a hora em que a Cruz se vira has-

Digitized by Google

teada, nos adarves da cidade, pelas tropas vitoriosas de Alfonso de Leão. Abril viera, mais uma vez, com as cegonhas voando a sua rima compassada e os campos toucando-se de rosmaninho e giesta. Na véspera, entre a procissão solene dos cónegos e dos raçoeiros, o Bispo benzera na Catedral, o Fôgo e a Água. Tudo parecia, com a ressurreição do Senhor, anunciar a paz à velha atalaia do Guadiana. Mas os ódios antigos não dormiam, como brasas debaixo de cinza.

Não dormiam desde o primeiro instante em que a colonização de Badajoz, em seguida à sua tomada, se entregara a famílias oriundas de Portugal e a gente descida de Bejar — a caminho já das montanhas leonesas. Dividiram-se as terras, na presença do Rei, pelos povoadores da cidade.

Cêdo a cubiça despertou, ateada pela diferença de raças. E não tardaram Bejaranos e Portugaleses a procurarem-se nas ruas de Burgos, como duas hostes encarniçadas, por um sentimento bárbaro de extermínio.

Mandava em Castela, já unida a Leão, aquele D. Sancho, a quem os cronistas chamaram o *Bravo*.

Possuíam os Portugaleses valimento na Côrte, — o valimento de D. Afonso Godinez, favorito do Monarca. Descendia D. Afonso Godinez de certo D. Godinho Godinhes, — o de Coimbra, do qual se conta nas genealogias que de Riba-Mondego correra com a sua mesnada à conquista de Salamanca. Não se esquecia o favorito de Sancho IV dos

Digitized by Google

vínculos do sangue, na protecção dispensada aos Portugaleses de Badajoz. Quem sabe se êles não descenderiam, também, dos outros, dos que tinham subido de Riba-Mondego na mesnada de D. Godinho Godinhes, com os seus cintos aperrados e os enérgicos braços plebeus, denunciando a adolescência dum povo prestes a ser baptizado pela história.

Seguros de tão grande encôsto, empenharam-se os Portugaleses em expulsar de Badajoz os Bejaranos, — seus contendores. Não era menos forte o empenho dos Bejaranos em se desfazerem dos Portugaleses.

Com êste fermento constante de desavença, o próprio rei D. Sancho tentou, em pessoa, congraçar os dois bandos enfurecidos. Andavam então em Castela as coisas mui revoltas, por causa dos partidários dos infantes de La Cerda. Temia-se o Monarca de que em Badajoz, ou Bejaranos, ou Portugaleses, se voltassem para seus sobrinhos. Mas a acção apaziguadora do Rei durou tanto, como durou a sua estada em Extremadura. Tornando depressa ao antigo, conseguiram os Portugaleses atirar para fóra da cidade com os Bejaranos. E, não contentes, despojaram-nos ainda por cima dos seus haveres e fazendas.

Queixaram-se os expoliados a D. Sancho, e por decisão da justiça real, se intimou aos Portugaleses completa reparação. Entrados de novo na cidade, exigem os de Bejar que se cumpra a sentença da Cúria-Régia. Recusam os Portugaleses atendê-los,

Digitized by Google

arrumados ao apoio que lhes dispensava na côrte o favorito do Monarca. Logo a luta se acendeu, mais cruel do que nunca. Rompera em ligeiros motins, mal o sino grande da Sé badalara o recolher. Protegidos pelo esconso das vielas, puderam os de Bejar apropriar-se de parte da alcáçova, e na balbúrdia do massacre, os Portugaleses, saíndo, cegos, para o combate, não distinguiam a irmãos e a inimigos, na ira dos seus golpes enraivados.

*

* *

«*Liberdad! Liberdad!*» — gritavam os Bejaranos, no seu assalto às moradas dos de Portugal. E, de mistura com o tinir dos ferros mordidos de laivos vermelhos, já aclamam rei a D. Afonso de La Cerda. A manhã raiará, com o Guadiana muito quieto, espreguiçando na indiferença a sua linha arrastada e suja.

O estridor da carnificina renascera mais violento, — e ninguém pensava, ou alanceado pela dôr, ou ensandecido pelo ódio, em honrar a Cristo Senhor Nosso, ressuscitado naquele dia. Os sinos da Igreja-Maior ficaram calados, na alta tôrre ameiada. Nenhuma garrida se ouvia aqui ou além, convidando os fieis para o convívio dos Sagrados-Mistérios. Os largos atulhavam-se de cadáveres, e os cães lambiam, gulosos dêsse banquete inesperado, as poças de sangue negro. A porta da Catedral

Digitized by Google

ainda uma mão trémula a abrira. Mas os cadeirados do côro permaneceram desertos de beneficiados e de cónegos. Dir-se-ia que nem a Missa se iria escutar nas naves venerandas, quando no lagedo ressoaram passos brandos e leves. O Bispo entrava, sem cerimonial, acompanhado por um pàgenzito, transido de pavor.

Era uma figura macilenta de ancião, com longos sulcos de penitência na apergaminhada face de asceta. Dirigiu um olhar dolorido às capelas ermas e obscuras, para de pronto endireitar o busto, como que de ouvido à escuta. Lá fóra, à orla da manhã, a matança redobrava mais implacável, — com mais sanha. Turvou-se a expressão do Prelado, já de joelhos diante do Altar, onde bruxoleava uma alâmpada quási a extinguir-se. As rosáceas inflamavam-se a pouco e pouco, flamejando com o sol nascente, aleluias de côr. E na alma do Bispo, que atormentada procela! Perlavam-lhe a pele amarfinadas lágrimas, grossas e vagarosas. Nos lábios sêcos, adivinha-se-lhe o fio débil da oração refrigerando-lhos, compassiva. Adeja-lhe em tôrno um como que resplendor místico. O que passaria na prece do ancião, clamando piedade ao Senhor?

Mas, eis que o Prelado se levanta, tocado dum alento repentino. Levanta-se, com um aprumo majestoso de Pastor, e a um sacristão aterrado que se escoava na sombra, ordena-lhe que trepe à tôrre e despregue a revoada dos sinos, em repiques de festa solene. Paramenta-se êle próprio, entretanto,

Digitized by Google

com ouros e as galas da liturgia. A sua bôca recita, confiada, as palavras do Apóstolo : — «*Oh mors, ubi victoria tua?*» Uma luminosa serenidade lhe acaricia as feições, todo embebido em meditação profundíssima. No alto da tôrre, por sôbre a cidade a braços com a Morte, os sinos repicavam já a glória de Cristo-Ressuscitado. Passeando-se na crasta capitular, repetia o Bispo, impregnado duma secreta unção, a apóstrofe jubilosa do Apóstolo: — «*Oh mors, ubi victoria tua?*» E na tôrre, os sinos repicavam, — repicavam, levianos e açodados, na manhã transparente de Abril.

*

* *

Mas os cónegos não aparecem, — não aparecem os raçoeiros. Teria o Bispo de subir sòzinho os degraus do Altar, para que não faltasse ao Senhor a dádiva augustíssima da Missa? Volta o coração a apertar-se-lhe, percebendo para lá dos muros espessos da Catedral, o bater dos ferros homicidas, de envolta com os brados e as imprecações da batalha.

Enclavinha as mãos afiladas num gesto súplice de misericórdia, e é assim que êle avança para o presbitério, sem acólitos nem fieis, com a igreja vazia e o côro abandonado, como se um vento tumular houvesse soltado ali a sua rajada devastadora.

«*Introibo ad altare Dei!*» — murmura o Bispo,

Digitized by Google

meio curvado sôbre si mesmo. E logo eleva o pensamento ao Senhor, para que não se reze sem ouvintes a missa gloriosa da Ressurreição. Volve-se depois, lento e angustiado, — «*Dominus vobiscum!*» — pronunciando a saüdação ritual. Mas queda-se suspenso, de mãos erguidas, como se o tivesse roçado a asa duma maravilha nunca vista. Prostrada a seus pés, recolhida e atenta, uma imensa turba enchia a Catedral. Entrava silenciosa e em silêncio guardava a mais recolhida atitude, num desejo transparente de bem honrar ao Senhor.

Renova o Prelado a saüdação litúrgica, ao começar o ofertório. E então, a sua vista cansada, por entre a assistência comprimida, sem um rumor, ao longo das três naves, iluminadas pelo sol em caprichosas fitas de ouro, abrange agora, com surpresa, mantos floreteados de Alcântara, peitos de couraças esplendentes, magistrados de lôba e garnacha, damas arrastando brocados de preço, algumas cogulas mitradas, seguidas duma massa anónima de mesteirais e gente miúda, trajando honradamente a sua véstia domingueira. Apura ainda mais a vista o comovido ancião, e já reconhece muitos a quem ungira nos transes da agonia ou que êle acompanhara ao descanso final, entoando, pausado, o ofício de defuntos. Na ausência dos vivos, os mortos haviam saído do sono frio da sepultura para testemunharem, no milagre da própria ressurreição, o milagre admirável da ressurreição de Cristo-Jesus!

Digitized by Google

Inclina-se o Bispo para o Cálix mais para a Hóstia, num colóquio mudíssimo com Deus feito Carne. O seu olhar anuviado mal atinge, esforçando-se, as rubricas góticas do missal. Bate-lhe o coração numa fadiga inexprimível. Mas ao momento solene da Consagração, com o sangue do cordeiro imolado, o Bispo oferece-se, em holocausto sincero, para que a alegria visite os Vivos e a paz seja dada aos Mortos, de boa vontade. Vai-se arrastando, trôpego e exânime, na observância dos passos canónicos. «*Ite, missa est!*» — balbucia, por fim, com a voz desmaiada, a desfalecer-se-lhe na garganta.

O estranho povo de fantasmas sumira-se como por encanto. E ao suplicar, de cabeça pendente: — «*Placeat tibi, Sancta Trinitas...*», os membros inteiriçam-se-lhe de súbito, o espírito desampara-o sem sofrimento, e o Bispo adormece suavemente na Eternidade, como uma criança no regaço da mãe. Quem vira os Mortos confessar a vitória da Vida sôbre a Morte, não podia continuar mais entre vivos que estavam mais mortos na vida do que os Mortos no seu sepulcro de sombras!

*

* *

Tal foi o conto da Páscoa que o exilio duma vez me contou, sentado eu nas muralhas de Bada-

Digitized by Google

joz, a vêr subir a lua cheia por sôbre a terra amargurada da Extremadura. Scintilavam ao longe as luzes familiares de Elvas, — a dos eirados e dos baluartes. No borrão indistinto das coisas, recortavam-se pedaços soltos de fortaleza, como que destroços trágicos de batalha. Próximo, floria um lilás com o seu perfume alucinante e pérfido. Portugaleses e Bejarenses! E desterrada, a minha alma caminhava à margem dos séculos, despertando da poeira e do esquecimento êsse fragmento de violência antiga. O espectro do Bispo, epilogando com a morte a missa gloriosa da Ressurreição, penetrava-me duma melancolia profunda, — duma tristeza sem nome. E a lua subia sempre, congestionada e sinistra, numa apoteóse de sacrilégio ou de massacre:

«Allá dentro en Badajoz
dos bandos hoy muy contrarios,
uno de los Portugaleses
contra de los Bejaranos.
Acusam los Portugueses
à el su contrario bando
sobre el gozar de las tierras
gubriendo ser ventajado.
El rey D. Sancho está en Burgos,
las querelas le han llegado;
el rey por los Portugueses
se mostraba aficionado.

Na aragem que passava, — aragem perturbante de primavera, como que formava corpo o rimance:

Digitized by Google

do poeta Lorenzo Sepúlveda. Eis Sancho, o *Bravo*, que desce, apressado, a salvar das mãos dos Bejaranos rebeldes, a sua cidade de Badajoz. O assédio é forte e renhido, até que, entrado o castelo,

El rey con crecido enojo
mandó matar todo el bando:
entre homes e mujeres
cuatro mil han degollado.
Todos los mató en un dia,
que ninguno no han dejado
que hubiesse por apellido
sobrenombre Bejarano.
La justicia fué cruel,
según que vos he contado;
pero los que san traidores
mereceos hacer tal pago.»

Mas até a mim, de toda a hecatombe, não chegava mais que um éco desmaiado de lenda. Aliciante e lascivo, o lilás derramava, na noite coalhada, a perfídia do seu perfume envolvente. Apenas o scenário tôrvo da cidadela me punha em comunhão com o rimance do poeta quinhentista. Aquela seria, talvez, a hora em que os de Bejar arrancaram das armas, entrando a segar nos Portugaleses. E de novo, nas minhas reminiscências atávicas, um côro de massacre crescia, imponente e bárbaro, vasando-se quási no metro heróico duma Gesta. Mas o lilás, respirando o seu aroma de filtro, depressa me enredava os sentidos num cân-

Digitized by Google

tico de moleza e luxúria, tal como uma sereia invisível. E eu, sentado nas muralhas de Badajoz, não me cansava de vêr subir a lua cheia, congestionada e sinistra, por sôbre a terra misteriosa de Extremadura...

Digitized by Google

Digitized by Google

O REI DAS BALEARES

No crescer constante da literatura espiritualista, o volume recente *Anthologie franciscaine du Moyen-Age,* publicado e anotado por Maurice Beaufréton, representa mais um belo livro para repouso do espírito e frescura do coração. Ao correr-lhe agora as páginas ingénuas, saltou-me logo à vista o nome dum príncipe de Portugal. Trata-se da *Paixão e Morte dos Santos Mártires de Marrocos* — saborosa narrativa medieval, descoberta e dada à estampa, haverá trinta anos, pelo alemão Han Müller. E o seu autor, embora anónimo, parece ser alguém da casa e comitiva dum filho de D. Sancho I, — o infante D. Pedro Sanches, aventureiro de generoso impulso, que andou ao serviço do Miramolim Iussuf e veio a cingir, transitoriamente, a corôa dum reino bem precário, o reino das Baleares.

Ainda está por escrever êsse capítulo agitado da nossa história, em que se nos evoque a existência romanesca de tantas e tantas plantas reais de Portugal, que passearam a febre da Raça por todas as estradas do mundo, ficando, como almas-penadas, a errar sem repouso. Comanda a lívida caval-

Digitized by Google

gada uma figura varonil de mulher, a condessa Matilde, verdadeira precursora, na sua ambição infatigável, da Bélgica moderna. *Puela de Portugal* lhe chamam os analistas contemporâneos, gabando-lhe a formosura. E viúva de Felipe da Alsácia, mostrou possuír, em mais dum lance violento, a heroicidade e a decisão de ânimo de seu pai, — o nosso Afonso Henriques. Por uma lei misteriosa do destino, quís Deus, oitocentos anos mais tarde, na região encharcada de Lille, por onde ela galopou e guerreou à frente dum punhado de fieis portugueses, que soldados da sua Pátria santificassem, com a sua dôr de cordeiros vendidos, o mesmo chão inhóspito e amargurado.

Pois nas pisadas da formidável Matilde, seus sobrinhos, nascidos do enlace de D. Sancho I com D. Dulce de Aragão, dificilmente se aquietam no ninho paterno. Encanta-me, como motivo literário, seguir-lhes a vida dramática e intensa. D. Fernando, atraído à Flandres pela condessa Matilde, é o destemido conde Fernando da batalha de Bouvines, que a populaça de Paris contemplou dentro duma jaula, cuspindo-lhe os insultos mais afrontosos. Pobre princezinha morta nas brumas com saüdades do sol, D. Beringela, casam-na para a Dinamarca, e, sombra que se dissolve em sombras, permanece ali na tradição popular como um génio malfazejo — ela, tão dôce e tão gentil, que, muitos séculos decorridos, ao abrirem-lhe o túmulo, os sábios se surpreenderam com a proporção admirável de todas

Digitized by Google

as peças do seu descarnado esqueleto. D. Teresa, D. Mafalda e D. Sancha ascendem à glorificação dos altares, tendo, sobretudo a primeira, como raínha de Leão, deixado atrás de si um sulco inextinguível. Tumultuário e menos calculista que seu irmão D. Fernando, D. Pedro, êsse, achá-lo-hemos ligado a um dos mais perfumados e impressionantes episódios da lenda dourada do franciscanismo.

Comprometido nas pugnas fratricidas em que Portugal se dividiu por causa do testamento de D. Sancho, exilou-se D. Pedro para a côrte leonesa, e é provável que assistisse à batalha das Navas de Tolosa. Refere-se-lhe presumìvelmente o *Chronicon* de Alberico, quando nos informa que da tomada do Castelo de Alarcos, a caminho das Navas, participou «el Damicelo *(demoiseau)* de Portugal». Atravessando o mar do Estreito, vai parar depois à Mauritânia, onde em 1220 se encontrava. Recomenda-lhe de Alenquer, sua irmã D. Sancha, cinco frades menores, que ardiam no zêlo de espalhar, entre os infieis, a semente de Cristo.

A provação para os fradinhos começou logo em Sevilha, por penetrarem numa mesquita, cheios do mais vivo fervor apostólico. Intervêem em seu favor influências imprevistas, e são, por fim, enviados para Marrocos. Recebe-os um nobre cristão, filho do rei de Portugal, o infante D. Pedro, detalha na *Anthologie franciscaine* a narrativa reproduzida por Maurice Beaufréton: «*Comment a été répandu au Marroc le sang innocent des fréres*

Digitized by Google

mineurs, dont le premier avait non Othon, le sécond Bérart, le troisième Pierre, le quatrième Acurse et le cinquième Adjutus» se intitula ela, na tradução de Beaufréton, sendo redigida no original latino por uma testemunha ocular do suplício sofrido pelos cinco discipulos do *Poverello,* e serviçal, como vimos, do filho do nosso D. Sancho I.

Não acompanharemos o patético relato na sua concisão enternecedora. Dirigido a S. Francisco, despertou no seu pequeno mundo monástico um sentimento tão grande de exaltação mística que Santa Clara pensou em abandonar a clausura para ir ganhar a morte às mãos dos sarracenos. Debalde o infante D. Pedro se esforçaria por valer aos cinco fradinhos, cuja «Paixão», à imagem da do Divino Mestre, se prolongou em tratos dolorosos, até que o governador do palácio, o príncipe Aborayde, lhes decepou as cabeças, uma por uma. O povoléu arrastou-lhes depois os corpos pelas calçadas da cidade, deixando-lhes, dispersos, os membros aqui e além, num clamor selvagem de carniceria.

Ordenou o nosso infante que recolhessem piedosamente os restos dos Santos Mártires e os pusessem num escudo a secar ao sol. O criado que tomara sôbre si o piedoso encargo, açulado pela luxúria, não conseguiu duma vez resistir à vertigem da tentação. Viu-se imediatamente com os braços inertes sem poder tocar nos venerandos despojos. Então, gritou-lhe o infante:

Digitized by Google

— «Receio que tenhas caído em pecado mortal. Vai-te confessar, homem de Deus!»

Obedeceu-lhe o servo sem demora, e quando tornou, arrependido e absolvido, «*il fit alors des reliques tout ce qu'il voulut*».

Regressou D. Pedro à Península, transportando cuidadosamente consigo os restos dos cinco Bemaventurados e mandando entregá-los a Coimbra, por meio dum tal Afonso Pires, de Arganil, de quem os nobiliários antigos rezam ser o que trouxe as cabeças dos Santos Mártires de Marrocos. «Porque non era bem avindo com El Rey Dom Afonso seu irmão», continuou o infante expatriado, cumprindo o seu destino de galopador dos grandes caminhos. Graças aos merecimentos dos Santos Mártires, — conta-nos a *Anthologie franciscaine*, — escapou sempre a perigos gravíssimos, tudo porque foi êle «*qui a fait connaître le merveilleux récit de leur Passion*».

Fornecer-nos-iam tema largo para uma magnífica novela de aventuras as suas andanças de perfeito cavaleiro sem eira nem beira.

Ao serviço do rei Jaime de Aragão, casa-se com Aurembiaux, condessa soberana de Urgel. Herda-lhe o condado por sua morte e troca-o pelo sceptro ilusório das Baleares. Irrequieto e inadaptado, corre D. Pedro a Constantinopla, revolteando a sua espada lobeira. Mistura-se nas contendas intestinas de Aragão e de Castela. Bate-se por seu sobrinho D. Sancho II, e, antes, Gregório IX agra-

Digitized by Google

dece-lhe, numa bula, o auxílio que lhe oferecera contra os lombardos. Não parando nunca no seu fadário de moinho de vento, acaba por morrer em terra portuguesa, decerto por caridade suprema de Deus. E esquecido nas dobras dos códices sonolentos, ei-lo que nos surge agora, num aspecto inesperado, envolto na luz discretíssima dos agiológios franciscanos.

*

* *

Condôo-me sempre, ao deparar nas páginas cosmopolitas de qualquer volume de acaso, com algum traço *súbito* da boa e velha alma portuguesa. Foi o que me sucedeu entreabrindo as fôlhas da *Anthologie franciscaine*. Se Eça de Queirós era, por vezes, um estilo em busca dum assunto, o infante D. Pedro é um assunto em busca dum estilo. Pois se há prosadores na nossa terra, tocados do espírito da língua e da castidade da História, aqui lhes entrego o rei das Baleares, verdadeiro antepassado de D. Quixote, que um belo dia, ao acudir em socôrro do seu reino, se apresentou galhardamente, levando por exército um total de quatro cavaleiros!

Digitized by Google

DAQUI A CINCOENTA E DOIS ANOS

Quando o personagem do romance célebre de Mgr. Roberto Benson se compenetrou de que era, na verdade, secretário e capelão particular de Sua Eminência o cardial Bellairs, dispôs-se logo a escutar do seu conviva a profunda transformação que se operara, desde o terreno político ao terreno religioso, em toda a face do mundo civilizado. Dificilmente Monsenhor se convencera de que havia nascido no ano de 1832 e se encontrava agora em 1853, à volta dos quarenta. Mas a realidade não lhe permitia mais duvidar. E então, com um sorriso fino de prelado romano, quási esquecido das notas que em tempos compusera para a *História dos Papas,* do dr. Watermann, Monsenhor fixou a sua atenção nas palavras que principiaram a ouvir-se na salinha confortável, à roda da mesa em que se servira o almôço.

Autor ilustre dum largo estudo sôbre o desenvolvimento intelectual no século XX, Mr. Mànner expunha agora a Monsenhor a crise gravíssima que a Europa atravessava, — ainda Monsenhor não tinha vindo a êste mundo — desde 1800 a 1820. «Decerto se lembra que essa época foi caracterizada por uma

Digitized by Google

tremenda agitação social. Nos países latinos, a começar por França e Portugal, existia uma carregada atmosfera revolucionária, empregada maiormente contra o princípio da Autoridade e em grande parte contra a forma monárquica, visto ser a Monarquia a mais viva e mais completa personificação dêsse princípio... O socialismo esteve a ponto de dominar. E tudo porquê? Tudo porque, no íntimo das coisas, o espírito religioso desaparecera totalmente».

E Mr. Mànners, com a fluência que o tornava um orador notável, entrou a resumir os factores diversos que levaram a achar o remédio para tamanho desequilíbrio no seio eterno da Igreja Católica. Não o seguiremos na sua apolegética elegante e persuasiva. Basta-nos que nos firmemos numa das suas conclusões.

Para Mr. Mànners, — homem de Estado que sabia reunir o pensamento à acção, o Amor «*era a única fórmula conciliatória entre a liberdade e a autoridade*». Por isso, os povos e os govêrnos, cansados dum êrro que datava de 1789, acabaram por pedir ao Catolicismo uma norma que lhes abrisse com segurança os caminhos da verdadeira paz.

Monsenhor, desmemoriado, dispendia esforços incríveis para ocultar o seu espanto. E muito mais ainda quando Mr. Mànners, sempre sorridente e ático na sua exposição, se referia ao incremento que os estudos teológicos haviam recebido, sobre-

Digitized by Google

tudo, das sciências naturais. Um pouco incrédulo, Monsenhor apalpava-se, receando o embuste de qualquer sonho mofador. Mas, decididamente, não sonhava! Êle, Mgr. Wastermann, era até, em carne e ôsso, o secretário e capelão particular de Sua Eminência, o Cardial Bellairs...

*

* *

Compreendia-se, afinal, a extraordinária expansão do Catolicismo. Chegara, enfim, a hora da sua universalidade. E Monsenhor, constatando os factos, preguntava a si mesmo como é que um dia se afastava do grémio da Igreja, resolvido a publicar, com anotações, a *História dos Papas,* do dr. Watermann. Preso de emoções contraditórias, Monsenhor debatia-se num conflito impossível de se definir. Acreditava e não acreditava, não sabendo qual das duas seria falsa, se a sua vida de ontem, perdida numa névoa distante, se a sua vida presente, de prelado romano, em pleno exercício das suas prerogativas eclesiásticas. Mas que loucura, verdadeiramente! Se êle nascera em 1932 e achava-se agora ali, no ano da graça de 1973, ombro a ombro com o ilustre publicista Mànners, escutando da sua bôca a transfiguração admirável que ia por todo o mundo.

— «Claro, — prosseguia Mr. Mànners, que a vi-

Digitized by Google

tória do catolicismo trouxe consigo a vitória das Monarquias. Não falarei da nossa piedosíssima Inglaterra, regressada, por graça do Senhor, ao rebanho de Pedro...»

— «A Inglaterra, papista?!»

— «Pois quê, Monsenhor?!...—E Mr. Mànners avançou, em seguida a uma pequena pausa. A impressão deixada por êle no espírito de Mgr. Wátermann foi tão aguda, que apenas a visita de tão conceituada personalidade terminou, Mgr., já nos seus aposentos, não se conteve que não gritasse para o seu companheiro — aquele mesmo sacerdote vèlhinho que assistira ao almôço: — «Mas não é tudo isto um conto? Um conto cheio de maravilhoso, com tanto de ingénuo como de grosseiro?» Pasmou-se, por sua vez, o padre vèlhinho. «Com efeito, Mgr., por motivo de doença, talvez, a sua memória mostra-se um pouco fraca.» Porém, Monsenhor, sem o atender, monologava como que duvidando: «A Inglaterra católica?! Pode lá ser!»

— «Tanto que é, que já os frades se encontram na posse de Westminster. O nosso rei, Eduardo IX, bastante moço ainda, é um católico fervente. Mas Monsenhor sabe tão bem como eu... demais a mais, secretário de Sua Eminência...»

— «A Inglaterra católica, apostólica, romana!... Mas eu deliro? Eu não sou senhor de mim! E o que sucede em França? — diga-me, por quem é! — exclamava Monsenhor, frenético, perdendo a com-

Digitized by Google

postura devida a um familiar do Eminentíssimo Senhor Cardeal Bellairs.

— «Em França reina Luís XXII...»

— «Pois tambem a Monarquia em França?!»

— «Também a Monarquia em França! Não ouviu há pouco dizer, à mesa do almôço, o que lhe contava Mr. Mànners? Com a propagação do catolicismo os tronos voltaram. É uma Europa monarquizada, realizando a sociedade internacional debaixo do patrocínio augustíssimo de Roma. Só a Alemanha, último reduto do materialismo e da Maçonaria, procura esquivar-se à influência geral. De resto, nem já a própria América é republicana!

— «Como assim?»

— «Mgr. está-se divertindo comigo», — afirmou, entre respeitoso e molestado, o padre vèlhinho. Quem é que ignora, por exemplo, que o México é hoje um império?

— «O México, um império?!» — E Mgr. pulava na poltrona, num nervosismo destremolhado, que não ia bem com os vivos roxos da sua batina correctíssima. — «O México, um império! Quem é, então, o imperador?»

— «O rei de Espanha», — respondeu o vélhinho, já revestido de serena paciência.

— «A Monarquia voltou, pelos vistos, a Espanha! E a Portugal?» — insistia Monsenhor, sacudindo, com o lenço fino, a ponta da romeira.

Em Portugal, desde 1935 que está restaurada, — elucidou o ancião, sorrindo com mais paciencia.

Digitized by Google

E, entre os espantos de Monsenhor, a conversa foi-se arrastando na calma repousada do gabinete...

*

* *

Ora, enquanto a conversa prossegue, cabe-nos fazer aqui uma pequena observação de natureza mèramente cronológica.

A Monarquia que Mgr. Robert Benson, no seu curioso romance *Alba Plena,* anuncia para Portugal, é, fóra de contestação, a Monarquia Nova, tradicionalista por seu princípio e sindicalista por suas instituïções. Só ela, impregnada dum dos sólidos ensinamentos da Igreja, pode obter a fórmula de conciliação entre a liberdade e a autoridade que daqui a umas dezenas de anos, em 1970, depois de servido o almôço, com a sua exposição fluente, o ilustre publicista inglês Mgr. Mànners apontará à admiração quási infantil do desmemoriado Mgs. Masterman, secretário e capelão particular de Sua Eminência, o Cardeal Bellairs, todos por nascerem ainda. O autor do *Alba Plena* enganou-se, porém, num detalhe. E é que a Monarquia a restaurar em Portugal não será restaurada em 1935.

— «Porquê?» — preguntaria Mgr. atónito, caíndo de surpresa em surpresa, — se ainda continuassemos instalados no seu gabinete, seguindo o fio à conversa interrompida.

Digitized by Google

— «Muito simplesmente, — lhe responderíamos nós —, porque os integralistas a restauraram mais cêdo.»

E aqui está a pequena rectificação que nos cabe fazer ao curioso romance dêsse grande e exemplar convertido que foi Mgr. Robert Benson.

Digitized by Google

Digitized by Google

O QUE ESQUECEU A ADAMASTOR

Entre o mar e o céu... Desaparece o herói na sua forma humana imediata, para ressuscitar, ampliado e universal, nas linhas transfiguradoras do mito. Se na palavra inspirada de Afonso Lopes Vieira, a travessia aéria do Atlântico é o Canto-Undécimo dos Lusíadas, a morte de Sacadura Cabral é um capítulo inesperado e inédito da *História trágico-marítima.*

Não teria êle escolhido outro fim, se nas suas mãos tivesse a roda mágica do seu destino.

Entre o mar e o céu! E Sacadura Cabral, sem nos deixar rastos do seu corpo mortalíssimo, some-se, engolfa-se no mistério, como os varões dos velhos périplos da Antigüidade, arrebatados, ou por monstros marinhos, ou por sereias sensuais. Mas o herói, agora, é um herói cristão, com a Cruz das descobertas ensangüentando as suas asas de Ícaro redimido. E quando as águas o receberam, que funerais imensos os seus, que imensas as suas exéquias, com a névoa embrulhando a luz, — a névoa, essa pérfida amiga do Encoberto, testemunha eterna dos grandes passos da nossa epopeia naval! Regougando nas estrofes brônzeas de Camões a

Digitized by Google

sua raivosa ameaça, o seu preságio insatisfeito, a Adamastor escapou-lhe esta desgraça última, — êste último naufrágio!

E como êle o profetizaria, de ânimo pronto e contente, se adivinhasse abatido, no intrépido cavaleiro do Ar, o epígona admirável dos navegadores de Quinhentos!

Entre o mar e o céu... E do fundo das águas acudiriam as errantes «Almas de Mestre» da nossa odisseia e as carcassas limosas das naves do Descobrimento, — a *Frol de la mar*, a *Patifa*, a própria *Nau Catrineta*. E novos espectros surgiriam, — os Côrtes-Reais, saídos da sua prisão polar, os mareantes do Senhor Infante que os deuses do Atlântico desgarraram para sempre das areias de Portugal, os habitantes incertos da incerta Antília da lenda e até os lusitanos anónimos que a tempestade derrotou em plena Mancha, com o destrôço homérico da *Invencível Armada*.

Entre o céu e o mar... E o herói a todos resumiria, dando um alto espectáculo de beleza e honra a um século sem glória nem infâmia — a um século mordido do pior pecado: o pecado dantesco da «viltá». O vento reboaria então o seu responso interminável, crescendo dominador, crescendo cada vez mais forte. E dominador e cada vez mais forte, o vulto do herói, despojado do seu revestimento transitório, conheceria a lei libertadora da imortalidade, dentro da comunhão imortal dos da sua raça.

Inclinemo-nos, — nós, os de hoje, vítimas da

Digitized by Google

idolatria ignóbil do Ouro e da Máquina, — inclinemo-nos diante de quem nobremente confessou, entre o céu e o mar, a perenidade do nosso génio que, entregando outrora ao senhorio da acastelada Madre Europa a chave dos caminhos do Oceano, renovava em nossos dias a tortura alucinante de Ícaro, mas de Ícaro baptizado e amparado pela Cruz sangrenta de Cristo.

Inclinemo-nos! O herói sumiu-se. Voltará, porém, transfigurado pela fôrça comunicativa do mito. Se com êle se escreveu o Canto-Undécimo dos *Lusíadas,* com êle a *História trágico-marítima* ganhou o seu epílogo inesperado e incomparável.

Inclinemo-nos! E seja para chamar a nós a herança do cavaleiro do Ar, ensinando o regresso ao Espírito a esta pequena casa lusitana, olvidada, ao que parece, dos seus «cristãos atrevimentos».

*

* *

Entre o céu e o mar...

E com as vagas ululando e a névoa tecendo a sua eterna perfídia dôce, foi êste naufrágio último que esqueceu a Adamastor, regougando, agora e sempre, a sua ameaça insatisfeita nas estrofes brônzeas de Camões.

Dezembro, 1924.

Digitized by Google

Digitized by Google

ÍNDICE

I

Pág.

Esta Elvas... 3
Quinta do Vèdôr 9
A guerra do hyssope..... 27
Monsenhor..... .. 33
A lição do aqueduto..... 49
Carta para perto 53
O boi de S. Marcos..... 61
Cáceres 69
O casamento de meus avós..... 75

I

Dante 87
A Imperatriz Eugénia..... 93
A Infanta-Regente *(D. Aldegundes de Bragança)* 105
As flôres da realeza *(Carlos da Austria)*..... 111
D. António Barroso 115
O necrológio da Terra *(Conde de Monsaraz)* 121
António Tomás Pires..... 139
Gama Barros 151
Conde de Sabugosa 159
Sôbre uma campa *(Oliveira Martins)* 179
General Rodrigues da Costa..... 185
António de Séves..... 189

Digitized by Google

que ingénuo, à herança do sangue antigo, — às paisagens sóbrias e humildes, ao relêvo da arte popular e das formas típicas da Grei.

Caíu Hipólito Raposo em Coimbra, quando eu lá caí (não há maneira de fugir ao ar pessoal e directo de quem está ordenando uma página de *Memórias!*), — quando lá caíram Alberto Monsaraz, Luís de Almeida Braga, Américo Chaves de Almeida e tantíssimos. Dependurados da têta engelhada de Minerva, nos cinco anos do estilo que levou o nosso Direito, curávamos mais das brochuras que o França Amado expunha nas *vitrines*, do que da lição compacta e grave dos *Códigos*. Hipólito Raposo distinguia-se entre nós, — para a nossa admiração, porque praticava o latim, convivia a filologia, chegando até a tirar, como um aprendiz de teólogo, o exame misterioso e raro de hebraico! À orla do Mondego o espírito se nos conformou, então, na apertada irmandade que a procissão do Tempo não fez mais que selar e ratificar. Na Universidade ainda, publicou Hipólito Raposo os seus primeiros livros, — *Coimbra Doutora* (1910) e *Boa Gente* (1911). O gôsto dos trabalhos históricos e o enternecimento da sua Beira são os traços dominantes dêsses livros de estreia, — o seu nacionalismo literário abre já ali os passos. O nacionalismo político não tardará a dar-lhe consciência e vigor.

Formado, concorre Hipólito Raposo à cadeira de *Filosofia da Arte* na *Escola da Arte de Repre-*

Digitized by Google

Digitized by Google

Pág.
Anunciação *(José Bruges de Oliveira)* 195
Hipólito Raposo 207

III

Com a chuva caíndo grossa e lenta 217
Natal do exílio 223
D. Gil Cabral 229
O menino prometido 237
Cristo em Emauz 245
Sexta-Feira Maior 251
Conto da Páscoa 257
O Rei das Baleares 269
Daqui a cincoenta e dois anos 275
O que esqueceu a Adamastor 283

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 03588 1948

Digitized by Google

Digitized by Google